

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**MAGNOR IDO MÜLLER**

**“LÁ EM CASA A GENTE CONVERSA!”:  
pedagogias da conjugalidade entre travestis e seus maridos**

**Porto Alegre**

**2011**

CIP - Catalogação na Publicação

Müller, Magnor Ido  
 \\*Lá em Casa a Gente Conversa!\\*: pedagogias da  
 conjugalidade entre travestis e seus maridos /  
 Magnor Ido Müller. -- 2011.  
 121 f.

Orientador: Dr. Fernando Seffner.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
 Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
 Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. Pós-estruturalismo. 2. Gênero. 3. Sexualidade.  
 4. Travesti. 5. Conjugalidade. I. Seffner, Dr.  
 Fernando, orient. II. Título.

MAGNOR IDO MÜLLER

**“LÁ EM CASA A GENTE CONVERSA!”:  
pedagogias da conjugalidade entre travestis e seus maridos**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador:

Prof. Dr. Fernando Seffner

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Porto Alegre

2011

Para Gilson

Durante o tempo dedicado para produzir o texto, propositadamente esquivei-me dos agradecimentos. Pensava que deixá-los para a finalização seria lógico e respeitaria a prioridade pela construção do texto. Ledo engano! Jamais imaginei que ficaria diante de uma página em branco por tanto tempo e utilizaria com tamanha frequência a tecla “del”.

O receio de ser injusto com meus afetos, enaltecer demasiadamente pessoas importantes ou esquecer de citar alguém adquire significativa proporção. Assim como escrever, agradecer também é um exercício; contudo, não posso negligenciar sua importância.

Ao meu companheiro por absolutamente tudo. Os momentos em que reconheceu meu estresse, ofereceu sugestões, propôs questionamentos e verbalizou elogios. Ele está presente em todas as páginas desta dissertação.

Ao Dr. Fernando Seffner que soube, pacientemente, compreender minha imaturidade de pesquisador, que criticou quando necessário, trabalhou ao meu lado e sempre me motivou. Este trabalho é resultado da parceria que estabelecemos e que desejo ampliar.

Aos professores do GEERGE: Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Luis Henrique Sacchi Santos, Rosângela Soares e Dagmar Meyer que, através de seu trabalho, foram essenciais na construção das bases teóricas que hoje almejo seguir.

Aos casais que se disponibilizaram em me receber em suas casas, um espaço que, de maneira geral, somente dividimos com quem temos afinidades, intimidades e cumplicidades. Agradeço à Magda e Pedro, Sibeles e Gustavo e Franciele e Jonatan que hoje são mais do que participantes da pesquisa, são amigos. Sem vocês não haveria pesquisa, não existiria dissertação e eu talvez continuasse preso a tantos conceitos “normatizantes”. Cada um de vocês, do seu jeito, contribuiu para eu iniciar o processo de “transformação” de certas “verdades”.

À professora Dr<sup>a</sup>. Daniela Riva Knauth que me acompanha desde 2006 e por quem tenho infinito carinho e admiração. Obrigado, do fundo do coração, por contribuir para meu crescimento intelectual e pessoal. Se pudesse tornar realidade a pergunta: “O que quer ser quando crescer?”, não vacilaria em responder: “Quero ser igual a Daniela!”. Nutro a esperança de manter nossa relação de amizade, de professora e aluno e, quem sabe, participar de pesquisas ao seu lado.

À professora Dr<sup>a</sup> Guacira Lopes Louro, que através do seu trabalho tem, incansavelmente, “provocado” inúmeros “questionamentos” no campo dos conceitos sociais. Pelo seu trabalho, pela pessoa delicada e “transgressora” que é. Agradeço sua disposição em avaliar o projeto de mestrado e contribuir com preciosas e pontuais sugestões. Por dispor-se em participar da avaliação do resultado final do trabalho, também desejo agradecer.

À professora Dr<sup>a</sup> Larissa Pelúcio que, em Florianópolis, no elevador do hotel, respondeu com visível simpatia a minha abordagem. Seu aceite ao convite para a banca de

avaliação do mestrado e sua solicitude nas trocas de e-mail foram inestimáveis. Os resultados de seu longo trabalho com as travestis me acompanharam desde meus primeiros passos nos estudos sobre gênero e sexualidade.

Ao meu grandessíssimo amigo Sílvio Capaverde que sempre esteve disposto para discutir questões relativas à educação, sexualidade e relações entre os gêneros. Obrigado pelos textos sugeridos, livros emprestados e pela companhia nos momentos que se fazia necessário se “colocar do otim”.

Ao meu amigo e colega de curso Claudio Nunes que me incentivou e foi fundamental para que eu conhecesse meus limites e percebesse a importância de dedicar tempo aos estudos. “Valeu, FUI. Cn.”

À Débora Sostisso, minha querida amiga e colega, que muitas vezes me inspirou e serviu de modelo para mim. Sua capacidade de escrever, suas reflexões acerca dos assuntos discutidos em sala de aula foram essenciais para meu crescimento intelectual. Obrigado pelos momentos em que “filosofamos” juntos.

Aos amigos Marlo Fauri, Fabi Londero, Poti, Cátia Ayala, Madé, Cláudia, Grassi, Rochele Gallo, Ana Lorenzon, Catia Müller, Digão, Cezar Ferreira, Paula Sandrine, Beth Zambrano e Cláudia Ávila, agradeço por compreenderem quando me vi “forçado” a optar pela pesquisa e me ausentei das comemorações, das aulas e dos encontros para “jogar conversa fora”. Mesmo que fisicamente distantes vocês estiveram ao meu lado nos momentos de cansaço, insônia e ansiedade. Obrigado Cátia Ayala pelas transcrições das entrevistas e por tê-las feito pautada pela seriedade e sigilo das informações.

À Marcia, minha irmã, que é um exemplo de dedicação no qual me espelho.

Ao Marlon, Catia, Jenifer e Heitor, irmão, cunhada e sobrinhos queridos que vibram pelas minhas conquistas.

Por fim, para aqueles que, à sua maneira, acompanharam meu empenho durante o mestrado. Muito Obrigado.

**Uns**

**(Caetano Veloso)**

**Uns vão  
Uns tão  
Uns são  
Uns dão  
Uns não  
Uns hão de  
Uns pés  
Uns mãos  
Uns cabeça  
Uns só coração  
Uns amam  
Uns andam  
Uns avançam  
Uns também  
Uns cem  
Uns sem  
Uns vêm  
Uns têm  
Uns nada têm  
Uns mal  
Uns bem  
Uns nada além  
Nunca estão todos**

**Uns bichos  
Uns deuses  
Uns azuis  
Uns quase iguais  
Uns menos  
Uns mais  
Uns médios  
Uns por demais  
Uns masculinos  
Uns femininos  
Uns assim  
Uns meus  
Uns teus  
Uns ateus  
Uns filhos de Deus  
Uns dizem fim  
Uns dizem sim  
E não há outros**

## RESUMO

Esse estudo, desenvolvido entre os anos de 2009 e 2011, buscou conhecer de que maneira se constrói a conjugalidade entre travestis e seus maridos. Sob uma perspectiva pedagógica investigou as tensões existentes entre o modelo heteronormativo de conjugalidade e esta outra forma de união. Na perspectiva dos Estudos Culturais a pesquisa propôs-se a compreender a aliança destes casais, a produção da masculinidade dos maridos e a sociabilidade vivida pelos pares. Essa investigação foi realizada em classes populares, e é do tipo qualitativo e etnográfico. Durante dois anos conviveu-se com os três casais que participaram do estudo. Foram feitas entrevistas, observações participantes e diários de campo. Foram utilizadas, também, narrativas e observações de outras duas pesquisas anteriores que contemplaram o mesmo campo. As entrevistas foram gravadas, transcritas e posteriormente analisadas a fim de observar os tensionamentos existentes na conjugalidade das travestis com seus maridos. A partir da análise de seus depoimentos, cotejados pela bibliografia de apoio, conclui-se que o modelo de conjugalidade e masculinidade hegemônicos tangencia a aliança entre a travesti e seu marido. A forma de união dos participantes do estudo apresenta ao mesmo tempo semelhanças e rupturas com este modelo.

Palavras-chave: Travesti. Conjugalidade. Masculinidade. Sociabilidade. Pós-estruturalista. Estudos Culturais. Gênero. Sexualidade. Pedagogias.

---

MULLER, Magnor Ido. “Lá em Casa a Gente Conversa”: pedagogias da conjugalidade entre travestis e seus maridos. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. 115 pg. Dissertação de Mestrado, Faculdade de da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2011.

## ABSTRACT

This study done between the years 2009 and 2011 tried to know how to build the married between transvestites and their husbands. From a pedagogical perspective, it was investigated the tensions between the heteronormative model of married in this other form of union. From the perspective of Cultural Studies this research aimed to understand the alliance of these couples, the production of husband's masculinity and couple's sociability. This research was done in low income classes, is a qualitative and ethnographic study. For two years the three couples were listened and they answered interview. They also were observed. Stories and comments from two previous studies with the same people were used. The interviews were recorded, transcribed and analyzed for to observe the tensions existing in the married of the transvestites and their husbands. From the analysis of the interviews, by supporting bibliography, it is concluded that the model of hegemonic masculinity and married is tangent to these couples. This form of married presents with that model similarities and ruptures.

Keywords: Travestite. Married. Masculinity. Sociability. Post-structuralist. Cultural Studies. Gender. Sexuality. Pedagogies.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 “UNS MASCULINOS, UNS FEMININOS, UNS ASSIM...” .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1 “UNS AVANÇAM” .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2 “UNS NADA TÊM” .....</b>	<b>31</b>
<b>2.3 “UNS SEM” .....</b>	<b>38</b>
2.3.1 Magda e Pedro .....	39
2.3.2 Sibebe e Gustavo .....	43
2.3.3 Franciele e Jonatan.....	46
<b>2.3 “UNS ASSIM” .....</b>	<b>49</b>
<b>3 “UNS CABEÇA” .....</b>	<b>55</b>
<b>4 “UNS DIZEM SIM” .....</b>	<b>60</b>
<b>4 “UNS MASCULINOS” .....</b>	<b>70</b>
<b>5 “UNS QUASE IGUAIS” .....</b>	<b>88</b>
<b>6 “UNS DIZEM FIM” .....</b>	<b>111</b>
<b>“NUNCA ESTÃO TODOS” .....</b>	<b>115</b>
<b>“UNS MEUS” .....</b>	<b>120</b>

**APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA PILOTO: ..... 121**

**APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO ..... 123**

## 1 INTRODUÇÃO

Domingo, 14 de novembro de 2010, estou em casa e o telefone toca. Atendo e ouço a solicitação de uma chamada a cobrar. Hesito em atender, mas penso que pode ser algo urgente com algum familiar ou amigo. Ao atender identifico a voz de Magda<sup>1</sup> e sou arrebatado, por segundos, de um grande susto, pois ela não me telefonaria, se a situação não fosse urgente. Logo penso na saúde de Pedro, seu marido.

Após breves palavras ela me pergunta se poderia emprestar R\$ 80,00, pois irá para Maceió para participar de um Seminário que se propõe a discutir os Direitos Humanos e Cidadania de Transexuais e Travestis<sup>2</sup>, na segunda-feira e ela tem de ir ao aeroporto para trocar o horário do embarque. Os bilhetes para o encontro em Alagoas foram comprados em parte pela Prefeitura de Porto Alegre e em parte pelo Governo do Rio Grande do Sul.

Seu embarque está previsto para as 18 horas, mas outras participantes irão às 6 horas e 30 minutos. Ela não deseja viajar sozinha, então tenta trocar seu horário de embarque para o mesmo de suas amigas. Atendo seu pedido e me disponho, juntamente com meu companheiro, a nos encontrarmos no aeroporto. Desejo desta maneira ajudá-la, mas também queria observar como uma travesti seria atendida no balcão de uma companhia aérea.

Troco minha roupa e nos dirigimos ao terminal. De lá telefono e combino o local para nos encontrarmos. Espero por ela na parte exterior do aeroporto, próximo à parada dos ônibus. Fico conversando com meu companheiro sobre as dificuldades, principalmente financeiras, que são rotina na vida de Magda.

Passam 20 minutos e meu companheiro diz: lá vem ela! Olho e a vejo: passos rápidos, cabelo solto, calça capri, sandálias e blusa de algodão. Uma aparência que me chama atenção, pois estou habituado a encontrá-la em sua casa, onde ela está sempre com os cabelos presos, de vestido e chinelos. Cumprimentamo-nos, elogio seu visual e sou enfático ao comentar o tamanho de seu cabelo. Percebo que ela está bastante apreensiva, nervosa e insegura. Tento tranquilizá-la enquanto nos dirigimos ao balcão da companhia aérea.

---

<sup>1</sup> Os nomes utilizados nesta dissertação são fictícios a fim de preservar a identidade dos participantes.

<sup>2</sup> Magda não soube me fornecer maiores detalhes sobre o encontro.

A atendente nos chama e eu tomo a frente, mas em segundos me conscientizo que ela mesma pode resolver o problema. Durante o atendimento, a funcionária se reporta à Magda pelo gênero masculino devido ao registro de seu documento de identidade. Ficamos cerca de 20 minutos em atendimento e, no final, como eu me reportava à Magda pelo gênero feminino, a atendente passou também a tratá-la da mesma forma. Ela não tem sucesso em sua empreitada, pois os voos da manhã estão todos lotados. Contrariada, ela se conforma com o horário do embarque.

Decidimos levá-la até sua casa. No trajeto pergunto como está seu marido. Ela me diz o seguinte: “mona, tu não sabe o que ele fez! Colocou todos os remédios do babado no lixo para provar que me ama! Fiquei passada! Disse que esta não era uma forma de provar que me amava e que quem estava se prejudicando era ele.” Perguntei se eles haviam discutido antes dele tomar tal atitude e ela respondeu que eles não andavam bem, que o Pedro tinha problemas mentais e que tomara durante muito tempo “gardenal”<sup>3</sup>.

Ela explicitava que na verdade estava sendo sua “segunda mãe” e, por isso, desejava terminar a relação com ele. Que estava cansada das atitudes dele, embora entendesse que ele sofrera muito quando criança: “tu vê, até fome ele passou!”. Continuamos nossa conversa e, por ainda não termos almoçado, paramos em uma lancheria.

Fizemos os pedidos e, quando eles chegaram, ela solicitou garfo e faca. De repente decidi não comer. Pedimos embalagem para viagem e seguimos nosso rumo. Deixamos Magda na praça em frente à sua rua. Quando ficamos sozinhos, meu companheiro disse ter percebido que ela ficou envergonhada de fazer o lanche em nossa presença. Fui mais longe, disse que ela não “almoçara” a fim de dividir a comida com Pedro.

O excerto do diário de campo de 14/11/2010, apresentado acima, propõe-se a introduzir o tema dessa dissertação, na medida em que apresenta parte do cotidiano de Magda e Pedro, um dos três casais que participaram dessa pesquisa. Sibebe e Gustavo, Franciele e Jonatan são os outros casais que compõem o presente estudo e estão, ao lado de Magda e Pedro, vivendo uma forma de aliança pouco analisada no âmbito acadêmico. Não obstante a relevância dos estudos sobre as travestis, (Marcos Benedeti, 2005; Hélio R. Silva, 2007; Dom Kulick, 2008, Larissa Pelúcio, 2009) esta investigação dirige seu olhar primordial para este personagem ainda pouco conhecido: o marido da travesti.

---

<sup>3</sup> Gardenal é um medicamento anticonvulsivante. Nota do autor

O eixo central deste estudo são as pedagogias que estão na base dos laços conjugais que se constroem entre a travesti e seu marido<sup>4</sup>. Busca-se compreender como estão atravessadas questões pertinentes a essa forma de união, tais como a produção da masculinidade desses homens e as formas de sociabilidade vivida pelos pares. Os objetivos apontados surgiram a partir de duas pesquisas anteriores que foram apresentadas como monografias em cursos de especialização (MULLER 2006 e 2009).

Estas pesquisas precedentes permitiram construir uma relação de aproximação e intimidade com as travestis, o que viabilizou a realização do presente estudo acerca desta forma particular de conjugalidade. Sublinho que a intimidade construída com as travestis constituiu-se a partir de um processo de construção de intimidade muito próximo ao campo da confissão.

Só foi possível pensar no delicado tema da intimidade, mais propriamente da conjugalidade, após o estreitamento de laços estabelecidos entre o pesquisador, as travestis e seus maridos. A conversa com estes atores estimulou, sobremaneira, o desejo de conhecer os meandros desses relacionamentos, se não negligenciados pelos estudos acadêmicos, certamente longe de ocupar o foco das atenções dos estudiosos.

A partir do vínculo formado entre o pesquisador e as participantes me senti “provocado” no sentido de aprofundar o entendimento sobre uma outra maneira de homens viverem sua masculinidade e sexualidade. Inicialmente esta pesquisa privilegiava a construção da masculinidade dos maridos das travestis. Entretanto, na qualificação do projeto, a banca examinadora sugeriu que o tema que eu estava abordando com maior profundidade, se referisse à conjugalidade entre a travesti e o seu marido e neste caminho poderia ser conduzida a investigação.

No limite dessa dissertação, compreender e observar as tensões que essa união apresenta neste campo difuso que envolve sexualidade, gênero, sociabilidade e aliança entre duas pessoas, foram questões que instigaram a pesquisa. Pensar sobre essa forma particular de união tem possibilitado modificar a visão de “uma relação afetiva exótica”, recolocando outra percepção acerca desses laços conjugais.

Maria Luiza Heilborn (2004) empreendeu relevante observação antropológica sobre a convivência conjugal de sujeitos das camadas médias cariocas no início da década de noventa.

---

<sup>4</sup> Marido: termo êmico utilizado para definir o homem que tem uma relação estável e mora com a travesti. O termo é utilizado durante conversas entre elas ou com pessoas de sua rede de sociabilidade para diferenciá-lo do cliente da travesti.

Ao “desnaturalizar” diferentes tipos de aliança a autora problematiza aspectos fundamentais na relação social que constitui a conjugalidade. No dizer da autora:

[...] a conjugalidade não emerge de um fato jurídico. É isto sim, o que expressa uma relação social que condensa um ‘estilo de vida’, fundado em uma dependência mútua e em uma dada modalidade de arranjo cotidiano, mais do que propriamente doméstico, considerando-se que a coabitação não é regra necessária. (2004. p. 11 e 12).

O trabalho doméstico, o cuidado da relação, o nexos amizade e sexo e a gramática da cópula são, para esta autora, os princípios norteadores da vida conjugal. Ela investigou a forma pela qual estes fundamentos operam em três modalidades de casal: o heterossexual, o homossexual feminino e homossexual masculino e privilegiou a esfera simbólica como explicativa da lógica desses grupos.

Propus-me investigar, através de entrevistas semiestruturadas e observações participantes, como é o convívio do casal, a rotina dos afazeres domésticos e a distribuição das tarefas no cotidiano deles. A partir das análises de seus depoimentos, pretendo mostrar as dinâmicas e os movimentos que se estabelecem na relação entre marido e mulher e as relações sociais no local onde residem.

No primeiro capítulo disserto sobre minha trajetória junto à Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul – IGUALDADE - com o objetivo de contar como ocorreu minha aproximação e posterior construção de laços afetivos com os participantes da pesquisa. Em subcapítulos descrevo o campo de investigação, as residências dos casais, as características da vida das travestis e da relação com os seus maridos.

No capítulo denominado “Uns Assim” me dedico ao relato da metodologia utilizada na pesquisa, as particularidades que compõem a linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero e onde me situo dentro da perspectiva etnográfica.

Os temas apresentados nos capítulos “Uns dizem Sim”, “Uns Masculinos” e “Uns Quase Iguais” têm por objetivo apresentar aspectos relacionados à questão da masculinidade nesta forma de união e da sociabilidade vivida pelos maridos das travestis. Nos locais onde habitam e em suas interações sociais procurei observar as possíveis tensões vividas por estes homens. Tais tensionamentos colocam-se diretamente relacionados à sua masculinidade - delicadamente equilibrada nesta aliança. São as partes do texto que apresentam as “pedagogias” de construção da conjugalidade e da masculinidade dos participantes do estudo.

O sexto capítulo denominado “Uns Dizem Fim” apresenta considerações finais que tentam articular as falas analisadas no decorrer da pesquisa, cotejadas pela bibliografia referida no capítulo posterior. Nos apêndices dessa dissertação, cujo título é “Uns Meus”, apresentam-se as perguntas semiestruturadas que guiaram a primeira entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pelo casal antes da gravação e realização das conversas.

## 2 “UNS MASCULINOS, UNS FEMININOS, UNS ASSIM...”

A expressão que intitula este capítulo, retirada da epígrafe, da canção “Uns” de Caetano Veloso, é utilizada no intuito de desacomodar o binômio “homem OU mulher”, entendendo que, colocada dessa forma, a frase pode estimular uma reflexão sobre outras possibilidades de viver a sexualidade, a produção de gêneros, o conceito hegemônico de masculino e feminino e, ainda, o atravessamento das fronteiras consideradas socialmente como sendo as “corretas”. Nessa dissertação os limites são tanto os do gênero quanto os do sexo, pois ao dialogar com os pares sobre sua conjugalidade fez-se necessário abordar assuntos da ordem íntima como o desempenho sexual dos participantes, tanto no trabalho quanto em sua união.

### 2.1 “UNS AVANÇAM”

O meu interesse pelas questões de gênero e sexualidade iniciou na graduação do curso de enfermagem. Nela tive uma formação que sempre priorizou a técnica e os conceitos biomédicos, e foram poucas as disciplinas que discutiram assuntos das ciências humanas como, por exemplo: gênero, sexualidade, relações entre os indivíduos, cultura, representação, identidade, diferença e demais conceitos abordados sob a perspectiva dos estudos culturais. Os conteúdos desenvolvidos naquelas matérias puramente técnicas me fizeram ficar “atento” para outras possibilidades de “olhar” os pacientes que, no futuro, estariam sob meus cuidados. Deveria, de acordo com a minha percepção, haver outras possibilidades de se “entender” as pessoas, que levassem em consideração o contexto no qual elas estivessem inseridas.

A ausência de discussões em sala de aula sobre gênero, educação, sexualidade, diversidade, me instigou e me provocou questionamentos que nem sempre, para não dizer *sempre*, deixavam de ser saciados pelo corpo docente. Durante os estágios, tanto nos hospitais

quanto nas Unidades Básicas de Saúde, me vi diante de situações que constrangiam os pacientes que não se enquadravam na correspondência sexo biológico e práticas sexuais, pensando aqui apenas no aspecto das formas que estas pessoas viviam sua sexualidade.

Estes pacientes, mesmo sem saber, eram assunto e objeto de chacotas dos profissionais nos corredores, posto de enfermagem e refeitório. Aquela atitude me incomodava e me fazia pensar na distância entre o discurso da enfermagem que pregava observar o paciente de uma maneira “holística”<sup>5</sup>. Na verdade, constatei que a prática não apresentava nada de holismo, mas sim reproduzia padrões estereotipados e preconceitos de toda ordem.

Trago exemplos da minha infância onde vivi muitas situações e senti, na pele, nos ossos e no choro escondido, formas de exclusão, preconceito e comentários jocosos que eram semelhantes àqueles que as experiências dos estágios estavam me mostrando. Mas, eu precisava ser “forte” porque um enfermeiro “não pode se envolver emocionalmente com seus pacientes”, conforme uma professora, um dia, me disse. Na verdade eu acreditava que pudesse “fazer a diferença” no limite em que compreendesse *realmente* como ser um enfermeiro com um olhar “holístico” diante da pluralidade de gênero, classe, etnia, cor, etc.

Terminada a graduação percebi que meu local não era dentro de uma instituição mas em sala de aula, local em que poderia “problematizar”, “provocar” novas possibilidades de construir um novo “olhar” para os futuros enfermeiros e, talvez, fazê-los modificar a visão “normativa” que domina as ciências biomédicas<sup>6</sup>.

Saliento que a detalhada exposição a seguir justifica-se para descrever o percurso de aproximação e construção da intimidade com os participantes da pesquisa, travestis e seus companheiros. Cada etapa deste processo contribuiu, ao seu modo, na transformação do olhar do pesquisador diante de um panorama socialmente tão rico.

---

<sup>5</sup> Enfermagem Holística: A enfermagem holística abraça toda prática de enfermagem, cuja premissa é a de cuidar da pessoa inteira, reconhecendo que há duas visões relativas ao holismo: aquela em que o holismo estuda e entende os inter-relacionamentos das dimensões biopsicossocialespirituais da pessoa e reconhece que o todo é maior que a soma de suas partes; aquela em que o holismo entende o indivíduo como um todo integrado, interagindo com outrem através de ambientes internos e externos. Segundo a Association’s Standards of Holistic Nursing Practice, dos Estados Unidos, conceitos holísticos incorporam um equilíbrio sensível entre arte e ciência, habilidades intuitivas e analíticas, habilidade e interconexões de corpo, mente e espírito. (NETO e PAGLIUCA. 2002, p.827).

<sup>6</sup> A homossexualidade, quando discutida em sala de aula, ainda é explicada sob uma visão biológica. Conforme Benedetti (2005, p.24): Atualmente, as principais explicações biológicas para a “origem” da homossexualidade concentram-se em três diferentes argumentos: o primeiro aponta uma causa nos níveis e distúrbios hormonais; o segundo sinaliza para estruturas cerebrais diferenciadas; e o terceiro encontra em um gene ou grupo de genes a origem desses comportamentos, conforme Montes, Caldini & Caldini Jr. (1997).

Fiz uma especialização em Saúde Pública (2006) e, com exceção de duas disciplinas, novamente eram discutidas políticas públicas, técnicas, dados epidemiológicos, etc. No momento de escolher o orientador para a realização do trabalho de conclusão observei, numa lista, não o nome dos professores mas a sua formação. Encontrei uma antropóloga, a Dr<sup>a</sup> Daniela Riva Knauth, e pus um *x* no espaço indicado. Na época, não tinha a menor ideia do quanto aquele “X” mudaria minha percepção sobre a sociedade.

Orientação agendada encontrei-me com a Dr<sup>a</sup> Daniela e falei sobre os motivos que me fizeram escolhê-la para ser minha orientadora. Lembro que eu disse em meio a nossa primeira conversa: “Professora, quero estudar as travestis, pois elas, além de serem muito estigmatizadas, me perturbam. Não sei por qual motivo, mas fico irritado com elas”. Até então o objetivo de ter um olhar holístico não incluía as travestis, pois elas eram para mim pessoas inexistentes no mundo em que eu vivia.

Definimos, então, que meu trabalho seria sobre a percepção que as travestis tinham sobre o atendimento que recebiam no Sistema Único de Saúde. Um desafio, pois iria me aproximar daqueles corpos, daquelas pessoas que me “incomodavam”.

Quando defini com a Dr<sup>a</sup> Daniela que estudaria a percepção das travestis em relação ao atendimento que recebiam no SUS, estava, naquele momento, me “impondo um desafio”. Ela me deu o telefone da Igualdade<sup>7</sup>, o nome da Presidente e me aconselhou visitar o site da ONG, que “era cheio de borboletas”. Visitando o endereço eletrônico iniciei de imediato a julgar e a observar as fotos postadas como alguém que iria conhecer algo exótico, totalmente fora do que eu entendia como “pessoas normais”.

Na verdade, as travestis eram pessoas *abjetas* para mim. Sobre o significado do termo Judith Butler (2002, p.161) o define: “O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante.”. Eram corpos e pessoas que eu rejeitava, estigmatizava e desqualificava.

Página 18

---

<sup>7</sup> Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul - Igualdade surgiu em 1999 com a finalidade de integrar e promover a cidadania das travestis e transexuais. “Tendo ‘como objetivo principal:’ transformar a mentalidade das pessoas para que aceitem a nossa identidade de gênero ela pretende transformar o olhar da sociedade para que possamos viver num mundo de oportunidades iguais para todos e com verdadeiro respeito aos direitos humanos.” (site acessado dia 11/12/06 às 14:20). Atualmente há um Blog da ONG, mas não encontrei o objetivo principal da Associação, por isso mantive a definição do antigo site.

Na verdade, as travestis eram pessoas *abjetas* para mim. Sobre o significado do termo Judith Butler (2002, p.161) o define: “O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas vidas e cuja materialidade é entendida como não importante.”. Eram corpos e pessoas que eu rechaçava, estigmatizava e desqualificava.

Quando questionado sobre os motivos que me levavam a nutrir aquele sentimento em relação as travestis, a resposta era simples: “não sei!”. Na verdade, as emoções que experimentava eram o resultado das pedagogias as quais fui e continuo sendo submetido ao longo da vida.

Os ensinamentos ocorrem em todos os espaços de sociabilidade e não estão restritos à escola, como poder-se-ia imaginar. A mídia impressa e televisiva, as redes sociais, a igreja, enfim, em todos os locais onde há alguma interação entre indivíduos poderemos observar pedagogias que intencionam ensinar características próprias de cada gênero, práticas sexuais para cada gênero, comportamentos adequados para cada gênero, etc. Corrigan *apud* Guacira Lopes Louro exemplifica algumas pedagogias utilizadas para produzir o gênero masculino:

[...] O primeiro dia ficou impresso com horror para o resto de minha vida, as regras de ASKE [o nome da escola] permitiam – para bem produzir o menino – formas legítimas de violência exercidas por alguns garotos (sênior ou maiores sob alguns aspectos) sobre os novos. [...] são ensinados, disciplinados, medidos, avaliados, examinados, aprovados (ou não), categorizados, magoados, coagidos, consentidos. (1991, p. 200).

Guacira Lopes Louro fornece exemplos de disciplinamento aos quais foi exposta a fim de produzir o gênero feminino:

Minhas lembranças escolares parecem menos duras. Mas hoje tenho consciência de que a escola também deixou marcas expressivas em meu corpo e me ensinou a usá-lo de uma determinada forma. [...] Ali nos ensinavam a sermos dóceis, discretas, gentis, a obedecer, a pedir licença, a pedir desculpas. [...] Os propósitos desses investimentos escolares eram a produção de um homem e de uma mulher “civilizados”, capazes de viver em coerência e adequação nas sociedades inglesa e brasileira, respectivamente. (2007, p.18)

Observando o que é apontado pela autora podemos verificar que as pedagogias utilizadas para a produção dos gêneros ocorrem de maneira explícita, elas têm seus objetivos “anunciados” e podem ser observadas nas mais diferentes e inimagináveis ocasiões.

Partindo daquela premissa, durante os anos escolares, o convívio social, a “educação” da família e religiosa me formatou para que eu entendesse as travestis conforme descrevi anteriormente. Aos poucos, em detrimento de meu contato com as travestis e com questões relativas a gênero, sexualidade e educação, iniciei uma “reformulação” dos conceitos e dos valores morais que me constituem.

O primeiro exemplo do início de uma modificação ocorreu quando iniciei a me referir às travestis como pertencentes ao gênero feminino. De acordo com Marcos Benedetti:

É relevante esclarecer os motivos que me levam a empregar o substantivo *travesti* como pertencente ao gênero gramatical feminino. Além das razões que valorizam o próprio processo de construção do gênero feminino no corpo e nas subjetividades das travestis, e que levam em conta a utilização êmica desse termo, usualmente empregado na flexão feminina, há uma justificativa política. O respeito e a garantia à sua construção feminina estão entre as principais reivindicações do movimento organizado das travestis e transexuais. (2005, p.19)

A escolha do autor, no que tange ao gênero das travestis, fez sentido após participar da primeira reunião do grupo. Estava começando a admitir que poderia pensar numa pluralidade de gêneros. Guacira Lopes Louro, ao escrever sobre o binarismo da sexualidade, ou seja, OU se é homem OU se é mulher, propôs a seguinte “problematização”:

Se já perturbamos o binarismo da sexualidade, não seria possível expandir ou borrar os limites de outros binarismos? Perturbar a polaridade entre a verdade e a mentira, o belo e o grotesco? Haverá, efetivamente, uma única verdade? Ou as verdades serão múltiplas? É possível conviver com a pluralidade das verdades? Pode o grotesco ser, também, estranhamente belo? Quem diz desses limites? Quem está autorizado a proclamar a verdade ou atribuir a beleza? (2008, p.147).

Os questionamentos propostos pela autora sinalizam que há possibilidade de se atravessar a fronteira que determina equivalência entre o sexo biológico e as práticas sexuais e problematiza os binarismos que regem nossa sociedade. A autora também aborda a “legitimidade” que algumas “verdades” possuem em detrimento de outras, permitindo “arejar” o olhar sobre a diversidade.

Em 2009, realizei outra especialização, dessa vez em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, cuja monografia foi orientada pela professora Doutora Guacira Lopes Guacira Lopes Louro e que tinha como objetivo pesquisar de que maneira as travestis entendiam sua corporalidade. Uma das informantes fez a seguinte declaração, ao responder minha pergunta sobre a maneira como as travestis se enxergavam quando estavam diante do

espelho, “É isso aí: uma mistura dos dois!”. Tal resposta aponta para significados de pluralidade em relação aos gêneros. Refletir sobre corpos masculinos e femininos e eliminar o binarismo de OU homem OU mulher. Nesse sentido, Guacira Lopes Louro salienta:

Ao longo dos séculos, os sujeitos vêm sendo examinados, classificados, ordenados, nomeados e definidos pelas marcas que são atribuídas a seus corpos. Os corpos somente são o que são na cultura. Sendo assim, os significados de suas marcas não apenas deslizam e escapam, mas são também múltiplos e mutantes. Uma *drag queen*, em sua paródia de gênero, pode levar a pensar essas questões de forma mais radical. Sua figura estranha e insólita permite pôr em questão a originalidade e a autenticidade dos gêneros e das sexualidades, sugerindo que as formas através das quais todos nós nos apresentamos são, sempre, formas inventadas e sancionadas por circunstâncias culturais. (2002, p.01).

A autora ao nomear a “invenção” das formas corporais produzidas ao longo do processo histórico, ressalta sua imbricação com a cultura. Demonstra que essa “produção” está limitada pelo modelo binário (representado pelo masculino e feminino), o qual não contempla corpos como os das travestis e os dos sujeitos transexuais. Esses corpos que a autora nomina como “corpos que escapam” e que provocam abjeção e se associam à monstrosidade, em algumas pessoas são os mesmos que, para outras, são sedutores, provocam excitação e suscitam o desejo.

Seguindo a narrativa de aproximação dos participantes – importante para compreender o vínculo que irá se estabelecer entre o pesquisador e as travestis – cabe salientar que esta, em verdade, iniciou-se em 2006, na Saúde Pública. Através de um contato inicial por telefone, tentei várias vezes agendar com a presidente, mas nunca coincidia com os horários em que ela estava na associação. Certo dia, finalmente, pude conversar com a presidente da ONG.

Apresentei-me e disse que era inexperiente no assunto e que ela sabia mais do que eu, com o intuito de lisonjeá-la. A resposta que recebi foi: “Só Deus é que sabe tudo. O que tu queres com as travestis?”. Esta resposta foi permeada por desconfianças em um tom moderadamente agressivo. Falei do assunto e ela então, parecendo-me contrariada, convidou-me para a reunião da Igualdade no Mercado Público.

A Prefeitura da cidade emprestava<sup>8</sup> a sala número 10, no segundo andar, para que a ONG realizasse seus encontros. O Mercado Público é um lugar popular, no centro da cidade, próximo ao terminal de várias linhas de ônibus e da estação final do trem metropolitano. Sua localização facilitava o acesso às reuniões. Talvez este motivo contribuía para que as travestis

<sup>8</sup> Devido à baixa frequência das travestis nas reuniões da Igualdade, a ONG decidiu, neste ano, 2010, não realizar mais as reuniões no Mercado Público.

chegassem ao local e, também, por ser um perímetro popular elas se sentiam à vontade para circular por suas dependências. Os frequentadores do Mercado, pelo menos até onde pude perceber, as observavam da mesma maneira que eu, ou seja, como algo estranho, exótico, mas nunca presenciei nenhum tipo de agressão física nem verbal. Outro aspecto que me chamou bastante atenção é que elas utilizavam, sem constrangimentos, o banheiro feminino.

A atitude da presidente de “resistir” e, ao mesmo tempo, de “proteger” as travestis também é descrita por Hélio R. Silva:

[...]. Várias vezes, aproximei-me do bar de Emília, pedia uma cerveja – como pretexto para me demorar ali – e recebia um não – procedimento que, mais tarde percebi, ela fazia sempre ante um freguês indesejável ou estranho. Assim, cristalizou-se uma espécie de carapaça que me fazia flutuar entre o policial e o “caretão”. Tentei mudar. Fiquei um tempo ausente do campo e voltei. Mudei de atitude, não mais procurando entrevista nem perseguindo a informação. Apenas um bebedor de cerveja. Uma pessoa dúbia ali. (2007, p.35).

O autor continua sua descrição:

O universo, então, se abriu para mim com todo seu potencial confessional e informal. Isto porque aquele é o tipo de lugar que se oferece muito lentamente. Para entendê-lo, devem-se estirar as pernas, pedir uma cerveja, beber lentamente e ficar “olhando os longes” que nem o índio dos irmãos Villas-Boas. (2007, p.35).

À primeira vista, pode parecer que a experiência que o autor vivenciou não tenha relevância. Entretanto, para quem está iniciando a entrada em campo, sentir-se “excluído” pode ser bastante impactante como foi o meu caso.

Conforme combinado previamente com a presidente, cheguei ao Mercado Público por volta das 14h10min. Teria bastante tempo para esperar, pois ela só chegaria às 14h45min, ou seja, 15 minutos antes do início da reunião. Caminhei para localizar a sala de número 10 e, em frente à mesma, estava sentada uma travesti. Perguntei se a reunião da Igualdade seria ali e ela me confirmou prontamente com muita simpatia. A temperatura estava bastante alta e, como tínhamos tempo, perguntei se ela aceitava tomar um refrigerante. Após aceitar meu convite ela se levantou e me mostrou o caminho até as mesas. Pedimos a bebida e começamos a conversar.

Falei do motivo da minha visita, quem eu era e o que fazia. Ela se apresentou como Jussara, uma baiana que mora há 20 anos no RS. Falamos muitos assuntos, ela me contou sua

trajetória de vida, falamos de música, cinema, fim do mundo, juventude, suas práticas sexuais com os vizinhos e tantos outros assuntos que acabei por me sentir íntimo dela. Enquanto conversávamos pude observar que os transeuntes nos olhavam com certa curiosidade, com um ar de interrogação no semblante. Nossa conversa fluía e eu iniciei naquele momento, sem perceber, o processo de transformação do preconceito internalizado por mim em relação às travestis. Marcos Benedetti explicita o sentido desse estranhamento:

Por isso, talvez, uma certa imagem ao mesmo tempo de mistério e preconceito cerca as travestis, transformando-as simultaneamente “sedutoras” e “perigosas”. Seu poder transformador, sua garra em questionar os padrões e garantir suas diferenças estão explícitos nos seus corpos. É a não-adequação, aos olhos do senso comum, entre os significados dos seus corpos e os de suas práticas sociais e sexuais, que confere às travestis um poder especial, ambíguo, uma aura subversiva e perigosa, mas ao mesmo tempo sedutora e libertária. Elas questionam e reinventam os próprios modos de fabricação dos sujeitos, trazendo para si o poder de conformar suas curvas, seus desejos, suas práticas e significados do gênero. (2005, p. 132).

Observava, da mesa, a chegada de outras participantes da reunião, mas estávamos num bar, um pouco distantes, e elas não nos viam. Percebi que usavam vestidos longos e com decotes que davam a impressão de que os seus seios iriam “pular” para fora. De repente, vejo chegar uma travesti com os cabelos de um tom loiro que chamava muita atenção, carregando sacolas e uma chave. Logo entendi que se tratava da presidente. Jussara me confirmou que era a coordenadora. Levantamos, fomos até a entrada da sala e me apresentei para ela. Fui cumprimentá-la e agradecer o convite, ou seria uma permissão (?) para participar da reunião e para expor minha pesquisa.

Ela estava envolvida com a colocação de um cartaz na porta da sala e me pediu para que eu ficasse à vontade que depois conversaríamos. Entrei, sentei e fiquei observando as pessoas presentes. Algumas travestis, em torno de 10, alguns garotos, cerca de 7, muito mal vestidos, com uma aparência que causava certo “medo”. Pareciam assaltantes, mas como alguém que tinha “aparências” demais para enquadrar em conceitos, mudei o foco dos meus pensamentos. As travestis foram chegando, se cumprimentando e falando sobre a noite anterior. Tinham bastante intimidade entre si e pareciam não ter notado a minha presença.

A presidente iniciou a reunião lamentando por que havia pouca gente e que estava muito calor, então me apresentou ao grupo e pediu para que eu falasse sobre o trabalho. Levantei, para que todas pudessem me ver, e esclareci os motivos que me levaram até aquela reunião. Muito observado fui me sentindo mais aceito à medida que olhava para elas. Senti-

me, neste primeiro contato, como se estivesse ido à Amazônia conhecer a última tribo exótica remanescente da floresta.

Após explicar o objetivo da minha pesquisa recebi um comentário nada amistoso que pode ser resumido na fala de uma participante: “não somos ratos de laboratório! Vocês vêm aqui, nos pesquisam e desaparecem sem nos dar os resultados!”.

Desestabilizado e envergonhado depois deste comentário, argumentei e pedi um voto de confiança, afinal eu queria conhecê-las, saber de suas vidas, mas, sobretudo, queria fazer um trabalho que, de alguma forma, pudesse comprovar o preconceito que elas experimentavam no momento em que estivessem expostas nas suas consultas no SUS. Fui interrompido de imediato, pois elas já queriam contar suas experiências. Narraram que há muito constrangimento ao serem chamadas pelo nome de batismo<sup>9</sup>, nos momentos que antecedem as consultas. Falaram-me de alguns locais que as tratavam de forma melhor. O Posto de Saúde da Vila Cruzeiro foi o exemplo dado. Novamente sentei, a presidente incentivou a participação delas na pesquisa e pediu para que eu levasse um documento que lhe garantisse o meu retorno com os resultados da mesma. Queixou-se de outros pesquisadores que desaparecem ao findar o trabalho de campo. Comprometi-me com todas e combinamos em passar uma folha de papel para que eu tivesse seus telefones de contato.

A presidente comunicou as próximas datas das reuniões, dia 17/01/07 e outra 21/02/07. Passaram a lista dos telefones e percebi uma receptividade muito favorável à minha solicitação, pois nenhuma delas negou-se a informar seu número. De algumas, inclusive, recebi seu cartão. Ao final, todas saíram com suas camisinhas e gel lubrificante que estavam sendo distribuídos. Nem pude me despedir de todas mas me pareceu evidente que, de alguma maneira, elas se interessaram em participar do estudo que eu propunha.

---

<sup>9</sup> O Ministério da Saúde elaborou documento determinando que gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais sejam tratados e registrados com seu nome social - como são conhecidos e não o de Registros Civil- nos cadastros do Sistema Único de Saúde (SUS). O ministério vai exigir que a rede pública adote esse procedimento. A diretora do Departamento de Apoio á gestão Participativa, Ana Maria Costa, afirmou que a medida visa a inclusão desse grupo na sociedade: - É Preciso garantir a essas pessoas o direito de ser chamado pelo nome por meio do qual são reconhecidos. O público que mais sofre é o de travestis e transexuais, que tem aparência externa de um sexo e um nome civil do outro. O documento Saúde da População de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais tem o objetivo de subsidiar a conferência nacional desses grupos. - Os médicos continuam chamando essas pessoas pelos seus nomes de registro. Ninguém reconhece que alguém que nasceu João possa se apresentar como Maria. Para Ana Maria, a intenção é modificar a visão de que os problemas de saúde dessa população e restrinjam a Aids. (informação retirada do Blog Igualdade:< [http://igualdaders.zip.net/arch2009-08-16\\_2009-08-22.html](http://igualdaders.zip.net/arch2009-08-16_2009-08-22.html)> acessado em 30/08/2010 às 21:50).

Deixei o local com a impressão de que o que realmente elas desejavam, ao contarem suas experiências, era ver assegurada sua inclusão social, sua cidadania e o respeito à sua identidade.

No dia seguinte iniciei os contatos telefônicos por volta das 13 horas, pois imaginava que elas já estivessem acordadas. Algumas ainda dormiam e nem se lembraram de mim. Outras já estavam trabalhando. Fui muito ingênuo, pois acreditei que o assunto era de total interesse delas. Nos dias seguintes tentei continuar os agendamentos mas não obtive sucesso.

Na semana seguinte, novamente fiz contatos telefônicos, marquei dia, local e hora para realizar o grupo focal. Enquanto aguardava a chegada das minhas participantes, fiquei em frente à sala 10 e vi uma travesti desconhecida. Pensei em captá-la para meu trabalho e me aproximei. Iniciei a conversa perguntando se ela havia vindo para a reunião da Igualdade.

Surpresa ela me respondeu afirmativamente e com ar de curiosidade. Comuniquei-a que a próxima reunião seria somente dia 17/01/07. Fato que a deixou bastante aborrecida pois precisava pegar preservativos para o trabalho. Ela comia um sorvete de maneira muito peculiar, quase erótica, e me lançava olhares que pareciam ser insinuantes ao mesmo tempo em que repetia “tô passada, que ódio!”. Falei para ela sobre meu trabalho e perguntei se ela queria participar, pois desta forma não teria perdido o tempo para nada. Ela se interessou em saber mas não queria participar.

Ela precisava conseguir preservativos! Falei que talvez no GAPA ela tivesse sucesso, mas não podia garantir nada. Ela me perguntou se ao participar da pesquisa ganharia preservativos. Falei que não e ela foi logo trocando de assunto. Perguntou meu signo, o que eu fazia no trabalho, como era meu nome, se eu era casado e mais tantas perguntas que fomos ficando mais íntimos. Perguntei sobre o seu trabalho, quantos clientes ela atendia por dia, se era casada, se trabalhava à noite, se não era perigoso, etc.

A cada cinco minutos ela me perguntava que horas eram, porque havia combinado com uma amiga de se encontrarem na reunião do grupo. Fumamos, conversamos sobre o calor e concordamos que o inverno é bem melhor do que o verão. Sua amiga chegou, não fomos apresentados, mas ela insistia para a amiga participar do meu trabalho. Expliquei-o para a amiga, no entanto ela também só se preocupava com os preservativos.

Decidiram ir até a sede da Igualdade para falar com a presidente. Despedimo-nos e fiquei aguardando as 15 horas chegar. Claro que não podia querer que minhas participantes fossem pontuais, então fui relaxando e pensando em como seria a entrevista. Esperei até as 15 horas e 45 minutos, ninguém apareceu.

Fiquei preocupado, decepcionado, me senti enganado, mas logo comecei a interpretar que as pessoas têm lógicas diferentes e o que é importante para alguns não é necessariamente importante para outros, afinal elas mesmas me disseram que estão desiludidas com os pesquisadores que fazem os trabalhos e não retornam para dar os resultados. Decidi tomar uma cerveja para relaxar. Tomei-a, retirei-me pensando na diversidade, na exclusão, nos gêneros e em um turbilhão de coisas que me vinham à cabeça.

No dia 17/01/2007 cheguei ao Mercado Público cedo por volta das 14 horas. Ao me dirigir até a sala de reuniões notei que alguém me acenava com muita simpatia. Era Jussara que estava aguardando a reunião começar. Convidei-a para uma cervejinha porque o calor pedia. Sentamos e observei, novamente, os olhares curiosos dos vizinhos de mesa e começamos a conversar. Trocamos comentários sobre o tempo, sobre as minhas férias que logo se iniciariam e Jussara contou-me algumas de suas relações conjugais, seus programas com clientes e os cuidados que despense com uma portadora de Alzheimer, que me parece ser sua principal fonte de renda.

Ao questioná-la porque ela não tem mais interesse em se casar surpreendi-me com a resposta. Segundo ela, os maridos, após um tempo de relação, iniciam com a prática de sexo oral na travesti e depois terminam por tornarem-se passivos na relação sexual. Esta atitude, segundo ela, provoca na travesti “uma decepção”, pois elas procuram um homem viril, macho e ativo sexualmente. Outro ponto que me chamou a atenção foi que ela desistiu de fazer a cirurgia de troca de sexo. Disse-me que passou a ouvir relatos de que as transexuais não têm mais prazer e observou que elas se tornam pessoas melancólicas.

Falou, ainda, que se os homens quisessem uma vagina, procurariam as mulheres e não as travestis. Segundo Jussara eles gostam de uma novidade, de algo diferente e isto justificaria a procura por elas. Continuamos a conversa falando sobre drogas, silicone, hormônios até que percebemos outras travestis na porta da sala de reuniões. Juntamo-nos ao grupo, fui apresentado para aquelas que eu não conhecia e me senti em casa, parecia que elas me conheciam de longa data.

Aproveitei para convidar as novas amigas a participarem da minha pesquisa. Fui de imediato questionado sobre as medicações para o HIV<sup>10</sup>, reações adversas aos medicamentos, problemas de cálculos renais, uso de chás e outros assuntos da área da saúde.

---

<sup>10</sup> HIV: Vírus da Imunodeficiência Humana.

Levara meu gravador e o termo de consentimento informado. Entramos e combinei com a presidente que gostaria de iniciar as entrevistas assim que possível. Sugeriu que ela entregasse os preservativos àquelas que fossem falar comigo para sairmos e conversarmos no bar. Fui prontamente atendido e a presidente incentivou todas a participar, falou da importância do trabalho, anunciou alguns recados ao grupo e então saí com as sete participantes. Com o intenso calor que fazia pedi uma cerveja. Só não fui acompanhado por uma delas.

Sentamo-nos à mesa do bar, perguntei se elas desejavam beber alguma coisa e, algumas mais tímidas não se pronunciaram, mas outras mais descoladas foram logo sugerindo uma cervejinha. Feito o pedido, agradei a participação delas, expliquei melhor o trabalho, pois algumas não estavam no dia em que falei com o grupo, coletei os dados de identificação e assinamos o termo de consentimento.

Elas guardaram suas cópias e comecei as perguntas. Neste ínterim, eram 15 horas e 30 minutos. Ficamos até às 21 horas conversando sobre muitas coisas, bebendo as cervejinhas e eventualmente, quando se retomava algum assunto que dizia respeito ao atendimento de saúde, eu ligava o gravador e registrava os depoimentos. Foram horas de descobertas, de surpresas, de indignação com os colegas da saúde, de respeito por estas pessoas tão corajosas e tão frágeis, estigmatizadas, vulneráveis, expostas à violência, ao abuso de drogas e às DSTs<sup>11</sup> e HIV. Observei a relação que elas têm de cumplicidade diante da prática de pequenos furtos, o respeito das mais jovens pelas mais experientes, sua linguagem única, e de certa forma fui também entrevistado por todas.

O bar, de frequência predominantemente de casais heterossexuais, é um local que atende a todos os fregueses da mesma maneira, tanto que quando fui pagar a conta cumprimentei os garçons e o gerente por terem nos recebido e atendido da mesma maneira que os outros frequentadores. Em nenhum momento sofremos qualquer tipo de discriminação, mesmo quando uma delas levantou sua blusa para mostrar seus peitos, resultado da ingestão de hormônios.

Rimos, algumas choraram ao lembrar de fatos passados como agressões sofridas por clientes ou por outras colegas de trabalho. Encerradas as atividades me despedi com o compromisso de voltar depois do trabalho finalizado para mostrar os resultados. Todas me pediram para que fosse feito um trabalho junto aos profissionais de saúde para que as

---

<sup>11</sup> DSTs: Doenças Sexualmente Transmissíveis.

respeitassem. Fui para casa pensando em quantos constrangimentos elas já passaram, já presenciaram e tentaram apagar de sua memória. Saímos todos “colocados do Otim<sup>12</sup>”. Retornei para casa para fazer meu Diário de Campo.

Entrevistas feitas e analisadas, categorias descritas, terminei a monografia. Especialização concluída, retornei ao grupo com uma cópia do trabalho e li as conclusões apontadas no trabalho de pesquisa. Foi uma festa! Elas me aplaudiram, vieram me cumprimentar e colocaram-se à disposição para sempre que eu as “precisasse”, garantindo que lá estariam para me ajudar. Resumindo: fui conquistado e conquistei! Modifiquei o “incômodo” a “irritação” que elas me causavam, antes de conhecê-las, pelo respeito, admiração, pela coragem e a solidariedade existente entre elas diante das situações de violência física e verbal que fazem parte das suas vidas.

Das participantes da monografia em Saúde Pública mantive contato apenas com as que compareciam nas reuniões da ONG. Outras, que não eram assíduas frequentadoras, perdi o contato. Mesmo que a proposta da Igualdade seja esclarecer dúvidas sobre uso de hormônios femininos, uso dos medicamentos para o HIV e assuntos sobre cidadania, percebi que o que motiva a presença das travestis nas reuniões é, na verdade, a distribuição dos preservativos e do gel lubrificante.

Convidado pela presidente da ONG retornei em distintas ocasiões para discutir temas como as hepatites, as DSTs em geral, mas pouquíssimas prestavam atenção. Ficavam contando dos últimos acontecimentos, trocavam dicas de maquiagem, comentavam sobre quem estava hospitalizada ou sobre quem havia falecido. Natural para quem, em alguns casos, estava há mais de uma semana sem se encontrar.

Algumas vezes, a presidente ficava bastante aborrecida porque as travestis se lembravam dela somente nos momentos difíceis: conseguir leito no hospital, medicamentos, preservativos ou liberá-las da delegacia. Todas estas minhas observações foram me fazendo perceber que elas vivem numa realidade onde regras de conduta, justiça, valores morais são muito diferentes dos meus. Esta constatação me faz compreender porque elas resistem à aproximação de estranhos.

Decorrente dessa aproximação e aprofundamento, o próximo passo foi realizar seleção para o mestrado, e para isso já queria ter algo definido caso fosse selecionado para a entrevista. Motivado pelas discussões sobre masculinidade trazidas pelo professor Dr.

---

<sup>12</sup> Colocado do Otim: termo êmico para designar pessoa embriagada.

Fernando Seffner, as quais descortinavam cenários e possibilidades até então inimaginados por mim, comecei a definir meu objeto de estudo e meu interesse de pesquisa. Se for verdade, como referiu o professor Fernando Seffner em uma aula, que: “há muitas formas de viver a masculinidade!” Que ela “pode ser heterossexual, bissexual, gay, etc.”, então haveria um campo teórico e uma realidade social a ser pesquisada. Senti um forte impulso conduzindo-me a estudar esta temática.

À fala do professor foram sendo aglutinadas novas percepções de masculinidade conforme ocorriam conversas com as travestis. Minha cabeça - sedimentada em um modelo hegemônico de masculinidade - foi sendo desafiada a aproximar as discussões de sala de aula dos relatos das travestis quando elas se referiam aos seus maridos. Nesse contexto defini que meu tema de pesquisa seria: como os maridos das travestis construíam sua masculinidade e como vivenciavam sua conjugalidade Poderiam eles estar enquadrados em alguma das categorias discutidas durante a disciplina? Como referir sua identidade?

Ter realizado duas especializações nas quais as informantes eram travestis certamente contribuiu para que elas convencessem seus maridos para participarem da minha dissertação de mestrado. Quando me lembro do primeiro contato realizado, em 2006, onde a desconfiança parecia reinar de ambas as partes e, anos depois, o convite insistente para que as entrevistas da dissertação fossem em suas casas, percebo que construímos uma relação além de pesquisador/pesquisado.

O tempo neste caso foi um grande aliado para a construção do vínculo entre o pesquisador e os casais participantes. Ainda que os autores e a bibliografia existentes na área da pesquisa qualitativa ressaltam a necessidade de distanciamento entre pesquisador e pesquisado, a linha de pesquisa em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero não trabalha com a ideia de neutralidade, por conta disso é que sempre explicitamos de onde falamos e qual a relação que temos com o grupo pesquisado. Como refere Maria Luiza Heilborn acerca da relação entre pesquisador e pesquisado:

Retomo o debate travado entre Da Matta (1974) e Velho (1981a) sobre a distância necessária à observação. O primeiro advoga a necessidade do estranhamento radical não só para a inteligibilidade da cultura "exótica" que se examina, como também para se ter em perspectiva a cultura que alimenta o olhar que a investiga. Velho, por seu turno, afirma que, quando se pesquisa a própria sociedade, deve-se ter em mente que a suposta familiaridade de que se goza é frequentemente desmontada ao se inquirir com mais vagar sobre a lógica simbólica específica de um grupo que o torna característico perante os demais e, ao mesmo tempo, participante de um elenco de valores comum a outros segmentos. (2004, p.70).

A perspectiva da nossa linha de pesquisa ia ao encontro desse processo de eliminação da minha abjeção por essas pessoas. Não desprezava em nada os vínculos afetivos que foram construídos com elas. Não me distanciar afetivamente das situações que foram pesquisadas alicerçou e viabilizou esse estudo.

Maria Luiza Heilborn (2004), em sua pesquisa sobre conjugalidade, chama a atenção para a condição de familiaridade com os códigos culturais dos grupos que investiga, o que, contudo não desvirtua os caminhos do pesquisador.

Retomando a temática do subtítulo deste capítulo: “uns avançam.”, conforme o excerto da música de Caetano Veloso, pretendeu-se evidenciar os motivos que me despertaram para estudar gênero e sexualidade mas, sobretudo, me aproximar das travestis.

## 2.2 “UNS NADA TÊM”

O subtítulo deste capítulo introduz o campo onde realizei a etnografia. O local onde residem, como são suas casas, o acesso até as moradias, o bairro, etc. Observo minha preocupação antes da primeira ida a campo em relação aos meus objetos pessoais. Em casa, antes de sair, pensava se deveria ir sem relógio, sem corrente, vestido de maneira que não chamasse atenção dos moradores, pois, na minha mentalidade de quem é oriundo de classe média, eu poderia ser assaltado, vítima de violência física ou verbal.

Hoje, me sinto envergonhado de ter pensado que me dirigir a uma área da periferia da cidade me deixaria mais exposto a situações de furto do que próximo à minha casa. Na verdade, meu contexto social, que pensa que “travesti é sinônimo de violência e roubo” e que ir até um bairro popular é “se arriscar”, foi de supetão desconstruído. Posso inferir que fui muito menos observado e muito mais “valorizado” do que no local onde moro.

Naquele local, meu corpo fora de forma foi apenas mais um a caminhar pela rua, meu modo de vestir não passou pelo “crivo” de algum produtor de moda ou por alguém que acredita que combinar a cor do sapato com a meia, por exemplo, me faz ser uma pessoa “melhor” do que outra. Nas minhas idas ao campo da pesquisa me senti muito à vontade,

respeitado pelo que sou e não pelo que ostento materialmente, afinal, como diz um amigo: “Ser é melhor que Ter”.

O bairro situa-se na periferia da cidade e suas habitações parecem típicas das classes populares urbanas. A rua na qual dois casais moram é de “chão batido” e em dias de chuva caminhar nela se torna bastante difícil. As travestis que participaram do estudo e também os poucos moradores com quem tive contato nomeiam o local pela palavra “beco”. Acredito que essa definição esteja baseada nas características que lhe são próprias e que serão descritas abaixo. Outro casal participante reside em outro bairro porém o identifica pelo mesmo termo. Creio que o motivo é que sua rua é asfaltada, as casas são populares mas não se enquadram na categoria que nomeamos de “barraco”.

As entrevistas ocorreram nas suas casas por iniciativa das participantes. Elas evidenciaram a importância de eu conhecer “a nossa casa”, ou seja, a casa do casal. Entretanto, durante nossas conversas *in loco*, na presença do marido, a residência era referida como de propriedade dela, jamais do casal e menos ainda do marido. Reflito se a maneira delas se referirem à sua moradia, diante de seus companheiros, objetivava me informar que a provedora da casa era ela ou, talvez, procurasse pontuar que foi o marido que, após certo tempo de relacionamento, foi convidado a ir morar com ela.

Antes de me deslocar ao local para entrevistar o casal agendei por telefone o dia e o horário. Ter meu telefonema atendido por Sibeles sempre foi uma dificuldade, então adotei a prática de contatar Magda e, quando meu objetivo era visitar Sibeles e Gustavo, solicitava à Magda que fizesse a intermediação. Após o contato de Magda com Sibeles e Gustavo, geralmente no dia seguinte à minha solicitação, recebia a informação da possibilidade ou não de visitá-los.

Por residirem no mesmo terreno quando iniciei o trabalho de campo o agendamento era facilitado. Depois de alguns meses, Sibeles e Gustavo se mudaram para uma casa maior, em frente, do outro lado da rua. Essa movimentação possibilitou que Magda e Pedro se mudassem para a casa da frente que, em minha opinião, era mais confortável que onde habitava o casal participante da pesquisa.

Desde a primeira visita, quando estava próximo da rua de acesso à casa, telefonava para Magda a fim de que ela fosse ao meu encontro. Essa rotina foi determinada por ela. Será que essa “atitude” fora estabelecida para evitar algum problema com os moradores, já que eu não pertencia àquele lugar ou para que me proteger de algum infortúnio?

No final da rua por onde circulam carros e ônibus há uma praça. Ela é mal cuidada, sem muitas árvores e seu centro é um campo de futebol, de areia, sem gramado ou concreto. Existem alguns balanços e outros brinquedos destinados ao lazer dos moradores locais. Eles também estão descuidados, com a pintura envelhecida e desbotada, as partes de ferro apresentam vários pontos enferrujados e, em alguns brinquedos, faltam assentos para as crianças utilizarem o aparelho.

Seguindo pela praça, ao seu lado direito, há uma pequena rua que é tangenciada pelo mesmo lado por um arroio. Este é depósito do lixo dos moradores do bairro e é o receptor do esgoto das casas situadas em sua margem.

Essa rua não tem nome o que me fez compreender porque Magda e Sibebe se referem ao local como “beco”. Desprovida de calçamento ela tem muitos buracos que em dias de chuva ficam alagados.

Poucos metros após ultrapassar a praça iniciam as casas. Nenhuma apresenta calçada. Seus portões estão localizados onde, em ruas pavimentadas, seria o cordão da calçada. Seguindo em frente, cerca de 30 metros do final da praça, há um bar que também é um pequeno armazém. Neste há possibilidade de se comprar alimentos básicos como: açúcar, farinha, arroz, massa, azeite, etc.

Não há verduras nem frutas, mas, sim, cigarros e cervejas de marcas populares e cachaça. As cervejas, das vezes que as comprei, sempre me surpreenderam por estarem “estupidamente geladas”. Na segunda vez que fui ao bar, a dona não tinha troco para me dar e perguntou onde eu estava alojado. Falei que estava na casa da Magda, que mora ao lado, e ela me cedeu as bebidas, as garrafas e disse, com sorriso: “acertamos mais tarde”.

Impressionou-me a confiança depositada em um desconhecido. Onde moro, por exemplo, jamais levaria uma mercadoria sem pagá-la no ato. Tomando como referência Claudia Fonseca:

Há séculos o discurso das classes privilegiadas sobre o comportamento dos pobres oscila entre a compaixão e a condenação indignada. Enquanto os etnólogos vão longe para encontrar povos exóticos, cujo estudo nos ensina “verdades fundamentais do homem”, os costumes de nossos pobres apenas são considerados para facilitar intervenções educativas (para “ajudar” ou “recuperar”). Em nossas favelas, raramente reconhecemos uma cultura digna de interesse quando não há um distanciamento ético (ciganos, negros, etc.) ou histórico (quilombo). Por mais que se admita que “eles”, os pobres nos seus guetos, sejam nitidamente diferentes de “nós”, esta diferença é interpretada como uma forma degenerada ou patológica de nossa organização social, ou seja, a das classes dominantes. (2004, p.13).

Tal concepção leva-nos a repensar outra premissa descrita por Clifford Geertz (1999) *apud* Claudia Fonseca:

Procurar compreender certas dinâmicas não significa louvá-las, nem advogar sua preservação. Significa, antes, olhar de forma realista para as diferenças culturais que existem no seio da sociedade de classe – sejam elas de classe, gênero, etnia ou geração; significa explorar o terreno que separa um indivíduo do outro na esperança de criar vias mais eficazes de comunicação. (2004, p. 14).

A autora alude, em certo sentido, ao quanto a observação do pesquisador pode estar permeada por pré-conceitos e, por isso, reproduzir as concepções acima mencionadas. São, portanto, muito delicadas as relações entre o pesquisador e o meio social ao qual ele pertence.

As ciências sociais desejam de seus pesquisadores imparcialidade, neutralidade e afastamento durante o decorrer de suas pesquisas. Esse distanciamento, tido como essencial para a legitimidade dos resultados, é definitivo para que confiemos nos resultados publicados? Em que medida ele é real? Pode um pesquisador estar numa posição em que apenas sua racionalidade teórica seja a única ferramenta de análise em uso? O vínculo construído não seria, também, um instrumento para ser utilizado durante o exame de uma situação desconhecida ao pesquisador? Na linha de pesquisa a qual me identifico, acredita-se que antes do vínculo entre pesquisador/pesquisado ser um problema, ele é um recurso.

Essa possibilidade e liberdade, porém, não deve estar distanciada do rigor científico e deve observar aspectos fundamentais na relação ética entre os participantes do estudo e o pesquisador. Entre eles cito o respeito, a cordialidade, a maneira de abordar assuntos de foro íntimo, sigilo, etc. Como referiu Goffman:

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. [...] Baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. (2008, p. 11 e 12).

O autor, ao analisar o estigma, me faz lembrar a origem dos meus temores diante do ambiente pesquisado. Havia a expectativa de encontrar em campo àqueles que eu imaginava

identificar os moradores das classes populares: os excluídos, os desocupados, os estigmatizados, os que estampam as páginas policiais e etc.

Convém ressaltar, ainda hoje, “que podem existir, entre os grupos populares, formas de alteridade dignas de análise encontra resistências dentro e fora do meio acadêmico”. Claudia Fonseca (2004, p.56).

Retomando a descrição do local onde foi realizado o estudo, existe no bairro um bar, por sua vez, que tem características muito diferentes daqueles que costumo frequentar. Ele é um local onde assiduamente alguns moradores encontram-se, conforme observei nas vezes que lá estive. Jogam-se cartas, dominó e bilhar. Alguns frequentadores são apenas espectadores desses jogos. Há apenas uma mesa de bilhar e sempre presenciei que os mais jovens é que são adeptos deste tipo de jogo e os de mais idade preferem as cartas e o dominó, além de geralmente beberem “martelinhos”, pequeno copo de vidro de cachaça. Os jovens são mais adeptos à cerveja.

Ressalto que desde a primeira vez que fui ao bar, todos sempre me cumprimentaram com “Boa Tarde” ou com um sorriso. Como se eu fosse um morador local. Nunca fui alvo de olhares discriminatórios, mas de olhares que traduziam a curiosidade dos fregueses em descobrir o que uma pessoa como eu (branca, bem vestida, que chegava de carro) estava fazendo lá.

Apesar de perceber em todos grande curiosidade, os jovens também sempre me observam, mas se detém mais no tênis que estou calçando, nas roupas que uso e numa possível aproximação. Devem ter percebido que sou gay e esta aproximação, talvez, lhes pudesse render algum lucro. As “investidas” ocorrem quando estou no balcão e algum vem “puxar assunto”. Arriscam um convite para que jogue bilhar com eles ou que tome uma “ceva”<sup>13</sup>. O olhar deles, mesmo que demonstre simpatia e cordialidade, é sedutor.

Ao lado do bar moram um casal de lésbicas e os filhos de uma delas. Dois garotos pequenos em torno de sete anos de idade. As conheci porque são amigas de uma das minhas informantes que, aliás, mora em frente ao bar. Chamo atenção que nessa rua do bairro dentro de um perímetro de, no máximo, vinte metros residem três casais (dois de travesti com seu marido e um de lésbicas) que são estigmatizados e, por muito tempo, foram categorizados por minorias. Goffman, ao estudar os campos sociais, mostrou de forma penetrante como se produzem as relações intragrupais estabelecidas entre os indivíduos estigmatizados:

---

<sup>13</sup> Ceva: termo utilizado para designar cerveja.

[...] os grupos, no sentido amplo de pessoas situadas numa posição semelhante, e isso é a única coisa que se pode esperar, já que o que um indivíduo é, ou poderia ser, deriva do lugar que ocupam os seus iguais na estrutura social. Um desses grupos é o agregado formado pelos companheiros de sofrimento do indivíduo. Os arautos desse grupo sustentam que o grupo real do indivíduo, o grupo a que ele naturalmente pertence, é esse. Todas as outras categorias e grupos aos quais o indivíduo também pertence necessariamente são, de modo implícito, considerados como não verdadeiros; ele, na realidade, não é um deles. O seu grupo real, então é o agregado de pessoas que provavelmente terão de sofrer as mesmas privações que ele sofreu porque têm o mesmo estigma; seu “grupo” real, na verdade, é a categoria que pode servir para o seu descrédito. (2008, p.123 e 124).

Sob este prisma, poderíamos refletir sobre alguns comportamentos e crenças que são tidos como comuns das classes populares. Para ilustrar, cito Claudia Fonseca (2004, p.30): “A mulher que trabalha humilha seu marido, deixando entender publicamente que ele não consegue mantê-la”. Essa compreensão que a primeira vista poderia nos levar a pensar como característica das classes populares na verdade pode ser dimensionada para outros estratos sociais, pois ela põe em xeque a perspectiva de que o homem deve ser o provedor da família.

Quando ainda estava na graduação e realizei estágio em ginecologia, em Posto de Saúde de Novo Hamburgo, observei que não era incomum as pacientes terem histórico de uniões breves e, em algumas vezes, terem um filho de cada relacionamento. Uniões entre casais gays são caracterizadas pela efemeridade e as relações duradouras tomam o caráter de exceção.

Tal premissa poderia nos passar a ideia de que o relacionamento de uma travesti e seu marido, de maneira geral, não seja longo. Um dos motivos principais é que muitos dos seus namorados, quando convidados para irem morar com elas, não querem dividir as despesas e, ainda, em alguns casos, as roubam. Furtam desde dinheiro até utensílios domésticos. Conforme observou Dom Dom Kulick (2008, p. 114): “[...] Os namorados consomem uma enorme quantidade do tempo, das conversas, dos pensamentos – sem falar do dinheiro – das travestis”. Marcos Benedetti observou que:

O desejo de ter um marido é algo muito corrente no discurso das travestis. Na realidade, apenas uma minoria mantém relações estáveis e duradouras com homens. Das 85 informantes, apenas 20 [...] mantinham, na época da pesquisa, relações há pelo menos três meses com seus cônjuges. (2005, p.118).

Contudo, um casal participante da minha pesquisa e outra travesti que conheci na Igualdade experienciam uniões estáveis e duradouras. A primeira união é de quase 10 anos e a segunda de 14. Esses exemplos demonstram que todos os relacionamentos apresentam as mesmas possibilidades de serem bem sucedidos ou de fracassarem a partir do convívio mútuo.

Magda<sup>14</sup> sintetiza essa observação:

[...]. Geralmente todos meus relacionamentos, que eu tive, eu, sempre foram bem longos, o meu primeiro foi de 15 anos, foi com esse menino que eu falei, de Canoas, aí depois eu tive um relacionamento de 5 anos com um carioca, que voltou pro Rio, né.

Morei com ele aqui em Porto Alegre por 5 anos, a gente se deixou. Aí depois eu tive com ele, né. Então bem dizer foram 3 relacionamentos que eu tive como uma travesti, e agente ta junto. Até quando, não sei né. E aí eu acho que, como todo relacionamento, com eu estava falando com o Magnor, eu acho que tanto um relacionamento entre homem e mulher, entre aspas, um relacionamento hétero, sempre tem as suas crises, aquela coisa toda.

O relacionamento de uma travesti é a mesma coisa, ou de um gay. Então aquela coisa assim ó, de repente a gente tem de conversar, tem de ter algum... para ver onde estão os erros entendeu. Porque todo ser humano tem seus defeitos e suas qualidades, entendeu? (Entrevista 01/4/2009).

O depoimento de Magda acena para as dificuldades que existem em todos os tipos de relacionamentos. Os problemas enfrentados pelas pessoas que buscam ter uma união duradoura e estável com outra independentemente da sexualidade das mesmas. As inseguranças, as finanças, o ciúme e mais uma longa lista de sentimentos e situações atravessam todas as relações conjugais.

A característica não permanente das uniões afetivas entre as pessoas é uma sombra, algo que produz significativa tensão nas relações na medida em que coloca em xeque o ideal de amor romântico. Sérgio Costa particiona o amor romântico em cinco diferentes dimensões. Dessa divisão cito aquelas que corroboram com o que observei nos relacionamentos examinados.

No *campo das emoções*, o amor romântico se expressa como “um vínculo com o outro que não conhece desejo mais ardente que a vontade de conduzir a própria vida no corpo da pessoa amada”. [...] Como *idealização*, o amor romântico promete ao indivíduo o reconhecimento pleno da sua singularidade, incluindo aí todas as dimensões, particularidades e mesmo idiosincrasias pessoais. [...] *modelo de relação*, condensam-se historicamente no amor romântico a unidade entre paixão sexual e afeição emocional...[...] *prática cultural*, o amor romântico corresponde a um repertório de discursos e rituais mediante os quais as emoções amorosas....(2005, p.114).

---

14 Texto com fonte maior foi adotado a fim de diferenciar de uma citação bibliográfica.

A categorização realizada pelo autor me faz refletir sobre a impossibilidade de determinar se as relações heterossexuais são mais ou menos atravessadas pelo amor romântico em detrimento das relações bissexuais, homossexuais ou qualquer outra maneira de união. A complexidade do assunto talvez demonstre que não há, pelo menos sobre essa perspectiva de idealização sobre o amor, diferenças entre as variadas formas de se relacionar afetivamente com outra pessoa. O amor romântico constitui muito do imaginário e do que almejam os amantes ao se relacionarem com outra pessoa. Jane Felipe destaca:

O amor é tido como algo sublime, “que tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, como nos ensina o texto bíblico de I Coríntios 13, versículo 7. Tal vinculação do amor-paixão-sacrifício está associada a ideia de que o amor verdadeiro jamais acaba. No entanto, talvez possamos pensar que essa representação tão idealizada do amor e por conseguinte das relações amorosas, traz consigo uma dificuldade ou mesmo uma certa prepotência de nossa parte em admitir a finitude das coisas, dos sentimentos, dos vínculos afetivos. De fato, deve ser muito difícil admitir que não seremos tão interessantes assim e por tanto tempo para alguém, da mesma forma que os outros também não o serão para nós. Por que será que ainda operamos com essa ideia de perenidade e idealização do amor? (2010, p.03).

A autora sublinha o aspecto finito das relações amorosas e reflete sobre o caráter “sublime” imputado ao sentimento. Estas características que nossa sociedade atribui ao amor sustentam as situações em que o/a amante deve até renegar a si mesmo, anulando-se em “nome do amor”. Não é incomum ouvir de alguém que o seu parceiro “necessita de uma prova de amor”. Se o que for solicitado, por exemplo, for o sexo sem proteção, é inegável que um dos parceiros (ou ambos) pode tornar-se vulnerável a doenças sexualmente transmissíveis.

### 2.3 “UNS SEM”

Esse capítulo descreve cada uma das habitações dos casais que participaram da pesquisa. São relatos alicerçados em minhas idas ao campo de pesquisa e estruturados sob minhas observações a respeito da materialidade que é parte do cotidiano dessas pessoas. Larissa Pelúcio (2009, p.207) vem ao encontro da impressão que tive ao adentrar na

intimidade do casal: “[...] Ao reler o trecho do meu diário de campo que abre este capítulo, observei que está lá mencionado que a casa onde vivia Sabrina era muito limpa e arrumada [...]”.

Nossa “surpresa” pode estar imbricada ao que a autora nomeou como “surpresa etnocêntrica” aludindo a uma expectativa burguesa diante dos pertencentes das classes populares.

### **2.3.1 Magda e Pedro**

Antes de visitar o casal agendei o dia e o horário, sempre aos finais de semana e à tarde, pois durante a semana eu tinha meus compromissos assim como eles também. Na primeira entrevista fui acompanhado por meu orientador. Neste dia, sentia um misto de insegurança e vergonha, porque estava com o orientador do trabalho e o conhecia muito pouco.

Media as palavras, procurava mais ouvir e falar pouco, ainda mais porque estávamos no seu carro. Passei boa parte do caminho refletindo sobre a maneira correta, se é que existisse, de não decepcioná-lo caso ele ficasse junto de mim enquanto eu realizasse as perguntas que juntos pré-estruturáramos. Desde a primeira visita, Magda solicitou que quando estivéssemos perto do local ligássemos para ela ir ao nosso encontro. Não entendi o motivo e me perguntava se não poderíamos procurar o endereço sem o seu auxílio.

Neste primeiro contato, após ela nos encontrar no acesso ao bairro onde mora, meu orientador estacionou o seu carro em frente ao terreno onde pude perceber a existência de duas casas. Em seguida, após nos certificar de que o automóvel estava trancado, Magda nos conduziu até a casa que ficava nos fundos do terreno. Contou-nos que na moradia da frente habitava outro casal. Eram Sibeles e Gustavo, outros participantes da pesquisa e que os mencionarei adiante. Naquele dia fomos visitar Magda e Pedro que haviam se mudado para a casa dos fundos do terreno e que ainda a estavam organizando. Após os costumeiros cumprimentos entramos na casa composta de um quarto e sala com um banheiro.

Iniciamos a conversa no quarto do casal porque era o espaço onde podíamos sentar, uma vez que não havia cadeira e mesa na cozinha. Observei a existência de poucos móveis, utensílios domésticos e, me atrevo a dizer, de bens que considero proporcionar conforto. É uma casa humilde. Atrás da porta se podia visualizar um “altar” onde Magda mantinha estátuas de alguns santos, uma vela acesa, uns pequenos ramalhetes de ervas, um pequeno pote com mel e algumas moedas.

Este altar parece ser o local onde é expressa a espiritualidade. É possível notar que há sincretismo religioso, pois santos católicos e orixás das religiões afro-brasileiras dividem o mesmo espaço parecendo revelar a inexistência de preferência religiosa. Vindo ao encontro dessa observação Dom Dom Kulick ratifica minha descrição ao descrever o altar de uma de suas informantes:

[...] Na maioria dos casos, esse altar contém uma pequena estatueta ou gravura, representando uma figura religiosa católica, como Jesus ou Virgem Maria, ou um orixá do candomblé, por exemplo Iemanjá (deusa dos mares) ou Iansã (deusa dos ventos e tempestades. Ao lado das imagens, há geralmente uma vela acesa e talvez um copo d'água, um pratinho de comida ou folhas de alguma erva – tudo para atrair sorte, dinheiro e clientes, e para afastar o olho gordo ( o mau-olhado ou olho grande). (2008, p. 19).

Poderíamos pensar que a adesão aos cultos de origem africana praticados por duas das minhas informantes seja uma exercício comum entre as travestis, contudo Franciele já frequentou uma igreja neopentecostal. Assim como Franciele, em outras pesquisas observei que as travestis têm variadas maneiras de expressar sua espiritualidade, mas é comum, em paralelo, frequentarem outras formas de cultos principalmente os afro-brasileiros. Conforme informação postada no Blog Observatório Nacional:

A pouco mais de dois meses para o encerramento do Censo 2010, os terreiros de candomblé e umbanda da Bahia intensificaram uma campanha para que seus filhos-de-santo declarem aos pesquisadores serem adeptos dos cultos. Segundo dados do último censo geral do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado em 2000, apenas 0,49% da população de Salvador (aproximadamente 9.000 pessoas, à época) declarou pertencer a uma religião de matriz africana. Esse número é, proporcionalmente, bem menor que em capitais como Porto Alegre (2,5%). (23/08/2010).

A quantidade de locais religiosos afro-brasileiros em Salvador me leva a imaginar que o número supera o da existente em Porto Alegre. De acordo com o blog Observatório

Nacional, as práticas religiosas afro-brasileiras parecem expressar a possibilidade de haver estigmatização para os frequentadores deste segmento religioso. O censo demonstra que, proporcionalmente à sua população, Porto Alegre teria mais seguidores do que a cidade de Salvador.

As informantes da pesquisa, de acordo com o que já foi descrito, dedicam espaço em sua casa para expressarem sua devoção pelos orixás e pelos santos católicos, seu tempo e dinheiro. Contribuem com valores simbólicos nas festas religiosas de origem africana, mas não rompem com a religião proveniente de sua família. Os maridos seguem as práticas de suas esposas, contudo a frequência de ida aos locais religiosos é menor.

Com o intuito de conhecer melhor as práticas religiosas de Magda e com o objetivo de deixar Pedro sozinho com meu orientador, chamei-a para fora de casa para conversarmos.

Havia levado um bolo e Magda passou um café para acompanhar. Resolvi comprar umas cervejas pois não sou adepto ao café. Convidei Pedro para me acompanhar e para que eu, estrategicamente, pudesse lhe fazer algumas perguntas. Durante este tempo Magda ficaria a sós com o orientador e ele poderia entrevistá-la sem minha interferência.

Observei em outras visitas que naquele bairro é bastante comum que os terrenos possuam mais de uma habitação. No caso dos casais participantes do estudo, constatei que o espaço físico pode servir para abrigar outra travesti e seu marido, travestis solteiras ou ainda travestis que alugam uma das peças da casa a fim de dividir as despesas com o casal. Conforme dito anteriormente, Magda nomeava o local onde habitava com seu companheiro de “beco”. Penso se essa designação está implicada no fato de que o local não possui sua rua calçada, não há nome nesse acesso, a água e a energia elétrica lhe são fornecidas pelos vizinhos ou por instalações clandestinas que ela nomeia de “gato”.

O dono da casa que “cede” a água ou a luz cobra uma pequena taxa mensal do casal a fim de ter uma compensação financeira para o pagamento da sua própria conta.

Sua casa possui pouco mobiliário. Não há porta que separe o quarto da sala e da cozinha. Há porta apenas no banheiro. Este é constituído de chuveiro, pia, um rodo, para “puxar a água para o ralo após o banho” e um pequeno espelho. O xampu, o sabonete, o creme e a lâmina de barbear ficam ou no chão ou na janela do banheiro. Não há revestimento na parede (cerâmica), ou seja, ela é de cimento e desprovida de pintura. O teto não possui

forro e são as telhas, de cimento, que o cobrem, da mesma maneira que na cozinha e no quarto.

Na cozinha há uma pia com uma cuba e um armário aéreo. Há forno de micro-ondas, fogão e geladeira, bastante desgastados pelo uso. A porta da geladeira é fechada com um elástico, pois a borracha de vedação está gasta e esta foi a solução encontrada pelo casal para a mesma não permanecer aberta. Uma cadeira de ferro serviu de apoio para a cafeteira quando ela passou o café para acompanhar o bolo que eu havia levado.

No quarto, havia duas cadeiras e uma pequena poltrona estofada de couro. Um aparelho para ouvir cd, um tapete de tecido, um armário de madeira com quatro portas e uma televisão são os móveis que estão localizados nesse espaço. Embora nos outros dias em que os visitei o televisor, que permanece o tempo todo ligado, nesse primeiro encontro estava desligado.

No decorrer do tempo em que os visitei, devido à falta de móveis, muitas vezes sentei-me na cama do casal para que pudéssemos conversar. Destaco que mesmo com poucos objetos materiais em suas casas, a anfitriã sempre demonstrou orgulho de suas aquisições. E mesmo na intimidade do quarto, tanto ela quanto seu marido sempre me deixaram muito à vontade para conversarmos diversos assuntos, inclusive sobre suas práticas sexuais.

Foi prática comum, em todas as casas, as travestis, da mesma maneira que Magda fazerem questão de me mostrar todas as dependências da casa. As paredes da residência de Magda e Pedro na época das entrevistas não possuíam pintura e eram de cimento. O chão era do mesmo material o que, além de deixar o ambiente com a sensação de que a construção não está concluída, o deixa também bastante frio durante o inverno.

Na segunda vez que visitei o casal eles haviam se transferido para a casa da frente, a mesma onde habitava Sibebe e Gustavo. A mudança ocorreu porque a casa desocupara a partir da mudança de Sibebe e Gustavo para outra habitação, na mesma rua, em frente a esse local descrito até agora. Costumeiramente, a partir da segunda visita, num total de 10 encontros, ela quase sempre abria sua geladeira para me mostrar o conteúdo ou quando eu precisava beber alguma coisa ela já me dizia que eu era amigo e não “uma visita”, por isso poderia, e deveria, ir até a geladeira e me servir. Será que essa atitude é comum entre essas pessoas ou era importante que eu visualizasse o conteúdo da geladeira?

A nova residência do casal é de madeira, possui um quarto, uma sala, um banheiro e uma pequena cozinha em frente ao quarto e entre o banheiro e a sala. O acesso se dá pela porta que fica defronte a casa, diante da rua. Entre o caminho das pessoas e sua casa existe um pequeno jardim. Beirando o local encontra-se uma calçada que termina em uma escada de dois degraus. Ao subir-se pelos mesmos se chega a uma pequena área de piso cimentado e onde há o tanque de lavar roupas.

Sobre o gramado, em frente da referida área, há cordões de nylon para que as roupas sejam estendidas. Nas visitas feitas em dias de temperatura elevada, ficávamos sentados nesse espaço, a fim de evitarmos o insuportável calor que faz dentro da casa.

As paredes, quando pintadas, já não expõe claramente qual a cor que eram porque em sua grande parte estão com a pintura descascada. O chão é de tábuas, encerado e brilhante. Não há forro no teto e entre as tábuas que constituem a casa, há espaços onde é possível introduzir até um dedo da mão. Tive a confirmação destes casais de que no verão é quase impossível permanecer dentro de casa e de que no inverno, quando venta, a casa fica bastante fria e desconfortável.

Devido ao fato de a nova mesa adquirida para a cozinha não caber nesse local, ela foi colocada na sala. Há três cadeiras, um sofá e a poltrona descrita na primeira visita. Durante os encontros, apenas notei a falta de alguns utensílios. Magda me disse que os havia vendido porque estava precisando de dinheiro para pagar o aluguel e que, em função de Pedro estar sem trabalho, somado aos poucos programas que ela estava fazendo, foi esta a solução encontrada.

Em determinado período o irmão de Pedro, que estivera encarcerado por sete anos e que em 2010 fora libertado, morou com o casal. Dormia no sofá da sala e, às vezes, passava uma “temporada” na casa de uma travesti a qual, segundo Magda, tinha um relacionamento com ele.

Embora a descrição dos locais possa supor pouca arrumação e limpeza, o casal preza pelo asseio e a organização da casa. Não se vê roupas empilhadas à espera de serem passadas, louças sujas sobre a pia ou a cama por arrumar.

### **2.3.2 Sibeles e Gustavo**

Sibele e Gustavo moravam no mesmo terreno que Magda e Pedro. Habitavam a casa descrita anteriormente. Na segunda vez que fui a campo, cerca de dois meses depois, o casal se mudara para outra casa. Ela é quase em frente a anterior e possui quatro cômodos. Entre a rua e a casa há uma área coberta, o piso é de cimento, há uma mesa com quatro cadeiras, uma churrasqueira de metal e o varal onde são estendidas as roupas com o objetivo de secá-las. Não há plantas e tem-se a sensação de que o ambiente é um pouco úmido. Na lateral esquerda, um corredor que acompanha quase toda a extensão da casa termina em outro acesso. Ele permite que se chegue ao interior da casa sem que se precise passar pela sala. Chega-se à cozinha pelo mesmo.

A casa é de madeira, sem frestas entre as tábuas que são pintadas de azul claro. A janela da sala e a do quarto localizam-se em frente a casa e são de cor branca. Na cozinha e no banheiro há janelas de ferro, também pintadas de branco. O segundo quarto não pode ser descrito porque Sibele o havia alugado para uma travesti que é sua amiga. Essa prática não é rara entre elas, pois é uma solução para dividir as despesas. Andressa, a travesti que ocupava o quarto, não estava em casa nos dias em que os visitei e, por isso, não conheci o cômodo, apesar de Sibele insistir e garantir que sua “inquilina” não se incomodaria. Durante as idas a campo, Andressa se mudou duas vezes para São Paulo e me disse que estar no Rio Grande do Sul, para ela, eram “férias” já que aqui se trabalha pouco.

Ao dar guarida, por exemplo, para outra travesti, Sibele, em certa medida, cria uma relação de proteção mútua, uma vez que sua inquilina não divide apenas as despesas da casa, mas faz-lhe companhia durante o tempo que está em casa. Juntas se preparam para o trabalho, tomam a condução uma em companhia da outra até o local onde trabalham, dividem segredos e cumplicidades.

Ter outras travestis nos arredores de suas casas é uma prática comum entre elas e o mesmo não é observado em relação aos maridos. Para eles parece ser indiferente a presença de outro casal. Quando uma travesti ou um casal muda de local, inicia-se uma série de contatos entre suas amigas a fim de ver as possibilidades de espaços que poderiam ser ocupados por outros casais ou por travestis solteiras que desejam mudar ou dividir com outras travestis o mesmo teto. É interessante essa prática porque ela não se dá igualmente nas classes médias.

Para os participantes da pesquisa, e em suas relações sociais, esse procedimento se dá através de um sistema de “bola de neve”, ou seja, quando a residente sabe de uma casa que está vaga e que o proprietário não faz restrições para alugá-la para outras travestis ou para uma e seu companheiro, aquela que já reside no bairro indica ao proprietário outra(s) ocupante(s).

Importante é salientar que essas indicações são rigorosamente restritas a pessoas que as travestis confiam e que cumprirão com o pagamento exigido. Qualquer deslize no pagamento que gere, por parte do proprietário do imóvel, uma advertência para a travesti que indicou a outra, surtirá na primeira um sentimento de “traição” e ela “desacreditará” da amizade culminando com o rompimento da relação entre elas. A observação me fez presenciar comentários bastante cruéis em relação a “ex-amigas”, ou seja, quem “não cumpriu com a palavra” e decepcionou tanto o proprietário da habitação quanto a pessoa que serviu como “fiador” terá seu nome e sua índole “suspendida” naquele bairro e certamente encontrará dificuldade para encontrar um lugar para morar nas proximidades. Cláudia Fonseca (2004, p.48) observou: “[...] a fofoca é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque”.

Diante dessas situações a “excluída” acionará outras amigas até conhecer um proprietário que lhe dê “crédito”. O pagamento “sem atraso” do aluguel, de “prestações” de bens materiais é fundamental na vida desses casais. Ter as contas pagas sem atraso significa um atestado de “honestidade e de caráter”. Não são medidos esforços para isso inclusive em certas situações, necessidades básicas como artigos de higiene e até mesmo a alimentação são deixados em segundo plano a fim de terem “as contas em dia”. Essa prática me sugere ser a responsável por agregar “prestígio” ao casal o mantendo valorizado nas suas redes de sociabilidade.

Continuando o caminho que acima tracei, ao se entrar pela porta da frente encontramos a sala e a porta do quarto. Nesse ambiente existe a ligação entre a sala e a cozinha. Uma vez no local onde se fazem as refeições, observa-se a entrada para um segundo quarto e para o banheiro da casa.

A sala da morada é constituída de dois sofás cujo tamanho acomoda três pessoas, uma mesa no centro do local e uma pequena estante de ferro com prateleiras também de ferro em forma de grade que sustentam aparelho para ouvir cds e álbuns de fotografias. Os retratos são de comemorações de aniversários e de “performances” realizadas por Sibeles em algumas boates da cidade onde ela realizou “dublagens” de cantoras famosas.

Ao entrar no quarto do casal vê-se a cama, um roupeiro de três portas e uma pequena estante de madeira que sustenta o aparelho de televisão. Na parede um mural, de isopor, forrado de lurex e que abriga outras fotos que são consideradas mais importantes daquelas que ficam no álbum da sala.

Na cozinha uma mesa de seis lugares, em fórmica, com cadeiras de ferro e estofadas. Acima da pia há um armário aéreo com quatro portas, um fogão de quatro “bocas” e uma geladeira. O piso é de cerâmica e sempre esteve “brilhando”.

O banheiro é constituído por uma pia, um vaso sanitário, um pequeno espelho e um chuveiro elétrico. Há um rodo para retirar o excesso de água do chão, pois não existe isolamento entre o local do banho e o restante do local. No chão próximo à torneira do chuveiro, lâminas de barbear, xampu, creme hidratante, sabonete e creme hidratante para desembaraçar os cabelos. Ao lado da torneira da pia, um copo com escovas de dente e creme dental. No lado oposto, sabonete para lavar as mãos e uma toalha para pendurada em um prego na parede. O piso é de cimento, assim como as paredes que são desprovidas de pintura.

### **2.3.3 Franciele e Jonatan**

Franciele e Jonatan residem em um bairro próximo à cidade de Canoas. Depois de uma hora em que eu e meu companheiro percorremos ruas desconhecidas e fizemos várias pausas para obtermos ajuda para encontrar a rua que Franciele havia mencionado como referencial, chegamos. Telefonei e ela veio ao meu encontro para irmos para sua casa.

Chovia intensa e ininterruptamente. A casa do casal fica nos fundos de outra e em frente a uma terceira, ou seja, no mesmo terreno há três casas. Na primeira mora a dona do terreno e das casas, na casa do meio, meus entrevistados e nos fundos, um casal que não mantém muito contato com meus pesquisados. Inclusive o casal acredita que os vizinhos da casa dos fundos nem saibam que ela é uma travesti. Esse mesmo casal tem aborrecido sobremaneira Franciele porque o resultado da varrição dos vizinhos tem sido depositado muito próximo à porta de acesso para sua casa.

Entramos na casa e Jonatan estava vendo futebol. Essa primeira peça é uma mistura de cozinha e sala cujo centro tem uma mesa de ferro com tampo de vidro e quatro cadeiras. Um

sofá para três pessoas encostado na parede, em frente a uma estante de madeira que acomoda a televisão, o aparelho de cd e alguns objetos decorativos. Ao lado da estante fica a porta de acesso ao banheiro.

Na parede, à direita da porta de acesso à moradia, um armário aéreo e uma pia com balcão. Em posição oposta ao sofá, outro armário, do tipo que no meio possui espaço para acomodar alguns utensílios e possui três portas acima e abaixo desse espaço.

O banheiro, única parte da casa que tem porta, é semelhante ao das outras moradias visitadas. Piso e paredes de cimento “queimado”, sem pintura. O chuveiro é desprovido de box, exigindo a existência de um rodo para impedir que a água acumulada durante o banho se espalhe para outros cômodos e para facilitar a secagem do piso, uma vez que ele remove o excesso depositado enquanto alguém faz sua higiene.

À esquerda da entrada há uma pia pequena sem balcão. Acima dela um pequeno espelho pendurado. No chão do chuveiro ficam os cosméticos, como xampu, creme desembaraçador para os cabelos (creme rinse), lâmina de barbear, escova de cabelo e lixa para os pés.

No quarto, uma cama de casal e um roupeiro de quatro portas. O piso e as paredes não são pintados e deixam o ambiente escuro. Uma janela de ferro, que dá para o corredor de acesso a casa, não possibilita visualizar a rua, mas a casa do vizinho. Em um lado da cama, uma mesa pequena onde pude observar um aparelho do tipo “mp3” para ouvir música, e um tubo de gel lubrificante.

A casa do casal é bastante pequena e na última vez que conversei com Franciele ela me disse que seu marido comprara uma motocicleta. Ela estava inquieta com a aquisição porque considerava a mesma muito perigosa. Quando perguntei onde o motociclo ficava e para minha surpresa ela respondeu que Jonatan a deixa, durante a noite, no quarto do casal.

Fiquei perplexo ao imaginar uma motocicleta naquele pequeno espaço e perguntei como ele fazia para levar a “moto” até lá. Rimos quando Franciele me contou que era um “babado” porque era necessário tirar a mesa e o sofá do seu local e quase transformar a máquina em um “oito” para conseguir entrar com ela no quarto. Uma vez lá dentro ela ficava ao lado da cama do casal, precisamente ao lado de Jonatan.

Feitas as descrições acima, não poderia deixar de referir o impacto causado pelas condições de moradia desses casais. Nesse estranhamento, evidenciam-se os valores

burgueses que me constituem. Nessa direção é pertinente a descrição de Maria José de Mattos Taube:

“Num primeiro contato, a pobreza nos parece desordenada: ruas mal traçadas, barracos construídos muito próximos uns dos outros (o que também ocorre com as casas populares) , cômodos contíguos, praticamente sem separações internas, tudo isso pode, facilmente, ser relacionado a uma confusão moral. (1992, p.29).

Ao investigar as formas de separação dos casais das classes populares, a autora expõe o quanto o pensamento das classes mais favorecidas vincula a precariedade do espaço social que habitam as populações carentes com uma “confusão moral”, uma incapacidade de gerenciar suas relações sociais e afetivas.

### 2.3 “UNS ASSIM”

Penso que é importante, neste momento, caracterizar, mesmo que brevemente, estas travestis. Acredito que o termo “uns assim”, reforça a possibilidade de que podemos ser “isso E aquilo” e desacomoda o binarismo do “isso OU aquilo”. Ressalto que a ambiguidade corpórea das travestis me parece ser mais bem nomeada pela expressão “uns assim”. O convívio com elas, desde os tempos da Especialização em Saúde Pública, me permitiu através das etnografias utilizadas como fundamento teórico, filmes e documentários a existência de um *habitus*<sup>15</sup> e de uma maneira de viver diferente da que eu imaginava. A construção do corpo travesti é um bom exemplo desse *habitus*.

As travestis que atualmente residem em nossa imaginação e nas nossas cidades conquistaram, com sacrifício, o seu direito de “ir e vir”. Possuem limitada visibilidade ainda que ela não signifique cidadania, pois muitas ainda são vítimas da homofobia, estigmatização e violência física e verbal. A construção de um corpo que exacerba os atributos femininos, como os seios e os quadris, o jeito de vestir e andar passou por transformações e incorporou os ditames estéticos atuais. (HÉLIO R. SILVA, 2007).

A “discrepância” entre o sexo biológico e o gênero ao qual se reconhecem, causa perturbação e é permanece alvo de estudos tanto das ciências humanas quanto das ciências biomédicas. Patologizadas pelo conhecimento científico, foram foco de estudos e análises variadas sob uma perspectiva engessada no “exótico”, desvinculadas da cultura e da influência desta na construção dos corpos e dos gêneros. (MARCOS BENEDETTI, 2005). A produção histórica e cultural da sexualidade, do gênero, dos corpos, dos modelos normativos de expressão afetiva promoveu a assimilação de “verdades inexoráveis” que Berenice Bento descreve a seguir:

[...] Vincular comportamento ao sexo, gênero à genitália, definindo o feminino pela presença da vagina e o masculino pelo pênis, remonta ao século XIX quando o sexo

---

<sup>15</sup> O conceito de *habitus* é predominantemente associado à obra do eminente sociólogo francês Pierre Bourdieu. [...]. O objetivo de Bourdieu era denotar certas propriedades implantadas nas mentes e nos corpos dos seres humanos. Ele definiu tais propriedades como “disposições transferíveis e duráveis por meio das quais as pessoas percebem, pensam, apreciam, agem e avaliam o mundo”. Para Bourdieu, a categoria disposições significa a variedade de orientações, habilidades e formas duradouras de know-how que as pessoas simplesmente captam devido à socialização dentro de determinadas culturas e subculturas. John Scott (2010, p.98).

passou a conter a verdade última de nós mesmos (Michel Foucault, 1985:65). [...] A partir do século XX, precisamente a partir de 1950, se observou um saber médico específico para esta experiência identitária que se materializou em diagnósticos diferenciados. (2008, p.14).

Nossas práticas sociais se desenvolveram sob um minucioso, frequentemente invisível e “inconsciente”, sistema de vigilância a fim de manter as variadas relações de poder que beneficiaram alguns grupos e excluíram outros. As ciências “psi”, que surgiram a partir dos estudos de Sigmund Freud, dentre outras, contribuíram, para a construção deste quadro que divide e legitima diferencialmente gêneros e sexualidade. A partir de um outro campo teórico, mas valendo-se também de elementos do campo psi, Pierre Bourdieu observou:

O corpo masculino e o corpo feminino, e muito especialmente os órgãos sexuais que, por condensarem a diferença entre os sexos, estão predispostos a simbolizá-la, são percebidos e construídos segundo os esquemas práticos do *habitus*, constituindo-se assim em suportes simbólicos privilegiados daquelas significações e valores que estão de acordo com os princípios da visão falocêntrica de mundo. (1995, p. 149).

Observa-se que o autor incorpora palavras do vocabulário da psicanálise que parecem estabelecer um istmo entre as ciências humanas e biomédicas. No transcorrer do artigo, o autor traça vários paralelos entre as áreas de conhecimento que iniciam na Grécia, passam por sociedades que realizavam os “ritos de passagem” e culminam no século XX. Partindo do que foi descrito anteriormente, encontraremos várias “justificativas” para que o homem seja entendido como o “sexo forte” e a mulher o “sexo frágil”.

Os binarismos homem/mulher, forte/fraco, ativo/passivo, que nos “ensinam” a observar a sexualidade, o gênero e os corpos como isso OU aquilo me faz pensar na tênue linha que separa os opostos, uma fronteira que pode ser atravessada, borrada, questionada. Muitas são as fronteiras presentes no nosso cotidiano: entre a vida e a morte, o emprego e a falta dele, o amor e o ódio, a solidão e o convívio, o som e o silêncio, etc., mas estas fronteiras, que estão normatizadas, usualmente não suscitam reação de violência ou de estranhamento. Porque, então, as existentes entre o feminino e o masculino causam perturbação quando são transgredidas?

Feministas discutem que há pedagogias que objetivam perpetuar o binarismo de corpo, gênero e sexual desde a concepção através de mecanismos sutis ou bastante evidentes. As travestis desacomodam o binarismo na medida em que, ao acionar nosso sistema classificatório de “isso OU aquilo”, revelam um humano que é “isso E aquilo”. Esta de

atravessamento nos desacomoda e, de certa forma, nos convida a tentar modificar um conceito dado como verdadeiro.

As travestis vivem a fronteira entre gênero e sexualidade inscrita nos seus corpos, nas suas atitudes, nas suas roupas e no seu trabalho. Quando profissionais do sexo, é esta fronteira corporificada na ambigüidade que seus clientes parecem buscar. Conforme relatos de muitas delas, seus clientes invertem os “papéis” de homem/ativo e mulher/passiva durante o sexo. Elas, de algum modo, atravessam e borram nossos pressupostos de “normal e anormal”.

Esta ambigüidade tem sido desde o início das ciências “psi” vista e considerada “doença”, “anormalidade”. Assim também definida pela igreja, regulada pela heteronormatividade, e, de certo modo, igualmente assim compreendida pelas próprias travestis. A expressão utilizada por uma delas, para auto definir-se, como “o ET. De Varginha” ou por outra como “Quem mandou não ser normal!” são exemplos de auto imagem.

Quando pensamos em gênero, quase sempre nos vem à mente a mulher, o feminino. Esse feminino que é acionado, no limite, é buscado pelas travestis no momento em que decidem construir o “seu corpo feminino”. Essa “imagem” que temos sobre o gênero feminino é problematizada por Guacira Lopes Louro:

[...] os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é um a categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são “genericadas”, ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a de formação, socialização ou educação dos sujeitos. (1995, p.103).

De acordo com a autora, o “processo continuado” de produção dos gêneros ocorre desde nosso nascimento e nunca está terminado. Penso que durante a infância, considerando o contexto cultural e social dessas pessoas, elas foram submetidas a pedagogias masculinizantes como as que produzem sujeitos masculinos na perspectiva de que “homem não chora”, “homem não leva desaforo para casa”, pedagogias que atentaram para a violência física e a agressividade. Poder-se-ia indagar se tanto a violência conjugal quanto a manifestada nos locais de trabalho das travestis não seriam uma das consequências dessas pedagogias.

As práticas sexuais e até mesmo o trabalho como profissionais do sexo não poderiam estar imbricados com os ensinamentos de que “homem tem de comer todas”, “homem tem que ser garanhão?”. Em um programa de televisão assisti a travesti Rogéria criticando a “passividade” das travestis diante da violência. Ela lembrava os tempos em que as travestis saíam na “porrada” quando se sentiam ameaçadas ou eram agredidas, permitindo que se compreenda que travestis reajam de uma maneira assim tão violenta. Os questionamentos descritos surgiram a partir do momento em que presenciei o relato delas de que “seriam capazes de matar por ciúme”.

A construção do gênero e do corpo da travesti, conforme Marcos Benedetti (2005), ocorre em “etapas” e elas não são as mesmas para todas. Ele descreveu as práticas utilizadas por elas para atravessarem “corporeamente” as fronteiras entre o corpo masculino e feminino. Entre os métodos utilizados estão: adoção de um nome feminino, a transformação do corpo a partir do uso de hormônios femininos e aplicação de silicone, a utilização de uma linguagem própria (o bate-bate)<sup>16</sup>, a mudança das atitudes masculinizadas e a frequência a locais específicos. As travestis realizam, dessa forma, um grande investimento que não é apenas econômico, mas é também emocional e social. Segundo Marcos Benedetti:

As travestis, ao investir tempo, dinheiro e emoção nos processos de alteração corporal, não estão concebendo o corpo como um mero suporte de significados. O corpo das travestis é, sobretudo, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se concretizam e conferem à pessoa suas qualidades sociais. É no corpo que as travestis se produzem enquanto sujeitos. (2005, p.55).

O “investimento” referido pelo autor encontra em mim respeito e admiração. A construção do feminino que estão dispostas a empreitar, desacomoda meu conhecimento técnico de enfermeiro e revela a dimensão interna do desejo que mobiliza essas pessoas. Nesse sentido Larissa Pelúcio escreveu:

Essa dimensão interna, expressa no sentir-se mulher (“sinto dentro de mim”), aparece na fala de muitas travestis na locução “ter cabeça de mulher”. Uma interioridade que precisa ser externalizada na materialidade do corpo, compondo uma totalidade, que faz do corpo sexualizado o locus da produção de uma identidade

---

<sup>16</sup> Segundo Benedetti: “boa parte do vocabulário do bate-bate parece derivar da língua iorubá, utilizada nos cultos de religiões afro-brasileiras. Elaboraões mais detalhadas sobre o bate podem ser conferidas em Müller (1992) e no Dicionário de bonecas, livreto lançado por Jovana Baby, uma influente travesti carioca que atua no movimento organizado de travestis” (Idem, 2005, p.46).

que, mesmo fluida, se alicerça num sistema simbólico no qual as representações de gênero, sexualidade e corporalidade são categorias estruturantes e mutuamente referentes. Um gênero que pode ser transformado a fim de adequar o desejo – e, assim, a sexualidade – a valores morais que fixam papéis e prescrevem comportamentos cabíveis ao feminino. (2009, p.227).

A autora salienta o simbolismo que os atributos femininos darão para o corpo e que o farão ser “interpretado” como um corpo “de mulher”, exteriorizando, dessa maneira, o sentimento de “sentir dentro de mim”. Essa construção corporal vem ao encontro da problematização do gênero escrita anteriormente. As autoras (Guacira Lopes Louro e Larissa Pelúcio) arejam a reflexão acerca das possibilidades de construção de diferentes gêneros. Conforme escrito; as concepções de gênero masculino e feminino que existem nas diferentes culturas não são as mesmas se considerarmos a história de cada sociedade.

Se partirmos desta premissa, podemos inferir que há possibilidade de modificarmos os atributos que legitimamos como masculinos e femininos, e poderíamos pensar na possibilidade de multiplicidade de gêneros a partir da problematização do dominante e excludente binarismo masculino/feminino.

Talvez seja uma utopia tendo em vista o quanto os conceitos estão normatizados no nosso modo de ver e de entender as diversidades. Catherine Mayer, em entrevista para monografia de Especialização em Saúde Pública - Magnor Müller (2007, p.33) -, declarou: “Eu saio, às vezes, mais depressiva porque eu vejo o tratamento com as pessoas **normais**, mulher e homem, porque às vezes tem diferença do que com a gente”! [Grifo meu].

Quando a travesti se refere às pessoas “normais” ela explicita que, mesmo vivendo outra forma de sexualidade e gênero, se sente “anormal” diante dos demais. A forma que vivemos e experienciamos nossa sexualidade pode ser diferente do nosso sexo biológico. Neuza Maria de Oliveira descreve a expectativa da vivência de uma identidade sexual na heteronormatividade da seguinte forma:

Embora haja expectativa por parte da sociedade de que o sexo genital esteja de acordo com o comportamento que se atribui aos diferentes corpos do macho e da fêmea, as identidades sexuais alternativas se instituem enquanto desobediência erótica, divergindo dos fundamentos biológicos da distinção sexual. É a possibilidade de não coincidência entre o psiquismo e o genital que explica as diversas construções de identidades sexuais. (1994, p.26).

Acredito que algumas travestis procurem o mesmo enquadramento como forma de libertação do estigma e segregação que vivem e experimentam no seu dia-a-dia. As violências

física, verbal e psicológica as quais convivem, e que muitas vezes inicia na sua família, seria, talvez, substituída por laços de afeto e compreensão. Penso que as discussões e problematizações sobre corpo, sexo e sexualidade poderiam contribuir para a equidade social.

O processo de produção do corpo, gênero e sexualidade das travestis está aludido nos capítulos que compõem esse trabalho. Entendo que o seu feminino, seu corpo e sua sexualidade atravessam a conjugalidade e está em estreita ligação com a masculinidade dos seus maridos, por este motivo optei em não delimitar o assunto apenas neste capítulo. A construção, o gênero, a sexualidade e outros temas relacionados ao travestismo podem ser encontrados em bibliografias alicerçadas em segmentos diferenciados do conhecimento científico.

### 3 “UNS CABEÇA”

Ainda referindo ao cantor e compositor baiano, a expressão “uns cabeça” faz alusão ao caminho de pesquisa e as técnicas de pesquisa utilizadas com o propósito de atingir os objetivos propostos por essa dissertação. “Uns cabeça” é uma menção aos pesquisadores que se dedicam a diminuir o campo de dúvidas e incertezas daqueles que decidem pesquisar e que estão dando os primeiros passos nesse universo.

A experiência de entrevistar os casais apresentou muitas dificuldades. Na graduação já experimentara, outra forma, algumas delas. Naquela época não percebia que pesquisar assuntos que sejam de ordem da intimidade, como ocorre quando se está observando a conjugalidade, apresentariam significativas resistências. Assuntos que pretendem adentrar na rotina dos casais podem, no limite, parecerem banais, mas exigem empreendimento para se construir e manter vínculo com envolvidos.

Em campo me deparei com duas situações bastante distintas. A fala “excessiva” das travestis e o retraimento dos seus maridos. Atribuo à intimidade que já havia entre nós por consequência de as conhecer de outros trabalhos e creio que os homens não se dispõem a revelar, gratuitamente, suas intimidades para um pesquisador sem que antes a relação entre eles se consolide e se alicerce no sigilo. Sublinho, por este motivo, a presença de muitas falas de Magda e Pedro e um número menor de relatos de Sibebe e Gustavo e Franciele e Jonatan.

Jonatan e Gustavo não se dispuseram a conversar comigo sem a presença de suas esposas. Como almejava adentrar em assuntos que fossem de ordem íntima, como o beijo, as relações sexuais e o ciúme, a presença das esposas seria um entrave para obter as suas percepções. O mesmo não ocorreria com Sibebe e Franciele, mas por ter percebido que há aspectos comuns entre as travestis, não apenas naquelas que pesquisei, mas as que observei nas leituras realizadas, procuro enfatizar os diálogos que tive com os maridos.

Interpreto esta situação pelas características que são próprias desses pares. Nesta aliança, conforme está detalhado no decorrer da dissertação, as travestis são quem “dirigem” a vida dos maridos e, conseqüentemente, terminaram por conduzirem também as entrevistas.

Ainda que as perguntas sejam direcionadas ao marido, se eu ficasse sozinho com ele, certamente minhas respostas se restringiriam a “sim” e “não” e dificilmente a conversa avançaria. Este foi o motivo que me fez optar por entrevistar o casal. Os maridos são calados, observadores, parecem bastante introspectivos. Talvez a observação feita explique o motivo pelo qual, durante as conversas, as travestis “cortem” o assunto e por vezes, inclusive, desmintam as respostas dos maridos.

Embora eu não seja um antropólogo e tenha tido uma formação biomédica para pesquisar, optei pela etnografia como método e observações participantes, entrevistas, rede de relações, diário de campo e análise de interpretação dos resultados obtidos como técnicas de pesquisa porque entendi que a etnografia é que “daria conta” dos meus objetivos.

Além disso, ela é comum nas pesquisas sobre gênero e sexualidade dentro da linha de pesquisa na qual está inserida essa dissertação. Além das técnicas já citadas, observações, história de vida e inserção do pesquisador no ambiente a ser pesquisado são outras ferramentas que complementaram o método etnográfico de pesquisar. Ceres Gomes Víctora, sobre o método etnográfico, escreveu:

[...] a abordagem etnográfica se constrói como base a de que os comportamentos humanos só podem ser devidamente compreendidos e explicados se tomarmos como referência o contexto social onde eles atuam. [...] Por isso, o trabalho de campo intensivo com observações in loco que nos conduz ao ponto de vista do nativo é fundamental. (2000, p.53).

Quanto à utilização de mais de uma técnica de pesquisa, a autora sugere: “O uso de técnicas combinadas, isto é, a utilização coerente de mais de uma técnica, permite suprir lacunas e tornar mais completa a coleta de informações em campo”. (2000, p.61). Na mesma direção sobre a escolha do método cito Clifford Geertz:

[...]. Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (1989, p.04).

As definições sobre etnografia utilizadas pelos dois autores alicerçaram a escolha do método de pesquisa juntamente com a “tradição” de que a linha de pesquisa em educação tem no que concerne ao uso do método etnográfico de pesquisar. Complementando os autores

citados anteriormente, Roberto Cardoso de Oliveira pontua três importantes etapas que devem ser seguidas para quem almeja pesquisar etnograficamente:

[...] Desejo, assim, chamar atenção para três maneiras -melhor diria, três etapas- de apreensão dos fenômenos sociais, tematizando-as – o que significa dizer: questionando-as – como algo merecedor de nossa reflexão no exercício da pesquisa e da produção de conhecimento. Tentarei mostrar como o *olhar*, o *ouvir*, e o *escrever* podem ser questionados em si mesmos, embora, em um primeiro momento, possam nos parecer tão familiares e, por isso, tão triviais, a ponto de sentirmo-nos dispensados de problematizá-los; todavia, em um segundo momento- marcado por nossa inserção nas ciências sociais-, essas “faculdades” ou, melhor dizendo, esses *atos cognitivos* delas decorrentes assumem um sentido todo particular, de natureza epistêmica, uma vez que é com tais atos que logramos construir nosso saber. (2006, p.18).

Estar atento para estas etapas é de fundamental importância uma vez que elas, tangenciadas pelo rigor científico, é que proporcionaram estabelecer as categorias de análise descritas na dissertação. Nossa linha de pesquisa: “Masculinidade, gênero e sexualidade” investiga “os processos culturais e pedagógicos de produção, manutenção e modificação das masculinidades...” conforme o Programa de Pós Graduação em Educação.

A fim de atingir os objetivos propostos foi fundamental que minhas análises não se dessem de maneira imparcial ou neutra, ao contrário, para obter os depoimentos foi crucial meu envolvimento com os participantes. Nesta perspectiva, a aproximação e vínculo formados entre pesquisador e pesquisado antes de apresentar um problema representou ser uma condição *sine qua non* para a realização do estudo.

Para atingir alguns dos objetivos propostos que permaneceram após a avaliação do projeto de pesquisa em 25 de maio de 2010, e adequá-los às sugestões dos participantes da banca, o eixo da dissertação que anteriormente era a masculinidade dos maridos das travestis passou a ser a conjugalidade. O número de travestis que possuem relacionamento estável é restrito e, além disso, alguns casais contatados não se dispuseram em participar. Essa situação restringiu os participantes para o número de três casais.

Por estar em contato com as travestis desde 2006, em uma posição que me situava entre dois locais: o de amigo e o de enfermeiro desenvolvi o hábito de registrar o que observava ou o que me era relatado. Estas anotações tinham como objetivo promover uma modificação do “olhar” que eu direcionava às travestis. Estes apontamentos quando entendidos como pertinentes foram incorporados na construção do texto.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, num primeiro momento, seguidas de observações participantes, produção de diários de campo e conversas informais nas casa dos participantes ou em encontros no Mercado Público da cidade onde nos reuníamos para almoçar. Essas conversas foram pré-agendados por telefone e quando possuíam caráter formal foram gravadas. As gravações foram transcritas para posteriormente serem analisadas.

A análise ocorreu através de repetidas leituras que destacaram os aspectos recorrentes nas falas dos participantes. Apenas participaram do estudo pessoas acima dos dezoito anos e casais que estivessem, pelo menos, morando juntos há dois meses.

O primeiro casal que concordou em ser pesquisado foi Magda e Pedro. A partir dele utilizei a técnica de pesquisa chamada pelos etnógrafos de *snowball*, ou seja, os participantes indicam novos informantes para fazerem parte da pesquisa. Uma vez que o universo da pesquisa é bastante pequeno e por ter ocorrido tentativas frustradas no intuito de mais casais participassem do trabalho, conclui que esta seria a melhor maneira de captar novos adeptos.

Na tentativa de obter mais depoimentos realizei algumas entrevistas numa boate no centro da cidade. Essas conversas objetivavam constatar semelhanças e diferenças entre os depoimentos dos participantes do estudo e entre os casais que estavam no local. Saliento que, num sábado a noite, às três ou quatro horas da manhã, algumas falas eram quase que ininteligíveis além do que, os poucos casais que se dispunham a conversar comigo “sugeriam” possibilidades de realizar “programas” com seus maridos ou que eu mantivesse seus copos cheios de cerveja. Isto para mim era a “moeda” de troca por informações importantes.

Também fiz uso dos diários de campo das especializações em Saúde Pública e Educação, Sexualidade e Relações de Gênero quando a conjugalidade surgia em meio às conversas. Essas conversas “informais”, em sua maioria, ratificaram as informações que dispunha e agregaram observações no campo da sociabilidade dos maridos distantes do bairro onde o casal mora e de suas casas.

Sublinho que tanto em suas casas como na boate os maridos são calados, parecem tímidos, só conversam na presença delas e têm, com frequência, sua fala “abafada” por suas esposas. O que pretendo elucidar é que quando conversava com eles, era bastante frequente elas interromperem o assunto, desmentirem os maridos e iniciarem uma discussão sobre determinada fala proferida por eles. Na boate essa situação era um pouco mais constrangedora porque o “teor alcoólico” funcionava como combustível para essa situação.

Pude, inclusive, reconhecer o grau de intimidade que há entre mim e os casais porque participei do momento em que elas, após o banho, se arrumavam para irem para o trabalho. As técnicas usadas para aumentarem o tamanho dos seios, para esconder o pênis, maquiarem-se, ajeitarem o cabelo e a escolha das roupas e acessórios. Diante dos seus maridos as vi nuas. Senti-me até constrangido por tamanha intimidade comigo. Questionei se o companheiro se importava com essa atitude delas e eles me sinalizavam com a cabeça negativamente e diziam que eu era como um irmão delas.

Acredito que quando as travestis notaram que eu não pretendia “seduzir” seus companheiros e que eu não pretendia ser um “cliente” dos seus maridos, em certa medida, elas me classificaram como um “quase igual”. Durante o percurso fui sendo “percebido” como alguém que não oferecia perigo e isto foi de fundamental importância para construção dessa intimidade.

Partindo desta premissa, pergunto até que ponto minha homossexualidade poderia ou pode provocar situações de ciúme nelas e esse, talvez, seria um contribuinte para que os maridos não quisessem ser entrevistados sem a presença delas. Contudo, Magda me respondeu a esta pergunta da seguinte maneira: “se tu fosse uma mulher ou uma travesti as entrevistas só ocorreriam na minha presença. O negócio seria bem diferente. Além do mais, a gente vê que tu é um cara sério, que leva teu trabalho a sério! E além disso tu já é de casa.” (Diário de Campo de 07/08/2010).

Afinal, eu poderia ser um possível cliente tanto do marido quanto da esposa, uma vez que podemos deslizar nas fronteiras do gênero e das práticas sexuais e ameaçar a conjugalidade do casal. Entretanto, sempre deixei claro meu casamento de 12 anos como uma maneira de delimitar, também, uma possível abordagem destes homens. Diferente das situações descritas das minhas idas ao bar onde ninguém sabe quem sou. Se em determinado momento ameacei a conjugalidade, esta situação está no campo de uma suposição, pois concretamente não tenho nada que possa comprovar tal suposição.

#### 4 “UNS DIZEM SIM”

Caetano afirma: “coragem mesmo é poder dizer sim!”. A referência da música se propõe a sinalizar para situações nas quais “Uns Dizem Sim”, ou seja, para os homens que decidem formar aliança com uma travesti. Aqui analiso a conjugalidade vivida e experienciada por estes homens e as pedagogias que tensionam a produção da masculinidade deles. Esses homens que estão unidos a um feminino que não é o hegemonicamente prescrito em nossa sociedade, foram escolhidos por suas parceiras porque são classificados por elas como possuidores dos atributos de um “homem de verdade”.

Ainda que a pesquisa, o debate e a mobilização de alguns movimentos sociais tenham contribuído para uma mais ampla percepção da diversidade e desacomodado a concepção hegemônica da conjugalidade, não deixaria de ser “algo estranho” a visão de uma travesti e um homem caminhando num shopping de mãos dadas. Esse estranhamento trás à tona o quanto ainda somos atravessados e capturados por essa exigência de um sexo biológico que encontre correspondência com sua prática sexual. Sobre essa temática Richard Miskolci escreveu:

[...] a ordem social contemporânea não difere de uma ordem sexual. Sua estrutura está no dualismo hetero/homo, mas de forma a priorizar a heterossexualidade por meio de um dispositivo que a naturaliza e, ao mesmo tempo, torna-a compulsória. Em resumo, a ordem social do presente tem como fundamento o que Michael Warner denominaria, em 1991, de heteronormatividade. O dispositivo de sexualidade tão bem descrito por Michel Foucault em sua gênese ganha, nas análises queer, um nome que esclarece tanto a que ele direciona à ordem social como seus procedimentos neste sentido. A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. CHAMBERS, 2003; COHEN, 2005, p.24. (2009, p. 156).

Conforme o autor, é desafiador compreender como estes homens transitam neste campo difuso que há entre o que é culturalmente aceito e exigido e a maneira que eles “escapam” da norma.

Resultado de um longo processo de construção histórica, nosso olhar sobre relacionamentos que escapam à norma instituída (prática sexual heterossexual, correspondência entre sexo biológico e gênero e práticas sexuais equivalentes a ele) exige de nossa parte um vigoroso esforço no sentido de desconsiderá-los como “exóticos”. Assim, por mais proximidade que tenhamos de uma travesti e de seus relacionamentos, não temos garantia de que o nosso olhar não esteja borrado pela construção social, cultural, moral e religiosa que caracteriza a união entre uma travesti e um homem, entre duas travestis, entre uma travesti e uma mulher ou quaisquer outras possibilidades de união.

Conforme já foi dito, há múltiplas maneiras de se viver a sexualidade da mesma forma que há variadas formas de masculinidade. Os maridos que participaram desta pesquisa não diferem dos heterossexuais, homossexuais, bissexuais, etc, quanto à expectativa de encontrar uma parceira e formar um núcleo familiar. Apresentam-se como um grupo de homens que buscam adaptar sua forma de conjugalidade aos pressupostos heteronormativos. Isto se evidencia quando referem seu desejo de possuírem a condição de “provedores do lar”.

Assumir a possibilidade de sustentar suas esposas faz parte das falas destes maridos. Entretanto, durante meu convívio com os casais, não presenciei nenhuma situação em que este assumisse efetivamente essa condição de provedor. Nesse sentido, convém salientar que o dinheiro fomenta boa parte das discussões conjugais. Em relação à atividade laboriosa do marido, Marcos Benedetti destaca:

[...], é comum que muitos maridos sejam sustentados materialmente pelas travestis. [...] Para as travestis, o fato de sustentarem seus *bofes* não causa nenhuma estranheza ou contradição. Acreditam que, assim fazendo, manterão seus *bofes* fiéis. Segundo Janete: “(...) *esses bofes gostam é dos nossos acuéis* (dinheiro), *porque homem que é homem gosta de mulher.*” [...] A manutenção da relação por meio do sustento material que a travesti oferece ao seu marido pode também servir como uma espécie de “compensação” pela fidelidade exigida dele, em contraposição à contínua exposição dela no mundo da prostituição. (2005, p.122 e 123).

Vindo ao encontro do que descreve o autor, Dom Dom Kulick (2008) identifica semelhante conduta por parte das travestis de Salvador. Parece-me que o modelo hegemônico de masculinidade, no qual o homem deve ser o provedor do lar, é um componente muito mais da retórica desses maridos do que propriamente da vivência conjugal. Ainda que na rotina destes casais que participaram do estudo todos os maridos trabalhem, a remuneração não é utilizada para fazer frente às despesas da casa possibilitando, com isso, que suas esposas abandonem a prostituição nas ruas.

Em relação à drogadição desses maridos meus informantes vão de encontro ao que referem Marcos Benedetti (2005) e Dom Dom Kulick (2008). Eles referiram mais de uma vez já terem feito uso de drogas no passado mas hoje não as utilizam mais. Seu lazer está restrito a assistir programas populares na televisão e acompanhar suas esposas em algumas comemorações religiosas. Contudo, nas ocasiões em que estive na boate e que desfrutei da companhia de outros casais que não participaram desse estudo, constatei que são elas que pagam as bebidas, as drogas e o táxi.

Há também uma particularidade quando se pensa nos atributos que esses casais têm em relação à conjugalidade. O casamento entre uma travesti e um homem tem temporalidades, códigos e sociabilidade diferentes, por exemplo, das uniões entre pessoas de classe média. Larissa Pelúcio, a partir de sua pesquisa de campo, escreveu:

A categoria “marido” sugere que nas relações amorosas envolvendo travestis, o tempo de consolidação dos laços e dos compromissos é distinto daquele que envolve relacionamentos de contornos heterossexuais e de classe média. Nada de encontros cercados de amigos, flertes em barzinhos, passeios de mãos dadas em shoppings, saídas para jantares ou reuniões em casas de parentes. (2009, p.77).

A autora continua:

Não há espaço para relações pautadas pelos “roteiros” comuns à classe média heterossexual. Ainda assim, as travestis, informadas dos códigos conjugais heteronormativos, almejam uma vida marital nos moldes instituídos por essas normas: uma casa, marido “homem de verdade”, tranquilidade financeira, trabalho “normal” (que significa fora da noite e da prostituição) e, se possível, filhos. (2009, p. 78).

Nessa mesma perspectiva, Guacira Lopes Louro, ao ressaltar a maneira que nossa cultura constrói o gênero masculino e o feminino, corrobora com Larissa Pelúcio quando nomeia algumas travestis de “informadas dos códigos conjugais heteronormativos”. Ambas as autoras nos ajudam a pensar os motivos que as levam a “sonhar” em serem esposas “do lar”:

A característica fundamentalmente social e relacional do conceito (**de gênero**) não deve, no entanto, levar a pensá-lo como se referindo à construção de papéis masculinos e femininos. Papéis seriam, basicamente, padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar.... Através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas. (2007, p. 23 e p. 24. Grifo da Autora).

A premissa das autoras pode ser observada a seguir durante o período em que eu estava em campo de pesquisa. A situação referida a seguir parece bastante elucidativa do quanto estão informados estes maridos acerca dos códigos heteronormativos. Em uma visita em que levei algumas roupas minhas para doar a ele, ficou evidente seu julgamento em relação à adequação de modelos e cores que lhe eram adequados.

Magda levou as sacolas ao quarto, me chamou para sentar na cama com ela e vermos as roupas. O marido (Pedro) na porta olhava mas não se pronunciava. Em determinado momento ela me pediu para que eu dissesse a ele que as roupas não eram roupas de mulher, pois se ele entendesse que eram compradas em lojas femininas ele jamais as usaria. Brinquei com ele dizendo que eu não era mulher e, mesmo gay, minha masculinidade era diferente da dele mas que eu também era homem. Ele riu com o hábito de esconder os seus dentes. (Diário de Campo de 07/08/2010).

O pedido feito acima surgiu no momento em que Magda retirou da sacola uma camiseta cor-de-rosa. Segundo ela, Pedro Jamais usaria uma peça de roupa daquela cor, pois é “cor de roupa de mulher”.

Mesmo que nos empenhemos em olhar para a conjugalidade da travesti e do seu marido com esforço para destituí-la de um “caráter de exotismo”, essa união ainda pode nos provocar uma série de questionamentos de outra ordem. A intimidade, a administração da casa, as finanças, as relações de amizade, a religião, o convívio com as famílias, parentes e vizinhos, são exemplos. É possível que a vida desse casal promova algumas especulações já que ela “desliza” da expectativa social de que o sexo biológico tem de corresponder ao nosso gênero e à sexualidade.

O deslocamento entre as fronteiras rígidas demarcadas ao longo da história impulsiona a procura de, pelo menos, uma definição do que se está “transgredindo”. Nesse sentido, Michel Foucault escreveu:

[...] O conceito de normalização refere-se a esse processo de regulação da vida dos indivíduos e das populações. Nesse sentido, nossas sociedades são sociedades de normalização. “A sociedade de normalização é uma sociedade onde se cruzam, segundo uma articulação ortogonal, a norma da disciplina e a norma da regulação. Dizer que o poder, no século XIX, tomou possessão da vida, dizer ao menos, que o poder, no século XIX, se encarregou da vida é dizer que ele chegou a cobrir toda a superfície que se estende do orgânico ao biológico, do corpo à população, pelo duplo jogo das tecnologias de disciplina, por um lado, e das tecnologias de regulação, por outro” (2009, p. 309).

O autor descreve o quanto a normalização se dá de forma direta, sem desvio (“ortogonal”) sobre o seu foco, no caso, a sociedade. Não podemos esquecer, porém, que conforme o mesmo autor observou: “onde há poder há resistência” o que nos leva a refletir que as normalizações não ocorrem sem que haja deslizamentos, transgressões, escapamentos do que ela pretende instituir.

A maneira como se dá a relação de poder entre a travesti e seu marido é outra questão que suscita atenção. No convívio com os casais, observei que a travesti tem atitude de comando mais evidente que a do seu companheiro. Ele ocupa uma “posição menos ativa” na rotina do casal. São elas que tomam as decisões a respeito da divisão das tarefas domésticas, a “contabilidade das despesas” é de responsabilidade delas e as “regras do jogo” são elas que ditam. Elas são “mulheres fortes”, seu feminino tem uma agência que não é a mesma observada entre as mulheres do meu convívio e que são oriundas de classe média. Sobre relações de poder, Judith Revel refere:

Michel Foucault nunca trata do poder como uma entidade coerente, unitária e estável, mas de ‘relações de poder’ que supõem condições históricas de emergência complexas e que implicam efeitos múltiplos, compreendidos fora do que a análise filosófica identifica tradicionalmente como o campo do poder. [...] se é verdade que não há poder que não seja exercido por uns sobre os outros- “os uns” e “outros” não estando nunca fixos num papel, mas sucessivamente, e até simultaneamente, inseridos em cada um dos pólos da relação-, [...] (2005, p.67).

A autora continua com a definição:

Em nenhum caso, trata-se, por consequência, de descrever um princípio de poder primeiro e fundamental, mas um agenciamento no qual se cruzam práticas, os saberes e as instituições, e no qual o tipo de objetivo perseguido não se reduz somente à dominação, pois não pertence a ninguém e varia ele mesmo na história. (2005, p. 67).

Nos excertos acima, a autora, seguindo o conceito de poder utilizado por Michel Foucault, nos esclarece que ele entende o poder por algo instável, móvel, que ocorre na relação entre os envolvidos. Que o poder não é centralizado e nem é algo que possa ser

“adquirido”, “conquistado”, “tomado” de alguém. Nas relações ele se dá de maneira instável, ou seja, ora um cônjuge o exerce ora o outro.

Nesse mesmo sentido, Alfredo Veiga-Neto argumenta que numa abordagem foucaultiana o poder (enquanto algo definido, situado num centro, singular) não existe: “o que existe são práticas em que ele se manifesta, atua, funciona, se espalha universal e capilarmente” (2005, p. 145). O autor afirma que, para Michel Foucault, o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce, e que opera em qualquer relação social, no nível cotidiano. Poder não pode ser visto apenas como algo que se impõe de maneira repressiva e, para Michel Foucault : “O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (2004, p.08).

Conforme observado, há íntima relação entre o “exercício do poder” da travesti sobre o seu marido. Quando Magda “pressiona psicologicamente seu marido” está evidente o desequilíbrio de poder ali instaurado. Ela chega a ponto de verbalizar que “tortura ele...”.

Magda:.. Não é assim ó, porque eu sou vingativa ou revoltada, não é por este lado, entendeu. Uma questão que guarda pra mim, não é uma questão vingativa, é uma magoa, é uma mágoa que eu guardo. E eu sou assim Magnor, eu sou uma pessoa que eu jamais esqueço o que a pessoa me fez de bom e também não esqueço o que fez de ruim.

Magnor: Pois é, eu vou te perguntar uma coisa, que é uma coisa que eu achei muito interessante, quando a gente hoje sentou aqui, antes de o Pedro chegar, quando tu falou ”Eu torturo ele Magnor”, que não estávamos falando do ciúme, que ele estava muito ciumento, agora te cuidando e tal, eu disse “Tá e por que ele tá assim?”, e tu disse “É que eu torturo ele, eu faço pressão psicológica”. Eu queria que tu falasse um pouco sobre isso.

Magda: Ah, muito bom, muito bom. Sabe qual é o problema Magnor, eu sou uma pessoa...

Magnor: Sabe Magda, eu quero entender isso, Por que tu acha que tu tá torturando ele?

Magda: Eu sou possessiva. (Entrevista em 08/04/2011).

Uma das formas de resistência utilizadas pelos maridos para contestar esse poder a que estão submetidos, é a estratégia de ignorar o pesquisador para provocar a ira da esposa. Em muitas ocasiões isto se evidenciou no modo como se dirigiram a mim. Certa ocasião, Sibebe chamou seu companheiro para vir à sala, pois eu havia ido visitá-los. Ele estava assistindo televisão e se manteve no quarto restringindo-se a pôr a cabeça no vão da porta limitando-se a me direcionar um único e sonoro “Oi!”. Essa maneira de agir era desculpada e justificada por

elas porque eles haviam discutido e estavam em “crise” no relacionamento. Não se tratava de algo pessoal contra o pesquisador.

Outra forma de contrapor o poder dirigido aos maridos é a ameaça latente de abandoná-las. Ainda que não verbalizado a condição de “marido de travesti” particulariza esse companheiro como alguém que a qualquer momento pode partir para uma relação com outra travesti. Essa parece ser uma recorrente “moeda de troca” possível nessa conjugalidade. Magda sublinha o medo da solidão que seria consequente ao abandono:

Magnor: Magda, voltando no que eu estava falando antes, como tu definirias casamento? Em quatro palavras, por exemplo. Casar é.....

Magda: Ai casamento é, como é que eu poderia definir... O casamento é ter alguém que você goste, que você ama ao seu lado e... a questão do respeito, enfim né, coisas assim, alguém pra tu não viver sozinho, Por que hoje em dia eu sou uma pessoa, antes de eu perder minha mãe, faz três anos que eu perdi minha mãe, eu era uma pessoa assim ó, que eu tinha muito medo da morte, hoje eu dia eu sou uma pessoa que não tem medo da morte, eu tenho medo da solidão, eu acho que esse contexto da solidão entra o casamento, o relacionamento de duas pessoas e essa é minha colocação.

Magnor: A morte não te assusta, mas a solidão assusta?

Magda: A solidão, Deus o livre, eu acho que eu morreria só de lembrar que um dia eu vou ter que de repente ficar só entendeu... Depois que eu perdi minha mãe... eu sempre fui uma pessoa, pela minha vida, que eu escolhi, que eu escolhi não, Por que ninguém escolhe o que vai ter, pela trajetória de vida que eu tenho, eu acho que no momento que eu tinha minha mãe, que era um escudo, uma pessoa que era meu braço direito, que era meu porto seguro, que era a minha mãe, que eu acabei perdendo, que eu não aceitei na época, mas que eu fui obrigada a aceitar entendeu, Por que ninguém vai ficar aqui (?), mas eu acho que é uma coisa assim ó, eu acho que nesse momento que eu perdi a minha mãe, eu acho que eu me apeguei muito a minha relação, Por que hoje em dia a minha família é o Pedro, que é o meu companheiro.

Magnor: Pois é, mas tu não achas que isso é uma coisa boa? Por que eu acho que isso amadurece a relação, isso pode melhorar a relação, não?

Magda: Eu acho assim ó, essa questão da solidão aí é uma questão que daí eu, eu não saberia de repente como trabalhar...(entrevista em 08/04/2011).

Quando se entra nesse universo de conjugalidade vê-se que as relações de poder são profundamente marcadas pelo aspecto financeiro/material. Campo fértil para observação. Nos relacionamentos dos participantes dessa pesquisa constatei que o provimento do lar e a disponibilização de dinheiro constitui para a travesti, em relação a seu marido, uma materialização desse exercício de poder. Por outro lado, a recorrente possibilidade desse homem abandoná-la é a moeda de troca que, por vezes, equilibra essa relação pois não é qualquer homem que tem “coragem” de assumir essa conjugalidade.

Desta maneira a relação de poder está em constante movimento, pois ela migra entre os cônjuges em determinados momentos da relação mas de maneiras diferentes. Aquele, por exemplo, que está com mais dinheiro teria possibilidades de exercer mais poder sobre o outro. Ou seja, ditaria as “regras”, estabelecia os “limites” que não poderiam ser ultrapassados e assim por diante. De outra parte, a iminência da ruptura da conjugalidade também atuaria nesse embate.

Contudo, é interessante observar e também “desnaturalizar” a fala de que os maridos estão nestes relacionamentos por “interesse financeiro”. São quase rotineiros os relatos de que estão brigados, que fulano foi para casas de parentes, que elas estão sozinhas novamente, etc. Porém, na mesma proporção a harmonia e a rotina se restabelecem e ele retorna para casa e é recebido com uma refeição de sua preferência, etc. O ideal de amor romântico, de relacionamento, casamento, posições na relação parecem estar presente sob o mesmo campo de tensões acionados pelo “modelo hegemônico”.

As travestis, ao serem arguidas sobre os motivos de aceitarem o retorno dos companheiros, explicam que é porque “amam eles” ou “gostam deles” e que “ninguém é santo” e todos cometemos erros. Além disso, características como honestidade, confiança e serem “homens de verdade” contribuem para a aceitação dos maridos. Diante do pedido de aceitação de desculpas há uma reflexão sobre as qualidades dos seus maridos e uma comparação com os maridos ou com os ex-maridos das outras. Ao concluírem que o companheiro é “um bom homem” o pedido de retorno é aceito.

As características que determinam um homem de verdade são físicas, morais e principalmente sexuais. A maneira como este homem vive sua sexualidade e os atributos de masculinidade que ele apresenta são fundamentais para que se relacione com uma travesti. Tais predicados conferem-lhe um *status* entre os que convivem com ele. Para serem “homens de verdade”, sob a perspectiva de suas companheiras, têm de ser “ másculos, ter pau grande, serem totalmente ativos nas relações sexuais, jovens (entre 16 e 30 anos)” DOM DOM KULICK, 2008.

Paralelamente ao relacionamento observei que é comum haver um significativo tensionamento entre a travesti e suas amigas ou colegas de quadra. Todas estão sempre “atualizadas” sobre quem se casou, com quem se uniram, quem se separou, quem traiu quem e quando, além de “vigiarem” o comportamento dos homens que estão comprometidos com alguma travesti do seu ciclo de amizade. Pedro exemplifica:

Pedro: Hoje em dia quando eu penso em sair, não digo pra fazer dinheiro, aí vem a questão do ciúme, ela não eu que eu saía. Que eu possa fazer alguma besteira, não do lado, pela questão da doença, de alguma outra doença, é questão que depois eu não vou falar pra ela muito as outras coisas, e eu to há dez anos com ela, metade... mas de (?) de (?) conhece ela, até hoje nunca vi uma pessoa mais conhecida que ela.

Magnor: E tu achas que as amigas, elas ficam vigiando, elas controlam, te controlariam no caso, se tu fosses numa boate, tu acha que as amigas ficariam controlando pra depois contar pra ela?

Pedro: De 20 amigas delas que eu conheço, que frequentam boates, acho que umas 18 ligavam pra dizer “fulano ta aqui”. Cansei de brigar com ela, saía dali, a gente brigava e eu ia pra boate, aí dizia que não ia, ficava dois, três dias sem ir pra boate nenhuma, aí no outro dia quando eu ia pra boate, aí tava na boate tranquilo, ia só pra me fazer a cabeça, aí na minha frente mesmo, pegava o telefone “Pedro tá aqui do meu lado”.

Magnor: E aí? O barraco estaria feito.

Pedro: Não dentro da boate, na rua, quando eu passasse, na volta dela, ela procurava sempre ficar na mesma rua pra fazer barraco.

Magnor: E ela já foi violenta também, de bater, jogar coisa?

Pedro: Já, uma vez que a gente teve uma briga saindo da boate, na rua, no nada, a gente conversando aí passou uma amiga dela, e ela “onde é que tu tava Pedro?” e eu falei que não tinha ido pra boate, ela disse “olha, o Pedro disse que não tava?”.

Magnor: Mentira tem perna curta né?

Pedro: Quatro ou cinco amiga dela e um amigo meu esperando na esquina, eu “não vou agredir”.(Entrevista em 29/04/2011).

Penso que a “escassez” de homens que mantêm relacionamentos com travestis seja motivo para esse interesse, pois quem é marido hoje de uma, amanhã pode ser o de outra. Dom Dom Kulick corrobora com essa observação:

[...] As atividades dos namorados são o fermento interminável para a proliferação de fofocas e conflitos entre elas. [...] Elas o enchem de presentes, dinheiro e drogas – até o dia em que se cansam, quando então o mandam embora e instalam outro em seu lugar. Se há um assunto que suscita opiniões inflamadas das travestis, este assunto são os namorados. Sem compreender o papel dos namorados, fica impossível compreender qualquer outra dimensão da vida das travestis. (2008, p. 114).

A observação do autor põe em relevo o “lugar” que um “homem de verdade” ocupa nas relações sociais das travestis. Em torno dele são acionados mecanismos e estratégias de vigilância, controle, relações de poder que, muitas vezes, promovem rupturas na amizade entre duas travestis. Se uma delas se insinuar para o marido de outra as consequências podem

ser bastante catastróficas, pois a travesti que for “traída” se vingará da sua rival. Deve-se lembrar que essa traição desestabiliza as relações de confiança, de amizade e de respeito entre os envolvidos.

Ao “trair” a amizade de uma amiga, tanto o marido quanto a rival passam a ser vistos de forma negativa por toda a rede social envolvida, ou seja, uma travesti que traiu a amizade de outra e da mesma maneira o marido que “aprontou” terão sua índole suspeitada e serão classificados como “não merecedores de confiança”.

#### 4 “UNS MASCULINOS”

Neste capítulo abordo as pedagogias de construção da masculinidade dos maridos das travestis. “Uns masculinos” alude a uma masculinidade que pode ser entendida como a não hegemônica. Os másculos padronizados seriam “Os Masculinos”. O trecho da canção define para mim que estes homens “escapam” aos ensinamentos e às regras regulatórias e compulsórias vivenciando outra forma de masculinidade. Eles se consideram homens heterossexuais mesmo que em determinado período de suas vidas alguns tiveram relações sexuais com outros homens.

Suas esposas também os entendem como heterossexuais e se no passado tiveram relações sexuais com outros homens justificam que “foi por necessidade”. Dois dos maridos que entrevistei foram garotos de programa e se relacionaram sexualmente com homens, mulheres ou casais heterossexuais e casais gays. Mesmo que suas práticas pudessem “suspender” a heterossexualidade, eles se reconhecem como heterossexuais e nas suas falas pude perceber que procuram enquadrar-se no modelo hegemônico de masculinidade. Sobre este padrão Michael S. Kimmel escreveu:

[...]. No todas las masculinidades son creadas iguales; o más bien, todos somos creados iguales, pero cualquier igualdad hipotética se evapora rápidamente, porque nuestras definiciones de masculinidad no se valoran del mismo modo en nuestra sociedad. Una definición de hombría sigue siendo la norma con relación a la cual se miden y evalúan otras formas de virilidad. Dentro de la cultura dominante, la masculinidad que define a los blancos, de clase media, adultos jóvenes heterossexuales, es el modelo que establece los standards para otros hombres, en base a la cual se miden otros varones y, a los que, más comúnmente de lo que se cree, ellos aspiran. (1997, p.03).

O autor continua:

[...]. Todo hombre que falle en calificar en cualquiera de esas esferas, es probable que se vea a sí mismo como indigno, incompleto, e inferior. (p.128). Esta es la definición que llamaremos masculinidad hegemónica, la imagen de masculinidad de

aquellos hombres que controlan el poder, que ha llegado a ser la norma en las evaluaciones psicológicas, en la investigación sociológica y en la literatura de autoayuda y de consulta destinada a enseñar a los hombres jóvenes cómo llegar a ser “verdaderos hombres” (Connell, 1987). La definición hegemónica de la virilidad es un hombre en el poder, un hombre con poder, y un hombre de poder. Igualamos la masculinidad con ser fuerte, exitoso, capaz, confiable, y ostentando control. Las propias definiciones de virilidad que hemos desarrollado en nuestra cultura perpetúan el poder que unos hombres tienen sobre otros, y que los hombres tienen sobre las mujeres. (1997, p.03).

Ao refletir sobre as proposições do autor procuro traçar alguma relação possível entre o modelo hegemônico e a masculinidade heterossexual experienciada pelos homens que participaram do trabalho. Estabelecer um elo entre este modelo hegemônico e a forma de exposição dessa masculinidade reveste-se de um caráter difuso. A ausência de reações físicas violentas não está presente no repertório desses homens. Tampouco essa masculinidade apela para posturas autoritárias ou mando. A condição fundamental para que estes homens se percebam como heterossexuais está relacionada com suas práticas sexuais. Parker complementa o autor acima:

[...] na cultura brasileira o “ser homem” não se dá exclusivamente em sua relação/oposição com o “ser mulher”, mas na relação de proximidade/afastamento com outras masculinidades tais como “o machão”, “o corno”, “a bicha” ou viado. Assim, o homem que se relaciona com uma travesti teria de/que guardar larga distância destas últimas figuras. (2007, p.193).

É interessante salientar que os autores partem de perspectivas de análise diferentes. Enquanto Michael S. Kimmel (1997) se debruça sobre o conceito de masculinidade hegemônica de uma maneira ampla, Larissa Pelúcio restringe-se ao campo social brasileiro. A fim de manter a supremacia da masculinidade (heterossexualidade) referida pelos autores, instituições como a igreja, a escola, o estado e a família exercem pedagogias específicas para perpetuar o modelo hegemônico. Ainda sobre o modelo hegemônico de masculinidade, Pierre Bourdieu sublinha:

[...]. Tudo concorre, assim, para fazer do ideal impossível de virilidade o princípio de uma enorme vulnerabilidade. É esta que leva, paradoxalmente, ao investimento, obrigatório, por vezes, em todos os jogos de violência masculinos, tais como em nossas sociedades os esportes, e mais especialmente os que são mais adequados a o produzir os signos visíveis da masculinidade e para manifestar, bem como testar, as qualidades viris, como os esportes de luta. [...]. Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris. Práticas como, por exemplo, os estupros coletivos praticados por bandos de adolescentes – variante desclassificada da visita coletiva ao bordel, tão presente na memória dos

adolescentes burgueses - têm por finalidade pôr os que estão sendo testados em situação de afirmar diante dos demais sua virilidade pela verdade de sua violência, [...]. (2010, p. 54 e 66).

Como sublinha o autor, o modelo dominante de masculinidade determina algumas práticas, que entendo como pedagogias de masculinidade, pelas quais os homens “assegurariam” o seu pertencimento àquele grupo. Outra pedagogia utilizada na construção da masculinidade heterossexual é o “estímulo” entre o homem e os participantes de sua rede de sociabilidade para que ocorram relações extraconjugais. Relações fora do casamento são legitimadas sob a perspectiva heteronormativa. O trecho da entrevista realizada com Gustavo ilustra um dos ensinamentos:

Gustavo: Eu tenho filhos.

Magnor: Tem filhos? Com ela?(ex-esposa de Gustavo)

Gustavo: Sim.

Magnor: Tu foste casado com mulher só uma vez?

Gustavo: Eu fui casado nove anos com ela e duas amantes.

Magnor: Tu eras casado com ela, a oficial durante nove anos, que foi com a oficial que tu estavas no dia que tu viste a Teresa. E nesse período de nove anos tu tinhas duas amantes? E os filhos?

Gustavo: Uma com cada uma das amantes e, deixa eu ver, uma guria e... quatro com a primeira, quatro não, três.

Magnor: Cinco filhos então você tem?(Entrevista em 12/09/2009).

Outra maneira regulada pela heteronormatividade (e desejada por suas companheiras) diz respeito à forma que ocorrem as práticas sexuais entre eles. O pênis da travesti não deve ser desejado pelo seu companheiro. Ter interesse pelo órgão sexual masculino da sua companheira não é característica de “homem”, pois, se isso ocorrer, eles estarão nivelados aos clientes delas, que são entendidos como “mariconas”. Os fragmentos de conversas abaixo ilustram essa vigilância e preocupação:

Ao questioná-la (Sabrina) porque ela não tem mais interesse em se casar surpreendi-me com a resposta. Segundo ela, os maridos, após um tempo de relação, iniciam com prática de sexo oral na travesti e depois terminam por tornarem-se passivos na relação sexual. Esta atitude provoca na travesti uma decepção, pois elas procuram o homem viril, macho, ativo sexualmente. (Diário de Campo de 17/7/2007).

Sobre o mesmo tema, Magda disse:

Magnor: [...] um dia, a gente conversando, e eu lembro que tava a Sibebe e a Franciele junto, que a gente falou da questão que, um dos critérios que a travesti leva muito em conta para ter um marido é que ele não pegue no pênis dela né, isso é uma coisa importante, que ele não toque ela. Eu lembro que naquela época eu perguntei “Ta, mas como é que ele vai beijar o seio de vocês, como é que ele vai deitar em cima de vocês, se ele não vai poder encostar?” aí tu disseste: “Ah, isso a gente dá um jeito de ladinho, a gente faz um truque, pra ele não encostar e tal”. E no caso beijo, funcionaria da mesma forma?

Magda: Com certeza.

Magnor: O beijo vai ser de lado também?

Magda: Não, não, a gente vai dar o beijo de frente, mas é aquela coisa assim ó, eu, por exemplo, assim ó...

Magnor: Mas assim, por exemplo, você não daria o beijo sem calcinha, tu ficarias com calcinha?

Magda: Não, não... Vestida, vestida... No meu caso, com o Pedro, a gente tá há 10 anos e comigo ele sempre foi totalmente ativo. Não sei se de repente num outro relacionamento dele, homossexuais né, teve outras formas ou maneiras de orgasmos, entendeu. Mas, particularmente comigo, ele sempre foi ativo, acho que é por isso que eu tô com ele até hoje, eu sou totalmente passiva com ele, totalmente feminina né. Porque a minha cabeça, eu construí essa forma, essa maneira. (Entrevista com Magda em 08/4/2011).

Sobre o tema, Pedro expôs:

Pedro: Eu peço pra ela (Magda) sempre ficar de costas pra mim, eu não pego no pênis, no máximo que eu passo a mão é na barriga e do umbigo pra cima. (Sobre a possibilidade de ser passivo na relação sexual) Nunca na minha vida até hoje, desde guri de programa, eu já perdi dinheiro de muitos clientes, que até hoje os guri me falam, já perdi de ganhar dinheiro alto. Numa época até nessa questão, já perdi uma vez de ter ganhado uma bolada, que podia estar até hoje bem, eu disse não. Não vou fazer isso que logo, mas cedo ou mais tarde, eu posso me arrepender. Essa questão da cama mesmo, sempre fui ativo.

Magnor: Mas vocês se beijam?

Pedro: Normal.

Magnor: Sim, mas quando tu vai beijar uma pessoa tu fica de frente pra ela, vocês se beijam assim?

Pedro: Nós nos beijamos de frente.

Magnor: Mas aí tu não encostas muito no corpo?

Pedro: Encosto.

Magnor: Mas aí tu não vai sentir?

Pedro: Ah, vai de pessoa pra pessoa, ela não demonstra muito.

Magnor: Ah, tá.

Pedro: Ela não demonstra naquela hora ali do toque. Tem muitas pessoas que já demonstram na hora do toque ali, ela já não demonstra nessa parte. Nessa questão eu evito tocar, pra não... para não me sentir mal. (entrevista em 29/04/2011).

O exposto demonstra que a relação sexual entre as travestis e seus maridos é constituída de regras e significados que possuem relação de semelhança a condutas existentes em outras formas de união. Infiro que nas diversas possibilidades de alianças existirão partes do corpo que são preservadas, práticas que serão consideradas “inadequadas” e regramentos que resguardarão as relações da “perversidade”.

Segundos alguns autores, os corpos biologicamente classificados como sendo do sexo masculino, analogicamente os femininos também, apenas podem ser “reconhecidos” a partir do binarismo pênis (homem)/ vagina (mulher) e suas práticas sexuais devem confirmar e perpetuar esta perspectiva. Nesse sentido, Guacira Lopes Louro disserta sobre o imperativo binário ao escrever sobre a educação dos nossos corpos e, conseqüentemente, das nossas práticas sexuais:

[...] Um trabalho pedagógico contínuo, repetitivo e interminável é posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade “legítimos”. Isso é próprio da viagem na direção planejada. O processo parece, contudo, sempre incompleto; ele demanda reiteração, é afeito a instabilidades, é permeável aos encontros e aos acidentes. Efeitos das instituições, dos discursos e das práticas, o gênero e a sexualidade guardam a inconstância de tudo o que é histórico e cultural; por isso, às vezes, escapam e deslizam. (2004, p.17).

Conforme o excerto acima, onde a autora escreveu: “inventar novas práticas mais sutis....e reconduzir....os desviantes” (idem), poderíamos refletir que de tempos em tempos a sociedade reinventa maneiras de “resgatar” os corpos que “deslizam” e “desviam” da heteronormatividade compulsória. Contudo, a autora levanta um importante aspecto para ser pensado:

[...] Os sujeitos que cruzam as fronteiras de gênero e de sexualidade talvez não “escolham” livremente essa travessia, eles podem se ver movidos para tal por muitas razões, podem atribuir a esse deslocamento distintos significados. Eles podem, tal como quaisquer outros viajantes, ver sua travessia restringida, repudiada ou ampliada por suas marcas de classe, de raça ou por outras circunstâncias de sua existência. (2004, p.18 e p.19).

A procedência, em sua maioria, nas classes populares das travestis e de seus companheiros, determina talvez que suas práticas estejam em outro patamar de significado,

embora tenhamos que reconhecer que elas são incomuns em relação às práticas “aprovadas” pela nossa sociedade. Quase todos os maridos tiveram suas primeiras experiências sexuais com travestis. Esta iniciação sexual quase sempre é estimulada por algum amigo ou familiar a fim de obterem, além da experiência, algumas compensações materiais como roupas, sapatos ou outros bens de consumo.

Os maridos das travestis, conforme dito, “trilham” um caminho no complexo panorama das práticas sexuais. Desde suas primeiras experiências eles são “recompensados” com bens materiais como roupas, tênis, drogas e dinheiro. Esse provimento que recebem delas lhes permite, também, “controlar” uma possível “traição” conjugal. Dom Kilick observou:

[...] Partindo daí, qualquer relação entre uma travesti e seu namorado se caracteriza pela transferência de dinheiro e presentes. Vimos o exemplo do fluxo de dinheiro e presentes de Keila para Tiane [...] O fato de Tiane pedir dinheiro o dinheiro somado ao fato de Keila conceder era o sinal de que o relacionamento estava para acontecer. Com efeito, a oferta de presentes de uma travesti a um homem é signo da própria relação entre os dois e ao mesmo tempo assinala para outras pessoas que a relação está em curso. Para mim, Edílson confessou que começou a desconfiar de algo estranho quando viu Tiane desfilando com roupas caras e novas de uma hora para outra. “Quem comprou isso para ele”, cismou Tiane, suspeitando que poderia ter sido Keila.” (2008, p.126).

O autor alude a essa troca de bens materiais que está presente nas relações afetivas entre os pares. Em conversa com Magda, ela menciona, mesmo que superficialmente, uma relação de “trocias materiais”. Ela disse:

Magda: Eu sou assim ó, ta vendo esse jornal? Esse jornal eu comprei, esse jornal aqui ó, ninguém toca, ninguém pega e ninguém lê, ele é meu. Se tu mexer, se tu ler e se tu pegar, tu vai ter uma briga comigo.

Magnor: Tua acha que tu compraste o Pedro?

Magda: É! Ou que eu de repente... assim ó...

Magnor: Não! Responde a minha pergunta (na tentativa de forçá-la as ser mais objetiva. Procurava que ela verbalizasse um “sim” ou um “não”) tu disseste “esse jornal eu comprei”, isso é possessão ta, tu falou que tu é muito possessiva com o Pedro, então eu estou te perguntando, tu achas, que na tua cabeça, tu consideras que o Pedro tu também compraste e é por isso que tu tens esse direito de ser tão possuidora?

Magda: Exatamente isso aí.

Magnor: Ok. E de que forma tu compraste ele?

Magda: Ah, de repente assim, a questão da gente ter convivido todo esse tempo junto, não que ele tenha sido um produto, uma mercadoria, que eu comprei, mas é que dentro da minha cabeça eu tenho essa visão! E acho que não é por aí. (Entrevista em 08/04/2011).

Em relação às trocas materiais, Pedro destaca:

Pedro: Eu me lembro de quando comecei, eu quando cai no meu primeiro programa com travesti, todo mundo “é, porque travesti não paga, todo mundo diz que travesti não paga”, que na minha época... De dez que eu conheço, duas até hoje... qualquer michê que elas pegam passando na rua, elas pagam, de dez, oito eu sei que não pagam, não pagam ali na hora, possam dar alguma coisa mais pra frente.

Magnor: De repente não pagam talvez com dinheiro, mas podem dar um tênis, alguma coisa.

Pedro: Que não seja um pagamento ali na hora, mais pra frente podem ajudar a pessoa de alguma forma. (entrevista em 29/04/2011).

As “trocas materiais” que ocorrem nas relações afetivas entre as travestis e seus maridos, se constituem em uma prática que parece ser parte da construção e manutenção da união. Presentear o marido com bens materiais faz frente ao desejo que as travestis têm de “garantir” fidelidade e “autoridade” sobre os companheiros. Por outro lado, para os maridos os benefícios materiais dão a impressão de que significam, após de estar firmada a relação afetiva, uma expressão de afeto.

Ainda sobre as práticas que dão características de heterossexualidade aos homens, cito as observações de Dom Kilick:

[...] O namorado quase não toca no corpo dela, excetuando-se algumas carícias nos seios e, eventualmente, beijos. Mas não há contato dele com o pênis da namorada-travesti. Sei de algumas travestis que vestem calcinhas durante o ato sexual ou quando dormem juntos com o namorado, para evitar que ele se depare com o fato de que elas têm um pênis. Uma travesti me disse que em dois anos de relacionamento a única maneira de seu namorado ver o pênis dela seria xeretando por baixo da calcinha enquanto ela dormia. (2008, p. 146 e 147).

O autor segue com seus apontamentos:

Assim, a gratificação sexual certamente não é o que as travestis buscam no relacionamento com os namorados. De acordo com a explicação de Mabel, sexo com namorado implica o seguinte: “Ele vai para cama com você, você vira de costas, ele enfia, pôu, goza – até mais, tchau!”. E Keila afirmou textualmente: “Uma travesti não se liga a ninguém por causa do sexo porque ela não precisa do namorado para gozar”. A importância de ter um namorado, ao contrário, está no fato de que ele é essencial para a travesti poder se sentir igual a uma mulher. [...] Elas não querem um namorado por causa do prazer sexual. **Elas não obtêm sexo dos homens, mas sim gênero.** (2008, p. 147. Grifo meu).

De tudo o que foi dito, percebe-se claramente que o autor aponta numa questão bastante importante para a compreensão do significado dos critérios que o marido tem de atender para que seja “um homem de verdade”. As travestis não desejam ser fisicamente mulheres, esse é um dos motivos pelos quais elas não desejam realizar a cirurgia de transvaginação. Elas almejam ser “desejadas como se fossem mulheres” e para atingirem esse objetivo constroem um feminino que evidencia as características que representam o feminino.

Seguindo o que Dom Kilick aponta como “a obtenção do gênero” pelas travestis, a partir do seu relacionamento, poderia haver uma relação mutua entre a aquisição dos gêneros nessas alianças. Ao desviar de contato físico com o pênis da esposa o marido “atesta” sua heterossexualidade para a companheira e para si mesmo. Paralelamente a esta cautela tomada pelo companheiro a travesti lança mão de subterfúgios tais como: manter relação sexual sem despir sua calcinha, ficar de lado ou de quatro durante o sexo. Sobre atitudes que intencionam evitar exposição e toque no pênis da companheira, Magda e Pedro observam:

Magnor: E quando tu fazias os teus programas, as posições tu fazia as mesmas que faz com ela?

Pedro: No máximo de quatro, no máximo de quatro ou de bruços. Deitado assim com a barriga pra baixo.

Magnor: Sim, pra não tocar no pênis, que é uma coisa que tu já falaste. (Entrevista em 29/04/2011).

Magda: Não, não... Vestida, vestida... No meu caso, com o Pedro, a gente ta há 10 anos e comigo ele sempre foi totalmente ativo. Não sei se de repente num outro relacionamento dele... homossexuais né, teve outras formas ou maneiras de orgasmos, entendeu. Mas, particularmente comigo, ele sempre foi ativo, acho que é por isso que eu to com ele até hoje, eu sou totalmente passiva com ele, totalmente feminina né. Porque a minha cabeça, eu construí essa forma, essa maneira. (Entrevista em 08/04/2011).

A prática sexual do marido da travesti com sua esposa mais do que “atravessar” a norma incita outra questão: a de que eles se considerem heterossexuais. Pedro falou “Eu sempre gostei de travestis, eu considereei como mulher, tem corpo de mulher.” (entrevista dia 01/4/2009). É importante refletir que para ele o corpo de uma travesti não é um corpo abjeto, ao contrário, é um corpo que materializa o feminino e não conflitua com a sua masculinidade.

Parece correto afirmar que os participantes da pesquisa estão imbuídos de um discurso que reproduz padrões heteronormativos. Durante as entrevistas, as respostas procuravam ser adequadas a um entendimento de conjugalidade que deseja estar de acordo com o discurso

dominante. A concepção sobre discurso que emprego é a utilizada no pós-estruturalismo. Judith Revel explica a definição Foucaultiana que rege aquela corrente analítica:

O discurso designa, em geral, para Michel Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente lingüísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (por exemplo, a grande separação entre razão/desrazão): a “ordem do discurso” própria a um período particular possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas. (2005, p.37).

À medida que o discurso produz “saberes, práticas, comportamentos” e que ele nos constitui desde antes do nosso nascimento, é compreensível que respostas dadas a determinadas formulações sejam atravessadas e balizadas pelo enunciado hegemônico. Na conjugalidade pesquisada parece claro que tensionar a relação entre o que é dito e o que é observado, revela o quanto é difuso os limites entre um e outro.

Devido à carência de discussões sobre gênero, sexualidade, modelos normativos, etc. e suas implicações, o binarismo corporificado no corpo travesti tensiona a sexualidade e o gênero ao qual pertence aquele que é atraído fisicamente por ela. Essa tensão parece ser um dos caminhos que nos instiga e mobiliza em direção a esta forma de conjugalidade. Neste sentido, Judith Butler é bastante “provocativa”:

Haverá “um” gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?” Quando teóricas feministas afirmam que o gênero é uma interpretação cultural do sexo, ou que o gênero é construído culturalmente, qual é o modo ou mecanismo dessa construção? Se o gênero é construído, poderia sê-lo diferentemente, ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? Porventura a noção de “construção” sugere que certas leis geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais da diferença sexual? Como e onde ocorre a construção do gênero? Que juízo podemos fazer de uma construção que não pode presumir um construtor humano anterior a ela mesma? (2003, p.26).

A autora continua:

[...] Em algumas explicações, a de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o

gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino. (2003, p.26).

A autora aponta para outro “destino” de determinação de gênero que deixa de ser o biológico, mas que passa a ser definido pela cultura e sobre o qual não teríamos agência. Mas, as travestis e transexuais transformam seus corpos naquilo que desejam e naquilo que se identificam e, dessa maneira, põem em xeque a construção cultural e biológica do corpo e consequentemente a do gênero.

Para além da produção do corpo das travestis há um território obscuro relacionado com a conjugalidade que é o trânsito que elas fazem entre os gêneros de acordo com situações peculiares do seu cotidiano. Elas “acionam” sua masculinidade, por exemplo, quando necessitam se proteger, delimitar espaço no trabalho, agredir fisicamente alguém que as está ameaçando ou demonstrar autoridade para seu companheiro e prover o lar. Pode-se pensar que há entre os pares uma constante disputa entre os gêneros, além do que seus maridos são impelidos a dar provas de que pertencem apenas ao gênero masculino. Todavia os companheiros parecem não se sentir constrangidos diante esta conjuntura.

O imperativo social para que as práticas sexuais correspondam à genitália se manifesta de diversas maneiras, mesmo sobre os sujeitos que vivem por exemplo relações homoeróticas. Neste sentido, a atividade, nas práticas sexuais, parece ser regulada por condutas que são permitidas e outras que são proibidas. Mesmo na intimidade, distante de olhares, o homem desautoriza ações que poderiam colocar sua masculinidade sob suspeita e impõe limites a partes do corpo que podem ser acariciadas. O comentário de Franciele é bastante “perturbador”:

[...] numa das nossas conversas me disse que o seu marido não toca no seu pênis e não deixa que ela passe a mão na bunda dele. No dia que ela apertou os glúteos dele, durante uma relação sexual, ele parou com a relação e olhou para ela dizendo que se isso se repetisse ele a veria como um homem e quebraria a sua cara! A trataria como se um homem qualquer tivesse tomado tal atitude (Diário de Campo, 06/06/2009).

A situação revelada por Sibebe aponta para em direção de um frequente movimento a fim de definir fronteiras entre os gêneros. Nas relações heterossexuais podem ocorrer situações em que seja necessário expor limites, contudo nas alianças entre a travesti e seu marido, além de perturbar e possibilitar um comportamento hostil, a tensão gerada pode resultar em agressividade física.

Nesse mesmo sentido, a travesti espera que seu companheiro sinalize o limite corporal durante sua relação sexual. Para uma travesti, um “homem de verdade”, ou seja, aquele que ela “levou para dentro de casa”, não pode ter nenhuma atitude que permita a ela questionar sua masculinidade. É importante observar que o depoimento acima foi feito com entusiasmo, pois o comportamento do marido era uma “prova” de que ele é homem. Em sua intimidade, por exemplo, elas me relataram que quando mantém relações sexuais com seus maridos as realizam na posição de costas para eles, ou de lado ou de quatro, mas sempre de costas. Além disso, põem uma toalha pequena sobre seu pênis a fim de que ele não toque e nem seja visível para seu companheiro ou continuam usando sua “lingerie”.

Quando questionei sobre os beijos e os carinhos nos seios elas me disseram que essas práticas ocorrem ou quando elas ainda estão vestidas ou quando elas já estão nuas, mas “de ladinho” conforme era de se esperar.

Algumas das estratégias confessadas por elas para se certificarem de que seus companheiros são realmente “machos” são efetivadas durante o ato sexual. Desde enfiar o dedo no ânus do companheiro, até pegar a mão dele e levar ao pênis delas, ou falarem que gostariam de serem ativas ou que gostariam que ele fizesse sexo oral nelas, fazem parte dessa certificação da masculinidade do companheiro:

Magnor: Porque isso eu acho que é uma coisa importante, porque de tudo o que eu li até agora, de tudo o que eu li, isso é uma condição para uma trava casar, que ela case com um cara que seja muito ativo, e que ele não queira ser passivo, elas até tentam ser ativa, mas o fato de tentar de ativa com o cara é um teste com ele, pra testar se ele é homem de verdade.

Magda: Como se fosse assim ó, vou fazer um fio terra nele pra ver.

Magnor: É, se ele deixar ela já fica desconfiada de que ele não é muito homem, não é?

Magda: Magnor, eu sou assim ó, com clientes, a maioria dos clientes, no momento que o cliente tocar no meu órgão genital masculino, ele pra não é mais ativo.

Magnor: Por exemplo e se tu fizer... Tu já tentaste fazer fio terra no Pedro?

Magda: Nunca, e ele nem gosta.

Magnor: Isso que eu digo, tu saber que ele não gosta e o fato de tu nunca ter tentado, isso te dá uma tranquilidade.

Magda: Magnor, não é a minha praia... Como eu vejo ele como macho, como hetero, entendeu.

Magnor: Vamos imaginar, porque eu sei que não é essa a situação ta, mas vamos imaginar, se tu tivesses uma desconfiança, não se tu tivesses uma fantasia, mas uma desconfiança “ah, será que ele é homem mesmo?”, tu poderia fazer isso como teste, pra tirar essa dúvida?

Magda: E porque que não?

Magnor: Faria? Tu farias o teste do dedo se tu desconfiasses?

Magda: Não, se eu tivesse uma desconfiança que ele talvez pudesse ser passivo, porque não?

Magnor: Se tu fizesses e ele demonstrasse que não queria, tu ficarias tranquila “realmente me enganei”. E tu achas que a suas colegas podem fazer isso pra testar se elas desconfiam?

Magda: Olha Magnor isso aí é uma coisa de pessoa pra pessoa...

Magnor: Eu sei que é de pessoa pra pessoa, mas eu imagino que vocês conversam entre si.

Magda: Com certeza. Com certeza elas fariam. Todas nós fizemos o teste já. Todas nós testamos antes da gente ter... Pra gente não ter dúvida, entendeu. É a mesma coisa, tipo, amigas minhas mulheres, e chegar pra mim e perguntam assim ó “ai fulana o que tu acha do meu marido que gosta que bota o dedo na bunda dele, será que ele não é gay, não é bicha, não é homossexual, alguma coisa assim?” ... (?) Qual é a opção sexual dele. Porque tem o homem que é bissexual ele tanto transa com a mulher tanto quanto transa homem ou travesti.

Magnor: Mas tu achas que o homem hetero, hetero mesmo ta, casado com uma mulher, ele não vai querer...

Magda: Não gosta, ele não vai querer que introduza o dedo...(Entrevista em 08/04/2011).

Conforme a narrativa acima, observei que é a travesti que procura, principalmente no início da relação, se certificar que está com um “verdadeiro macho”. Creio que essas atitudes objetivam muito mais do que comprovar a masculinidade do seu companheiro, elas autenticam sua feminilidade e legitimam seu investimento de tempo e dinheiro, não só na transformação do seu corpo, mas também no relacionamento com aquele homem.

Nesta conjugalidade onde a feminilidade da travesti e a masculinidade do marido estão em permanente negociação, poder-se-ia resgatar a noção de Judith Butler segundo a qual tornamo-nos um gênero. Como salienta Judith Butler (1990, p.20), o gênero “nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos”, pois outros fatores são atravessados neste processo: modalidades raciais, classistas, étnicas, regionais, por exemplo.

Por outro lado, elas me relataram que seus clientes em quase sua totalidade fazem o “papal” de passivos. Em certos programas elas realizam “fist fuck”, prática sexual em que a pessoa ativa introduz no ânus do parceiro a mão, o pulso e o braço até o cotovelo. Prática que elas sentem desconforto em realizar, pois chegam a sentir os órgãos internos do cliente.

Há, de certa maneira, um paradoxo entre o “discurso” e a prática sexual de alguns homens. Vale lembrar que os clientes das travestis são, em sua maioria, casados, têm filhos e pertencem a todas as classes sociais e estariam incluídos no modelo de heteronormatividade, que por si descarte possibilidades de relações homoeróticas.

Mas, por que motivo houve a necessidade de classificar e diferenciar os gêneros a partir do seu sexo biológico? Jeffrey Weeks relata que “[...] Será, sem dúvida, uma surpresa para muitas pessoas saber que uma definição mais aguda de “heterossexualidade “como sendo a norma foi forçada precisamente pela tentativa de definir “homossexualidade”, isto é, a forma “anormal” de sexualidade” (2007, p.61). O autor, neste pequeno trecho, infere que a partir do momento em que surgiram os termos heterossexualidade e homossexualidade convencionou-se, também, que o comportamento heterossexual era e é considerado a norma, o “normal” e todos os comportamentos que diferem deles foram e continuam sendo classificados como anormais, desviantes.

O excerto de Kathryn Woodward contribui para o entendimento do parágrafo anterior:

[...] A diferença é um elemento central dos sistemas classificatórios por meio dos quais os significados são produzidos. Examinamos as análises estruturalistas de Lévi-Strauss e de Mary Douglas, ao discutir os processos de marcação da diferença e da construção do “forasteiro” e do “outro”, efetuados por meio de sistemas culturais. Os sistemas sociais e simbólicos produzem as estruturas classificatórias que dão um certo sentido e uma certa ordem à vida social e as distinções fundamentais – entre nós e eles, entre o fora e o dentro, entre o sagrado e o profano, entre o masculino e o feminino – que estão no centro dos sistemas de significações da cultura. (2000, p.68).

Observo, ainda, que a partir da citação acima, há uma multiplicidade de sistemas classificatórios para ordenar as diferentes formas de práticas sexuais masculinas e femininas. Este ordenamento parece não tolerar as vivências em que o sexo biológico não corresponde às práticas sexuais dos indivíduos. Talvez este seja um dos motivos que estigmatiza as travestis, pois elas representam o ambíguo, o inclassificável.

Em uma reunião, na ONG Igualdade, eu escutava uma travesti contar para uma amiga que ela e seu companheiro estavam em um bar e, em determinado momento, um rapaz foi falar com ela e nisso seu companheiro teve uma crise de ciúme e começou a ofendê-la. A resposta proferida por ela me deixou muito reflexivo. Ela disse: “Mana (a amiga) eu disse para ele que se ele queria brigar não havia problema, pois ela era homem também!”. Nem todas as travestis “resolvem” a situação no momento em que ela está acontecendo. Magda relata:

Magda: Não que eu seja individualista, por que comigo é assim, roupa suja se lava em casa. (?). Mas aquela coisa assim ó, se eu tiver que resolver alguma coisa com o Pedro.... o Pedro conhece só no meu olhar pra ele, eu digo assim “lá em casa a gente conversa”. Que aqui não está num bom momento pra gente conversar.

Magnor: **“Em casa a gente conversa”** é bom né? Mas não é bom? Claro, está dado o recado. (grifo do autor).

Obviamente a atitude tomada pela travesti não é exclusiva dela, pois há mulheres que também agridem seus maridos. Mas é uma situação velada, pelo menos pelo marido, pois não é comum “homem apanhar de mulher”. Entre os casais entrevistados agressões físicas não são muito incomuns. Inclusive passei algumas situações constrangedoras quando as acompanhei para tomar o ônibus e retornar para casa. Na parada do coletivo, elas estão prontas para fazerem “bafão<sup>17</sup>”, ou seja, para agredirem verbalmente e, se necessário, fisicamente qualquer pessoa que as provoque. Esta provocação pode ser entendida por olhares curiosos, risos ou comentários das outras pessoas presentes.

Nossa cultura está rigorosamente formatada no modelo que compreende o gênero feminino como frágil e o masculino como diligente que até mesmo na criação de leis não se pensa em outras formas de feminilidade e masculinidade. Cito a Lei Maria da Penha que objetiva:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir, e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal, e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. (Lei Nº 11.340, de 07 de agosto de 2006).

De acordo com o que é preconizado pela Lei Maria da Penha, a mulher é a única vítima de violência doméstica e por este motivo deve ter assegurada sua proteção através de punição ao agressor. Porém, ela já foi utilizada para beneficiar homens que são vítimas de agressões físicas significativas. A agressão cometida por suas esposas expõe uma particularidade desses casais uma vez que os maridos não revidam da mesma maneira as agressões que sofreram. O modo pelo qual replicam suas esposas se dá através de atitudes que

---

<sup>17</sup> Bafão: termo êmico utilizado para designar escândalo, agressão física ou verbal.

elas mais temem. Uma delas é irem sozinhas a uma boate que é frequentada por outras travestis.

Ao retornar do seu trabalho e perceber a ausência do companheiro, elas passam a experimentar uma série de sentimentos que, alimentados por suas fantasias e experiências anteriores, lhes causa bastante sofrimento. Ao imaginarem que o seu marido pode ter relações sexuais com outra travesti ou que há possibilidade de que eles as abandonem, o martírio que elas experimentam é para seus maridos o revide à injúria que lhes foi imputada por elas.

Neste momento é necessário que entendamos que os comportamentos estão imbricados com as relações de poder e o corpo, pois é sobre ele que atua o poder em suas variadas formas. É a partir dele que a sociedade “identifica” e, conseqüentemente, “julga” a “normalidade” ou “anormalidade” das práticas sexuais. Os corpos que não “denunciam” o “desvio”, mesmo que suas práticas sexuais não se enquadrem na “normalidade”, encontram-se isentos dos julgamentos. O contrário também pode ocorrer.

Nossos corpos, desde o momento em que nosso sexo biológico se torna conhecido, vão sendo orientados e conduzidos na direção da “normalidade”, ou seja, vão sendo submetidos às práticas regulamentadas através do poder. Imbricado com ele o disciplinamento dos nossos corpos é esclarecido por Michel Foucault:

Como sempre, nas relações de poder, nos deparamos com fenômenos complexos que não obedecem à forma hegeliana da dialética. O domínio, a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo...tudo isso conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio. Mas, a partir do momento em que o poder produziu este efeito, como consequência direta de suas conquistas, emerge inevitavelmente a reivindicação de seu próprio corpo contra o poder, a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais de sexualidade, do casamento, do pudor. (2004, p.146).

O autor continua:

E, assim, o que tornava forte o poder passa a ser aquilo por que ele é atacado... O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo...Lembrem-se do pânico das instituições do corpo social (médicos, políticos) com a da união livre ou do aborto...Na realidade, a impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares...e a batalha continua (2004, p.146).

Michel Foucault nos dá uma visão bastante ampla sobre a atuação do poder sobre os corpos, contudo é necessário articular o excerto acima com o tema proposto nessa dissertação. A partir do disciplinamento corporal ao qual somos submetidos, as possibilidades de entendermos os motivos que fazem com que os relacionamentos das travestis com seus maridos sejam “avaliados” como “anormais” está conectado com os tipos de corpos que nossa sociedade “permite” que se relacionem.

As travestis têm o corpo modificado e talvez, ter desejo por elas pode ser facilmente associado à patologia, como se fosse um desvio de sexualidade. O corpo travesti exagera as características do corpo biologicamente feminino talvez por isso provoque desejo em algumas pessoas, pois elas não têm peito, mas *peitão*, não têm bunda, mas *bundão*, não têm coxa, mas *coxão*, não têm cabelo, mas *cabelão*. Esse corpo “inventado” é diferente da produção das *drag queens* que fazem uma paródia do gênero ou ainda das transexuais femininas que procuram adequar os seus corpos ao modelo hegemônico de feminino.

Entre o comportamento sexual – heterossexual - masculino e feminino há um espaço, uma zona ilimitada onde há outras possibilidades de praticar a sexualidade, mas que tem uma característica transgressora, nebulosa que deve permanecer silenciada e às escuras.

Nos corpos masculinos há, entre tantas, duas importantes “marcas” de masculinidade que estão associadas ao poder: sexo e violência. Da mesma maneira que nossos corpos foram “disciplinados”, a masculinidade heterossexual, na nossa sociedade, foi “construída” objetivando homens viris e violentos. Fernando Seffner exemplifica:

Homens não nascem prontos, não nascem violentos, nem saem da barriga da mãe sedentos de poder, nem dispostos a “comer todas” usando o sexo como arma contra as mulheres. Os homens são ensinados, dia-a-dia, em nossa sociedade, a serem assim. Por um lado, esta constatação é preocupante, pois nos indica uma sociedade com mecanismos bastante violentos de produção de indivíduos. Dá medo viver numa sociedade que, cotidianamente, coloca em ação estratégias que exigem do homem desempenhos que o produzem enquanto um guerreiro: indivíduo violento, competitivo e agressor. (2008, p. 15).

Conforme o próprio autor em outra parte do texto: “antes que alguém comece a sentir pena dos homens” (idem). Os maridos estão inseridos em todo o contexto de produção de masculinidade exposto anteriormente e, por este motivo, imagino que não deve ser nada fácil para estes homens viver sua masculinidade. Michael S. Kimmel complementa Fernando Seffner:

[...] En este trabajo considero a la masculinidad como un conjunto de significados siempre cambiantes, que construimos a través de nuestras relaciones con nosotros mismos, con los otros, y con nuestro mundo. La virilidad no es ni estática ni atemporal; es histórica; no es la manifestación de una esencia interior; es construida socialmente; no sube a la conciencia desde nuestros componentes biológicos; es creada en la cultura. La virilidad significa cosas diferentes en diferentes épocas para diferentes personas. Hemos llegado a conocer lo que significa ser un hombre en nuestra cultura al ubicar nuestras definiciones en oposición a un conjunto de otros, minorías raciales, minorías sexuales, y, por sobre todo, las mujeres. (? , p.1).

Refletindo acerca dos aportes dos referidos autores podemos evidenciar, segundo ambos, o papel prescritivo que a cultura impôs e impõe na definição dos comportamentos socialmente aceitos. A partir destas “definições culturais” pode-se “deduzir” que a origem dos estigmas está entrelaçada com aquelas acepções.

Para que homens e mulheres aceitem e sigam as prescrições determinadas pela sociedade, ela faz uso de pedagogias que “ensinam” comportamentos próprios para cada gênero. Claudia Fonseca descreve uma dessas pedagogias:

[...] A valentia masculina se constrói desde a primeira infância, através dos duelos constates e multiformes entre homens. Basta observar o grupo de jovens que assistem ao jogo local de futebol para ver essas provocações mútuas: os empurrões, os insultos, os golpes de punho... É assim que os meninos aprendem a se movimentar nesse universo de sensibilidades à flor da pele. (2004, p.191).

Os homens pesquisados demonstraram em suas narrativas terem sido submetidos ao conjunto de métodos que produzem a masculinidade hegemônica, mas, em oposição ao que poderíamos pensar, na sua relação de conjugalidade quem exerce a violência física é sua companheira. Além disso, pode-se perceber o esforço que desempenham a fim de evitar conflitos. Podemos refletir que eles têm outras maneiras de impor sua masculinidade e que ela não está vinculada à violência? A prova da masculinidade para suas esposas estaria restrita ao ato de penetrá-las durante as práticas sexuais?

As atividades laboriosas mais comuns exercidas pelos homens que se relacionam com travestis são informais. Eles podem ser profissionais do sexo, auxiliares de pedreiros, pintores, trabalhadores da construção civil de maneira geral, flanelinhas e seguranças são as mais corriqueiras. Há os que realizam tráfico de drogas. Destaco que, preferencialmente, o trabalho que esse homem realiza tem de ter a anuência da sua esposa. O consentimento dela evita problemas causados pelo ciúme, uma vez que um local desconhecido em meio a pessoas

estranhas alimenta nela insegurança. Estes elementos reforçam a fantasia de que ela está sendo “traída” pelo companheiro.

Perceber que a masculinidade dos participantes do estudo pode ser outra expressão de masculinidade e outra maneira de experienciar a sexualidade, “desnaturalizando” a heterossexualidade, talvez possa contribuir para futuras discussões acerca de homoconjugalidades, homoparentalidades e outros tipos de relacionamentos homoafetivos e biafetivos presentes na nossa sociedade.

Além disso, as reflexões acerca do assunto podem diminuir o preconceito, pois um informante me relatou que os homens que procuram os garotos de programa “deixam de sair com eles quando sabem que eles estão casados ou estão tendo um relacionamento com uma travesti” (Diário de Campo, 12/09/2009). Parece que os homens que casam com travestis têm sua masculinidade e virilidade questionada e diminuídas por outros sujeitos do mesmo sexo biológico.

Sublinho que os comportamentos classificados como “desviantes” interferem tanto na masculinidade dos sujeitos quanto em suas relações profissionais e de sociabilidade.

## 5 “UNS QUASE IGUAIS”

A expressão “Uns Quase Iguais” se propõe a revelar a pluralidade das formas de se vivenciar a masculinidade. Neste capítulo abordo a sociabilidade destes homens e a sua masculinidade procurando relacionar estes aspectos com o contexto social ao qual estão inseridos. Creio que exista a possibilidade de eles serem “vistos” na sua comunidade como “quase iguais”, porém, sua união com as travestis tangencia o modelo hegemônico de masculinidade.

Ainda que afirmem a possibilidade de transitar por onde quiserem, evidencia-se certa restrição a circularem nos locais populares como no centro da cidade. Na periferia, onde habitam, tive a oportunidade de observar que suas relações não provocam o olhar “inquisidor”, cheio de “juízo de valor” comum aos locais frequentados por pessoas de classe média ou média alta. A existência de um casal de lésbicas que vive com seus filhos, num dos bairros visitados, indica a possibilidade de haver menos preconceito diante de distintas formas de conjugalidade.

A “aceitação” da pluralidade de gênero e sexualidades nos locais onde residem os casais demonstra um recorte de classe importante. Em bairros de classe média e classe média alta pode ser plausível a união entre pessoas do mesmo sexo desde que ela se aproxime do modelo hegemônico. Quero dizer que se um casal for discreto, tiver um animal de estimação, não perturbar a harmonia da vizinhança ou do prédio onde residem, não promover escândalos, etc., seu relacionamento apresenta menos chances de acionar situações homofóbicas.

Os companheiros das travestis possuem uma rede de sociabilidade que não vai muito além da sua família, de outros maridos de travestis e de ex-colegas de trabalho. Não frequentam as casas dos vizinhos, jogam vídeo game uns com os outros e com suas esposas, as acompanham nas festas religiosas, entenda-se aqui as festas da religião afro-brasileira. Com estes exemplos podemos refletir sobre uma masculinidade que segue paralelamente à hegemônica, tem suas especificidades e seus limites, mas apresenta peculiaridades.

Constatai que os personagens do estudo “têm” hábitos domésticos. Alegam que são impelidos a “ficar em suas residências” devido ao ciúme de suas companheiras. A fim de evitarem discussões e desentendimentos acatam a imposição da companheira. A condição referida é demonstrada pela seguinte situação:

Um dos irmãos de Pedro está casado com uma travesti. Solicitei que Pedro contatasse o irmão a fim de que eu o entrevistasse para agregar outro informante à pesquisa. Após dois dias, por telefone, conversei com Pedro e ele me informou que seu irmão não participaria porque a esposa o “proibira de sair de casa e de ter contato com outras pessoas”. O irmão saíra do presídio há poucos meses e sofre a estigmatização de ser “ex-presidiário”. Tem dificuldades de se empregar e, conforme me contou Pedro, ainda não está com seus documentos liberados pela justiça. Sua situação atual pode corroborar para que aceite as “regras impostas” pela companheira. (Diário de Campo em março de 2001).

Em dias quentes, época em que as visitei, elas costumam se reunir em frente de casa e olhar os passantes, comentando a bocas miúdas se os homens são bonitos, têm “pau grande”, etc. Muito discretamente para que seus maridos não percebam. Outra coisa que me disseram é que muitas mulheres que residem no bairro vigiam seus maridos, pois conhecem o trabalho das travestis e temem que eles se insinuem para elas a fim de terem relações extraconjugais.

Esta situação delas serem vistas “potencialmente como disponíveis para relações sexuais”, faz com que não sejam muito próximas de todos os moradores do beco. Contudo, apesar do calor, todas sempre vestiam roupas discretas, diferentes daquelas que usam quando estão trabalhando como profissionais do sexo.

Percebi que os maridos não mantêm relações de proximidade com os vizinhos. Eles não mencionam praticarem algum esporte ou terem algum convívio social com os moradores do local. Em todas as ocasiões em que os visitei, eles estavam dentro de casa. Não se permitiam sequer sentarem em frente da casa do modo que eu fazia com suas esposas. Talvez este isolamento seja para evitar alguma possibilidade de serem mal interpretados por suas companheiras em caso deles retribuírem um simples cumprimento para uma vizinha.

Os maridos referem que o ciúme de suas companheiras beira a “loucura” e, para evitarem brigas, preferem não saírem com elas, pois quase sempre o lazer termina em discussão ou agressão física. Observo que a agressão física parte da travesti e não do marido. Fernanda Farias de Albuquerque conta uma de suas experiências: “[...] Bêbada de uísque, briguei de grito e unha na cara. Quebrei uma garrafa para arrebentar a cara dele (do marido), mas faltou coragem. Afundei o vidro no meu braço. Uma cicatriz para sempre. (1994, p.77)”.

Outro exemplo é a atitude de uma das minhas informantes no dia em que seu marido chegou bêbado após uma festa na empresa: “Ela pegou-o pelas orelhas, bateu a cabeça dele na parede e depois jogou um cinzeiro no seu pé. Conforme me disse, quando viu o sangue correr se sentiu aliviada, maquiou-se e foi trabalhar. (Diário de Campo: de 08/11/2009)”.

Em entrevista no dia 08/4/2011 estávamos conversando sobre muitas coisas até que o assunto do ciúme surgiu. O excerto pretende exemplificar o quanto o ciúme está implicado na aliança dessas pessoas.

Magnor: E quando o Pedro trabalhava fora ele tinha esse mesmo cuidado contigo de não te contar tudo, que ele soubesse que ia te aborrecer?

Magda: Obviamente, tem muita coisa que o Pedro não fala, isso é coisa de todo homem, é a natureza do homem, entendeu?

Magnor: Porque tu achas que ele não fala?

Magda: Ah, ele não fala por que de repente, com te falei, vai me aborrecer...

Magnor: O que seria que mais te aborreceria?

Magda: A traição, eu não admito a traição.

Magnor: Tu achas que ele já te traiu?

Magda: Eu acho, não, tenho certeza. Já foi coisa constatada entendeu. Aonde a gente vem discutindo até hoje essa questão. Toda vez que a gente tem uma discussão, alguma coisa, eu trago geralmente à tona, tipo uma cobrança.

Magnor: É que não está resolvido. Como não ta resolvido, na hora do atrito, aquilo que não ta resolvido vem de novo...

Magda: Exatamente, vem à tona.

Magnor: E o que ele faz daí?

Magda: Ah, ele diz que ele errou...

Magnor: Ele admite o erro?

Magda: Ele admite hoje em dia, Por que ele não admitia.

Magnor: Ta, ele admite, mesmo assim não faz com que tu o perdoe ou esqueça?

Magda: Exatamente, eu sou uma pessoa muito assim, como é que eu vou dizer, eu guardo as coisas entendeu, pode passar anos e anos e anos...

Magnor: Posso dar pitaco? Como tu te... Essa característica, como tu chama, tu és uma pessoa?

Magda: Não é assim ó, porque eu sou vingativa ou revoltada, não é por este lado, entendeu. Uma questão que guarda pra mim, não é uma questão vingativa, é uma magoa, é uma mágoa que eu guardo. E eu sou assim Magnor, eu sou uma pessoa que eu jamais esqueço o que a pessoa me fez de bom e também não esqueço o que fez de ruim..

Magnor: Pois é, eu vou te perguntar uma coisa, que eu achei muito interessante, quando a gente hoje sentou aqui, antes de o Pedro chegar, quando tu falaste "Eu torturo ele Magnor", que não estávamos falando do ciúme, que ele estava muito ciumento, agora te cuidando e tal, eu disse "Ta e por que ele tá assim?", e tu disseste "É que eu torturo ele, eu faço pressão psicológica". Eu queria que tu falasses um pouco sobre isso.

Magnor: Sabe Magda, eu quero entender isso, Por que tu achas que tu ta torturando ele?

Magda: Eu sou possessiva.

Magnor: Ele não pode gostar disso? Tem gente que gosta de tortura, tem gente que não. Você diz que tortura o Pedro quanto a isso, será que tu realmente tortura ele, ele não pode ter prazer, sentir esse ciúme?

Magda: Tu sabes que tu tocaste num assunto agora bem importante. É essa questão, que eu digo quando a gente briga, quando a gente tem altos e baixo, as fases que eu digo no nosso relacionamento, me pergunto assim se realmente ele não gosta (?), Por que eu faço tudo isso, eu sou uma pessoa totalmente, altamente, como é que eu vou te dizer.. Não é dominativa, é...

Magnor: Dominadora? Autoritária? Tu tens que ter o controle da situação?

Magda: Exatamente, eu acho assim ó, que eu sou o homem e a mulher. Como eu sou uma pessoa, que desde que eu saí de dentro da casa da minha mãe, quando minha mãe era viva ainda, eu sempre fui uma pessoa que saiu pro mundo pra eu ganhar meu próprio sustento, pagar minhas contas, viver a minha vida, ser livre...

Magnor: Ta, mas eu quero voltar na questão da tortura.

Magda: Ta, a questão... Eu sou uma pessoa possessiva, agora me caiu a ficha, eu sou uma pessoa totalmente possessiva, sou ciumenta, e sou uma pessoa também ó, eu acho que no fundo, no fundo, eu sou uma pessoa insegura.

Magnor: Porque tu acha que é um a pessoa insegura? A possessão, no caso, e a dominação seria uma forma de tu disfarçar a insegurança?

Magda: Eu até tentei trabalhar esse lado psicológico, eu até conversei com a menina agora a pouco, que eu teria que ter um tratamento psicológico individual, aonde ela pudesse me escutar (ou estudar?), meu lado psicológico, mexer, ver da onde vem essa possessividade, essa insegurança.

Magnor: O que faz com que tu penses e se sinta dessa forma?

Magnor: Tu não pensas que de repente ele ta contigo porque ele gosta de ti e que na hora que ele quiser ele vai embora?

Magda: Exatamente, eu penso. Por que ele inclusive falou ontem, ele falou assim "Magda, esse teu ciúme, essa tua possessividade, vai acabar com nossa relação ainda", ele falou isso ontem de noite pra mim. "Magda, tu quer que eu more aonde, num deserto, aonde só tenha areia?".

Magnor: Ele ta dizendo "Magda, não tem por que teres ciúme, eu gosto de ti, não precisa ter ciúme desse jeito".

Magda: Mas a questão é por que da traição dele, que ele teve comigo.

Magnor: Magda, isso já passou.

Magda: Mas na minha cabeça, pode a qualquer momento, quem fez uma vez... Querido, eu tenho aquele velho ditado assim ó “cachorro no meio (?) de ovelha, só matando e quando morre, morre com a cabeça virada para o rebanho”. Então é uma coisa...

Magnor: Ta, então deixa eu te perguntar uma coisa, tu nunca o traíste?

Magda: Traí.

Magnor: Tu já traíste? Ta. Depois, como que tu te sentirias, se toda vez que vocês discutissem, ele jogasse isso na tua cara? Uma coisa que já passou, que pra ti não significa mais nada.

Magda: Ele nunca soube das minhas traições, Por que aquela coisa assim, o que eu faço eu faço muito bem feito, entendeu. E ele não, ele deixou o dele assim ó transparece. O Pedro deixa a coisa visível, ele deixa rastro. E eu não deixo rastro.

Magnor: E Por que tu achas que ele deixa rastro?

Magda: Por que eu acabo descobrindo.

Magnor: Não, eu sei. Mas não acha que ele não percebe que ele ta deixando rastro.

Magda: Não, ele percebe. E quando ele vê que o negócio não dá mais, o que ele faz? Ele acaba se abrindo. Ele não sabe mentir.

Magnor: E daí quando ele chega e fala a verdade pra ti, bom, então “a casa cai”, pelo que estou imaginando né.

Magda: Daí a casa cai, Por que eu tenho esse sentimento muito grande por ele e tudo, eu não sei se chama amor ou possessão, não sei qual palavra que seria usada, e eu acabo esquecendo...

Magnor: E tu sentes isso só por ele ou nos outros relacionamentos tu sempre foste assim possessiva e ciumenta?

Magda: Eu sempre fui assim. Em todos os meus relacionamentos.

Magnor: E os outros relacionamentos, eles não terminaram por causa dessa possessão?

Magda: Foi por causa dessa possessão, inclusive um companheiro meu me disse assim “olha, fica com ela, vê se você dobra ela, Por que eu não consegui dobrar, é difícil”.

Conforme ressalta Magda, o ciúme é constituinte da relação afetiva entre os pares. Durante meu convívio com os casais e, particularmente, com as travestis, presenciei que a causa predominante de desentendimento entre o casal é o sentimento de que o companheiro dedique seu afeto a outra pessoa. Sobre esse mote, Pedro enfatiza:

Pedro: Me isola? Ela me prende. A questão é essa. Que um lado e o outro é completamente diferente (comparando o ciúme em uma relação heterossexual e com a atual). Eu não posso ter amizade muito com homem “porque o homem vai te levar pro lado da putaria”, “Magda, não me leva a mal, eu não vou sair dessa vida”. Eu não posso ter amizade com mulher, porque vai me levar pra cama.

Magnor: E com travesti menos ainda né?

Pedro: Daqui a pouco com travesti (amiga de Magda) eu não posso nem cumprimentar, eu disse “ó daqui a pouco eu poderia cumprimentar os outros com um balde na cabeça?”, ta querendo o que, me excluir do mundo? Eu falei pra ela (Magda): “Vou ter que procurar emprego numa ilha deserta, que não pode ter ninguém na volta. Trabalhar numa ilha deserta?”.

Magnor: E o ciúme acaba sendo... e acaba fazendo que o casamento apresente determinados problemas, eu acho, né? Por exemplo, as brigas, tu acha que praticamente todas elas são por causa do...?

Pedro: 60% é por causa de ciúme, minha e dela 60% é por causa de ciúme. Mais dela do que minha, eu sei até onde meu ciúme é, não é quanto dela.

Magnor: Mas tu tens ciúme também.

Pedro: Tenho, mas meu ciúme eu sei controlar (entrevista em 29/04/2011).

Pedro destaca que o ciúme é causa da desarmonia conjugal e, também, interfere na sua sociabilidade e na sua vida profissional. Fermento das agressões físicas, o excesso de zelo é manifestado pelas esposas e não encontra similaridade de expressão nas atitudes dos maridos.

Uma vez que a masculinidade também é constituída pela legitimidade da agressão física, pois, de acordo com o senso comum, “homem não leva desaforo para casa”, fico instigado a refletir a respeito do quanto a masculinidade destes homens pode ser posta em xeque, na medida em que em alguns casos são eles que sofrem as agressões físicas.

Em certas situações, a travesti “deixa de lado sua ‘porção` mulher” e olha o homem de igual para igual justificando este comportamento pela presença do seu pênis. Na medida em que seus maridos têm de aprender a conviver com esta ambiguidade, me pergunto de que maneira essa dualidade interfere na sua sociabilidade. Da mesma maneira que reflito acerca de como eles “entendem” esta “fragilidade” quase sempre pertencente ao universo feminino?

Quando estes homens delimitam suas relações sociais parecem confirmar que estão conscientes da carga de estigma e preconceito direcionada a este tipo de conjugalidade. Este também pode ser um fator que promova um comportamento mais restrito ao lar. Quando questionado se seus colegas de trabalho conheciam sua esposa, Jonatan respondeu:

Jonatan: Porque eu sei quem eu chamo, não sou burro, eu sem quem conhece quem não conhece, só de conversar com a pessoa assim, como tu conviveste no meio tu sabes quem é quem, não é?

Magnor: Então tu não te sentes à vontade?

Jonatan: Mais por causa de preconceito, que eu não gosto de ficam falando, então deixa assim.

Magnor: Então tu achas que se o pessoal do trabalho soubesse te traria uma situação mais delicada?

Jonatan: Não, é por fofoca, porque o pessoal lá é muito fofoqueiro, quer saber da vida dos outros e é um bando de fofoqueiros. Imagina uma firma que trabalha 40, 50 pessoas? (Diário de Campo de 29/9 2009).

Claudia Fonseca salienta o seguinte sobre a fofoca:

Do mesmo modo que a palavra “respeito” revelou-nos o papel da força física masculina na rede de trocas simbólicas, uma outra palavra, ouvida ao longo de todos os discursos das mulheres, indicou-nos o contrapeso feminino: a fofoca. Conta-se que tal família ou tal mulher “deixou a vila por causa da fofoca”; tal marido “perdeu o emprego por causa das fofocas de um colega”. Não se vai à casa da vizinha “para evitar fofoca”. (...) A fofoca envolve, pois, o relato de fatos reais ou imaginados sobre o comportamento alheio. Ela é sempre concebida como uma força nefasta, destinada a fazer mal a determinados indivíduos. A literatura antropológica nos fornece diversas pistas para compreender a força da fofoca. A fofoca seria instrumental da definição dos limites do grupo – não se faz fofoca sobre estranhos, pois a estes não se impõem as mesmas normas; ser objeto, sujeito da fofoca, representa a integração no grupo. (2004, p. 41 e 42).

A autora menciona a dimensão social da fofoca. Antes de ser uma forma de “crítica” a um determinado modo de ser ou agir, sociologicamente é uma expressão de pertencimento ao grupo, que na situação evitada pelo informante, é de ser integrado ao grupo social no trabalho. Por que a fofoca é evitada no trabalho e isto não parece ter a mesma importância no local onde residem? Seria o local de moradia menos importante que o local onde se labora? Claudia Fonseca conclui:

Usada contra os fortes, a fofoca é uma arma de manipulação e de proteção; usada por fracos contra fracos, ela se torna um instrumento de ataque. A fofoca é uma força niveladora; é, sobretudo, o instrumento dos que se sentem inferiores e que só podem realçar seu status rebaixando o dos outros. Não visam elevar-se acima de outrem. A fofoca é a arma das pessoas que têm medo de ser inferiores, não das que querem ser superiores. (2004, p. 48 e 49).

A decisão de não estreitar laços com os colegas de trabalho desvela cuidado em preservar sua intimidade. Outra situação que é fundamental para restringir a sociabilidade do marido são os códigos existentes dentro do fenômeno travesti e que é vinculado a uma “vigilância” delas sobre eles. Por não ser muito “fácil” encontrar “um homem de verdade”, as travestis solteiras se insinuam aos maridos das outras, principalmente se há algum atrito entre

elas. Estas rugas podem vir de situações resultantes da concorrência por clientes, por furtos, por fofocas, etc. Magda me disse que cortou relações com uma travesti que faz quadra em outro bairro da cidade porque soube que ela estava se insinuando para o seu companheiro.

A fofoca merece destaque, pois, segundo eles, muitas das brigas e desentendimentos entre o casal são consequências de comentários mentirosos. E se retomarmos a questão do ciúme, não é difícil imaginar que estes homens devem se autovigiar constantemente, pois qualquer manifestação de simpatia ou cortesia por outra travesti pode desencadear algum conflito caseiro. As observações de Dom Kilick corroboram com a existência desses códigos:

[...] Assim, há uma competição constante e às vezes encarniçada entre as travestis em torno de um número limitado de namorados. (As únicas brigas que eu testemunhei entre elas foram motivadas por assuntos de namorado). Uma vez estabelecido o relacionamento com uma travesti, muitos desses namorados passam a compor uma espécie de banco ou reservatório de namorados onde permanecem por muitos anos, circulando entre várias travestis, até finalmente se estabelecerem em definitivo com uma delas ou envelhecerem e deixarem de ser atraentes, terminando por desaparecer do meio social travesti – como no caso de Edílson, ex-namorados de Keila. (2008, p.122).

O assunto em torno dos namorados e maridos das travestis, além de ser uma constante na rotina delas, também está em relação direta com desentendimentos e rompimentos dos laços de amizade entre elas. Destaco a observação que eu e meu orientador fizemos após nossa primeira entrevista:

Magnor: E ela diz também, com orgulho “olha, e quem tá ensinando, tá encaminhando ele na vida, sou eu”.

Orientador: Falaste tudo, eu acho interessante que essa não é uma relação em que um se submete e que o outro é obrigado a fazer, não é uma coisa conceitual, ele gosta de perceber que ela se interessa, ele gosta de sentir o ciúme dela, o cuidado dela, tem essa mistura assim. (Diário de Campo, 16/11/2009).

No diálogo que tivemos após a entrevista observamos que o cuidado talvez seja manifestado através do ciúme. Na citação acima, meu orientador, que conversou separadamente com o informante, percebeu que a manifestação de ciúme por parte da companheira valoriza o companheiro. Parece que ciúme, cuidado e sentimento estão entrelaçados e são entendidos, por eles, como expressão de afeto.

Talvez outro motivo que restrinja a sociabilidade e o lazer destes homens seja um possível desconforto de perceberem que o “olhar do outro” pode questionar sua masculinidade, pode classificá-los como gigolôs ou garotos de programa. Talvez eles também

objetivem preservar suas esposas de agressões verbais e físicas. Refletindo sobre este aspecto, sua masculinidade seria posta literalmente à prova, pois, na nossa sociedade, “o homem tem de defender sua mulher”.

Esse comportamento me parece bastante comum. No limite, todos nós evitamos locais ou situações em que possamos nos sentir agredidos ou questionados por determinada conduta realizada. Mais uma demonstração de que esses casais procuram se adequar às normas sociais.

Pedro que sempre foi muito calado, no dia 07/08/2010, numa das minhas visitas estava visivelmente diferente. Seu semblante estava sereno e ele estava muito participativo dos meus assuntos com sua esposa. Geralmente ele ficava sentado, em sua poltrona, e ouvia nossas conversas. Naquele dia, assim que cheguei, percebi sobre uma cadeira, um uniforme de vigilante. Associei o seu comportamento a algum vínculo de trabalho, pois desde que o conheci ele estava desempregado. Sua situação, desde então, parecia lhe causar constrangimento diante das minhas perguntas sobre alguma ocupação que ele estaria desempenhando.

Magda me mandou sentar no sofá que havia um colete de uma empresa de segurança patrimonial e o marido estava escovando o mesmo. Foi sua maneira de mostrar para mim que ele agora estava empregado. Então entendi que pôr o uniforme no local onde eu iria sentar era uma estratégia para me dizer, com MUITO ORGULHO, que agora ele estava no mercado formal de trabalho. Sentei em outro local e comecei a observar o significado do uniforme na vida deles. Neste momento confirmei porque ele estava mais participativo em relação aos outros encontros.

Agora ele era o marido da travesti, empregado, assalariado, com carteira assinada e esse fato mostrava para todos, inclusive para mim, que ele não é um homem sustentado por uma mulher. A roupa utilizada por ele para trabalhar também “comunicava” para os moradores do bairro que ele não estava desempregado e, conseqüentemente, não era mais sustentado pela travesti. O simbolismo do uniforme é tão significativo que eram 16 horas e ele já o havia vestido.

É importante registrar que seu turno de trabalho iniciava às 19 h. Percebendo a importância da “farda” para ele, comecei a realizar uma série de perguntas sobre a mesma, pois ela era constituída de vários bolsos, possuía duas partes que eram feitas de matérias que protegem o vigilante de ser alvejado por projétil.

Empolgadíssimo com meu interesse, tive uma aula sobre a vestimenta e a finalidade de alguns acessórios: lanterna, cassetete, spray de pimenta, colete e, também, o que achei mais

interessante, as negociações que ocorrem entre ele e os proprietários dos locais que ele vigia. Além do salário pago pela empresa, eventualmente recebia gêneros alimentícios dos estabelecimentos que vigiava. Sobre o significado e a importância do trabalho para as classes populares, Claudia Fonseca escreveu:

[...] Vemos então que o emprego remunerado não aumenta o status da mulher dentro de casa. Pelo contrário, essa atividade mancha a imagem pública do marido e este, envergonhado, arrisca a fazer a mulher pagar pela vergonha. O homem pode ser um mau provedor para a família, mas a menos que sua mulher queira assumir as implicações da relação gigolô\prostituta, ela deve cuidar para que ele seja o único provedor e, reconhecido socialmente como tal. (2000, p. 74).

Claudia Fonseca relata a importância de o homem ser o provedor da sua casa. Essa condição valoriza a masculinidade diante de outros homens. Na relação entre a travesti e seu marido, podemos observar esse mesmo valor. Mesmo para um homem que vive outra masculinidade estar de acordo com a normatização é importante. Inclusive para a harmonia da relação com sua companheira, pois, nesse dia, Magda também aparentava felicidade devido à conquista do emprego do marido. Foi a primeira vez que ela me disse: “[...] que ela é a própria Amélia. Leva comida para ele, na cama, lava e passa roupa, que adora cozinhar.”.

O comentário de Magda exemplifica um comportamento que vai de encontro à imagem que, geralmente, nos vem à mente quando pensamos em travestis. A transcrição abaixo exemplifica esse aparente paradoxo quando, para minha surpresa, relata ter ido à pizzaria com seu marido:

Magnor: E nessas pizzarias que vocês vão rola normal assim também?

Magda: Não, eu e ele chegamos normal, a gente senta numa mesa, o garçom vem e nos atende com toda educação, sabe tudo, pergunta. Quer dizer eu nunca tive problema, ta entendendo?

Pedro: a gente vai se sempre no mercado e nunca sofremos nada.

Magda: Nós pegamos nosso ônibus e tudo. Nós vivemos, andamos por aí, ele vai comigo sempre no mercado, pega nossas compras toda e traz pra casa.

Prof.: e os vizinhos?

Magda: Agora que o pessoal ta me conhecendo, por causa da nossa amiga Sibebe, o pessoal me cumprimenta. Por causa dela que eu vim pra cá. Então o pessoal respeita a gente, porque acho que no momento que tu respeita, que impor respeito com as pessoas, as pessoas impõem respeito com nós. O teu modo de vida, com tu é. Não é aquele troço de aceitar a desigualdade, tem que respeitar para ser respeitado.

É importante salientar que essa pizzaria situa-se em locais populares da cidade. A opção do casal de frequentar juntos locais públicos como este pode estar relacionada ao entendimento de que nas classes populares aquela conjugalidade seja mais respeitada. Nesse sentido, Pedro destaca a importância das Paradas Livres como movimento fundamental tanto para promover a visibilidade das travestis quanto para atenuar o preconceito.

O marido (Pedro) me disse que desde que elas (Paradas Livres) ocorrem, houve mudanças positivas para os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. Comentou que quando não havia as Paradas Livres ele sofria muito mais preconceito no trabalho e evitava sair com sua companheira por dois motivos: o ciúme e os olhares recriminatórios dos outros homens. Ele infere que atualmente há maior aceitação sobre o tipo de relação matrimonial que vive. Argumentou, inclusive, que sabe há pessoas que vão à Parada com seus filhos para que eles cresçam e respeitem a diversidade, mas tem consciência de que outros casais vão assistir aos shows apenas para ver o “estranho”. [...]. Aproveitei para perguntar se ele sofria algum tipo de discriminação dos homens que moram no “beco”, ele me respondeu que depois que a televisão e a Parada Livre deu visibilidade aos homossexuais, ele não sofre mais discriminação e que antes, quando ele era mais jovem era muito diferente. (Diário de Campo de 07/08/2010).

Acredita-se que mesmo carecendo de discussões mais politizadas, as Paradas Livres parecem ter iniciado um processo de “exclusão” de distintas formas de preconceito. Outro aspecto que saliento é o espaço midiático que tanto pode ser utilizado com finalidade de desfazer conceitos engessados como pode ser um espaço onde se reitera os modelos hegemônicos.

Em outra perspectiva cabe retomar a importância do vínculo construído com meus informantes. Essa proximidade tem permitido obter informações sobre esta conjugalidade, sobre suas rotinas, sua intimidade, suas desavenças, suas aspirações e desejos de terem uma vida mais digna e justa, etc. Exemplo disso foram as entrevistas que se sucederam em suas casas e a mudança da “categoria” de pesquisador para amigo.

Magda um dia me disse: “Amigo se convida para visitar-nos, não é mesmo?” Talvez este seja o motivo que levou todos os casais a insistirem para que eu fosse até suas casas para realizar minhas entrevistas. Moradias simples onde, por exemplo, para conversar com o casal, me sentei na sua cama. De acordo com o que descrevi anteriormente. Outro aspecto observado nas visitas é que existe entre elas certa disputa em relação à minha presença.

Parece-me que ao telefonar para um dos casais e combinar de visitá-los em particular, as outras participantes explicitam certo descontentamento e minha atitude tendia a ser interpretada, por elas, como se eu estivesse privilegiando uma em detrimento à outra. Penso ser importante pontuar essa minha observação, pois ela tem proporcionado dialogar e obter

informações de foro íntimo à medida que tenho sido considerado mais do que um pesquisador.

Ser convidado para tomar café numa casa que possuía duas cadeiras, acompanhar a rotina do casal, observar a disposição dos poucos móveis, ter acesso ao altar dedicado aos seus santos, me fez sentir “parte” da vida dessas pessoas. “Invadir” o seu dia de descanso, pois as entrevistas se realizaram nos finais de semana, me autoriza a pensar que esta pesquisa borra a fronteira rígida do distanciamento entre informantes e pesquisador. Por outro lado, ela proporciona possibilidades de diálogo, intimidade, proximidade e mudança no meu olhar diante da diversidade do comportamento humano.

Durante as entrevistas realizadas, constatei negociações semelhantes àquelas que ocorrem entre profissionais do sexo feminino e de seus maridos. Uma das convenções diz respeito ao ato de beijar. Nesse sentido, Rogério Araújo observa:

[...] O que pude perceber por meio de conversas e entrevistas é que o beijo na boca torna-se um divisor simbólico entre sexo e sentimento. Há uma espécie de consenso entre as mulheres que se prostituem em não beijarem e nem se deixarem beijar, o que, em muitos casos pode gerar uma situação de conflito caso o cliente queira beijá-las durante o programa. Na avaliação delas, o beijo está relacionado ao sentimento: [...] (2006, p. 107).

Sublinho que, tanto para os maridos das travestis quanto para elas, o beijo simboliza o amor, o vínculo afetivo e o respeito recíproco. Seria insensato, todavia, limitar ao beijo às negociações que são pactuadas entre a travesti e seu marido. A retórica destes indivíduos circunscreve partes do corpo em suas práticas sexuais com clientes. Nesse sentido, Maria Elvira Díaz-Benitez corrobora com o autor acima:

[...]. Alguns autores chamam a atenção para os limites simbólicos estabelecidos por aqueles que fazem programa para demarcar suas esferas públicas e diferenciar os relacionamentos profissionais dos afetivos. Vários desses limites simbólicos inscrevem-se no próprio corpo, como a existência de lugares que não podem ser tocados pelos clientes, sendo reservados a namorados e maridos, assim, como práticas sexuais realizadas exclusivamente com estes últimos: o beijo, por exemplo. Em poucas palavras, percebe-se uma preocupação em se mostrar que “uma prostituta não é prostituta o tempo inteiro”, questão que alude às múltiplas identidades constituintes dos indivíduos e aos modos como essas são acionadas dependendo de contextos, situações e emoções diferenciadas. (2010, p. 210).

Entretanto, parece importante não cimentar a ideia de que não possa ocorrer o beijo “fora da relação”. As situações nas quais seja colocada uma solicitação de beijo parecem estar atravessadas por outros componentes tais como: atração física, hálito, odores desagradáveis.

Dois dos meus entrevistados foram garotos de programa e, segundo relataram, não beijavam seus clientes. Um deles que ainda hoje realiza programas caso surja oportunidade de ganhar um dinheiro “extra” na prostituição, me disse que também não beija nem outro homem nem outra travesti. Porém, em outras circunstâncias, entrou em contradição, revelando que nas suas práticas “profissionais” muitas vezes beijou seus clientes.

O beijo e algumas práticas sexuais significam para os profissionais do sexo estratégias para distanciar seu trabalho de sua vida afetiva. Fabio Lopes Alves, em sua etnologia com prostitutas, observou:

[...] Entre as garotas de programa há um consenso sobre os limites simbólicos do corpo, de forma que algumas partes do corpo ou práticas são reservadas apenas para as pessoas por quem elas nutrem sentimento, geralmente os ficantes, namorados ou maridos. Isto é, antes de pensar na questão meramente financeira, é preciso refletir como elas lidam com o corpo, levando em consideração as interações e sociabilidades mantidas com seus respectivos parceiros fora do cabaré. (2010, p. 173).

Percebe-se que de maneira geral as profissionais do sexo femininas, as travestis e os garotos de programa negociem com seus clientes práticas que possam ultrapassar o limite entre o trabalho e sua intimidade. Uma conversa que tive com Magda vai ao encontro às percepções e relatos dos autores. Em relação ao beijo, obtive o seguinte relato:

Magnor: O que você pode me falar sobre o beijo, na tua vida e de um modo geral, como as colegas comentam e falam pra ti?

Magda: Bom, a questão do beijo é muito pessoal. Eu particularmente não gosto de beijar, sou uma profissional do sexo, não gosto de beijar por isso mesmo, então é uma coisa muito pessoal, aquilo rola naturalmente. É uma química. A profissional do sexo beija, normalmente, como qualquer outra pessoa. Quando o cliente te toca, a própria maneira que ele te toca, te excita, aonde ocorre de repente o beijo, que faz parte daquele contexto. E eu no meu trabalho, correspondo. Não é com todos que rola essa química, isso vai de pessoa pra pessoa.

Magnor: Se não rolar química, não beija?

Magda: Se não rolar química, não beija.

Magnor: E todo cliente tenta?

Magda: Muitos tentam.

Magnor: E tu correspondes?

Magda: É claro que eu beijo. Assim como tem aquele cliente que tem uma boa higiene, outros, não. Por isso é uma coisa muito pessoal da gente, entendeu?

Magnor: Se rolou a química, beija, mesmo que ele não tenha boa higiene?

Magda: Não, aquela coisa assim, se você vai beijar uma pessoa e você vê que ele não tem boa higiene, tem mau hálito, alguma coisa, simplesmente tu sai, te retrai, ou tu vira o rosto, ou tu diz que tu não gosta de beijar, geralmente a profissional sempre tem uma saída, entendeu?

Magnor: Já aconteceu, por exemplo, de tu sair com um cara e ele querer te beijar, por exemplo, aí uma outra colega sair com o cara e ele não quer beijar, e vocês conversarem e tu perceber “ah, a Fulana ele não quis beijar, Por que provavelmente ela isso, ela aquilo...”.

Magda: A questão é, a gente que trabalha como profissional do sexo, se o cliente o procura uma profissional do sexo... E tem o cliente que a gente chama de cliente rotativo, o cliente rotativo é aquele que sai com várias numa noite, entendeu. Você não pode saber qual ele beijou, qual ele não beijou. Acho que é uma coisa pessoal. Tu não vai perguntar “ô, Fulana, o Fulano te beijou?”, entendeu. Se ela disser “ah, não, ele não me beijou”, “ah e Por que ele não te beijou e beijou a mim?”. Eu acho que é uma coisa muito pessoal, uma coisa de química, como te falei, é uma coisa de química, rolou na hora...

Magnor: E no caso do Pedro, que é o teu companheiro, daí é...?

Magda: Não, o Pedro é normal, daí envolve sentimento, envolve comprometimento, envolve amor, envolve um monte de coisa.

Magnor: É um outro beijo então? Você poderia dizer?

Magda: É um outro beijo, é um beijo que envolve sentimento. Eu, na rua, eu sou uma profissional, eu como eu digo pro meu companheiro: “na rua, eu faço sexo, na minha casa, com meu companheiro, eu faço amor”.

Magnor: Tu achas que o Pedro nunca beijaria um cliente? O que tu pensas? Até porque tu conheces o Pedro bem...

Magda: Eu já tive uma conversa com o Pedro. No caso do michê, do garoto de programa, eles já são mais acessíveis a essa questão do beijo, do orgasmo com cliente, Uma travesti não. (entrevista em 08/04/2011).

Pode-se ressaltar das respostas acima que, ao mesmo tempo em que enfatiza o caráter romântico do beijo, a travesti em nome de uma demanda oriunda do seu trabalho transige em relação à sua retórica. Sobre esse mesmo assunto, Pedro respondeu:

Magnor: E em relação ao beijo, tu beijavas os teus clientes também?

Pedro: Alguns, não todos.

Magnor: E esses que tu beijavas, porque eles tu beijava e outro não?

Pedro: Teve uma época em que a maioria não gostava, queria carinho. De um tempo pra cá eles querem alguma coisa a mais. Não é só ficar ali dentro da boate de mão dada... depois, noutra época, era só uma bandiada (circulada dentro da boate) de mão dada. Depois passou dessa coisa de mão dada. Eles queriam algo mais dentro da boate: um beijo, um abraço, um selinho, mas aí...

Magnor: Mas não eram todos que tu beijavas?

Pedro: Não, eram alguns.

Magnor: E porque esses eram escolhidos?

Pedro: Porque simplesmente eu ia perguntar pra pessoa “qual é a relação que ela procura”.

Magnor: Então tu só beijavas aqueles que queriam... Se todos quisessem tu ia beijar todos? (A resposta afirmativa confirmou-se através de um sorriso).

Magnor: E tem diferença entre o beijo dado no cliente e o beijo dado na esposa?

Pedro: Não, pra mim não tem.

Magnor: Mas o beijo com a esposa não é um beijo que tem sentimento?

Pedro: A questão ali na hora com o cliente, eu já não envolvo isso.

Magnor: Então é um beijo diferente?

Pedro: Sim...

Magnor: Ah sim a mecânica é a mesma?

Pedro: A mecânica é a mesma, não envolvo a cabeça nem coração. Na cabeça do cliente tá claro que eu não to usando nem a cabeça, nem o coração. Eu não to usando 100% meu corpo. A maioria percebe. (Entrevista em 29/04/2011).

Sob o significado do beijo para Magda e Pedro pode-se apontar que ele está pautado por perspectivas correlatas. Para ambos o contato dos lábios com o parceiro parece estar atravessado pelo ideal do amor romântico. Quando realizado “no trabalho” estaria desvinculado de “sentimentos”.

Esse entendimento dá sinais de uma representação familiar onde o “gostar do outro” parece sustentar a conjugalidade. Como em outras relações afetivas esta assume suas peculiaridades, sem, no entanto, prescindir do desejo de estar junto ao outro. Entretanto, um dos aspectos que mais se evidencia é a assimetria de poder da travesti em relação ao seu marido. Nessa união, a forma como se dão as relações de poder revelam as idiossincrasias que a particularizam em relação ao modelo hegemônico. Sobre essa conjugalidade hegemônica, Michel Foucault ressalta:

[...] Pode-se notar, então, que o princípio que liga o homem a obrigação de não ter parceiro fora do casal que ele forma é de outra natureza do que aquele que liga a mulher a uma obrigação análoga. No caso da mulher, é por estar sob o poder de seu marido que essa obrigação lhe é imposta. No caso dele, é porque exerce o poder e porque deve dar provas de domínio de si na prática desse poder, que deve restringir as escolhas sexuais. Ter somente relação com o esposo é para a mulher uma consequência do fato de que ela está sob o seu poder. Não ter relação a não ser com

sua esposa é, para o marido, a mais bela maneira de exercer seu poder sobre a mulher. (2009, p.192).

A citação acima está marcada pelo contexto histórico estudado pelo autor que neste caso eram as relações de união na Grécia Antiga. Contudo, me parece que ainda hoje aquelas características permeiam as conjugalidades contemporâneas. Nas uniões estudadas as posições dos pares esquivam-se de enquadramentos fixos e normatizantes.

Muitas informações sobre as práticas sexuais dos casais em geral, os acordos firmados entre eles relacionados às práticas profissionais e as relações com familiares, foram obtidas através das companheiras. É recorrente nas suas falas, mesmo em momentos diferentes, o empenho das travestis em reproduzir o padrão hegemônico segundo o qual a mulher é “naturalmente” cuidadora. Poder-se-ia exemplificar tal entendimento mencionando que são elas que marcam consultas para seus maridos, buscam pessoalmente medicamentos para seus companheiros, levam-nos ao médico, entre outras tarefas. Contudo, é imprescindível salientar das suas falas o caráter salvacionista que assumem quando afirmam que “salvaram os seus maridos das drogas”.

Nas conversas repetem-se bastante as palavras “salvei”, “fiz ele mudar”, “hoje ele é outra pessoa”, etc., demonstrando que, de certa maneira, elas se considerariam responsáveis por possíveis modificações no modo de vida dos seus maridos. Estas mudanças estão, geralmente, relacionadas ao uso de drogas, à retomada das relações familiares, à obtenção de um emprego fixo, etc. Aqueles homens com os quais elas se relacionaram anteriormente e que mantiveram suas práticas, são criticados, desprezados e não são considerados “homens para se trazer para dentro de casa!”. Através do relato de Franciele, em 19/09/2009, podemos observar essa característica redentora que as travestis têm para com seus maridos:

Porque a pessoa que tu gosta, que tu viste se superar, se sobressair, porque eu vejo os amigos dele hoje, os amigos dele estão uma carcaça, drogadíssimos, alguns andam que nem mendigo, que um dia eu olhei para ele e falei “presta atenção, hoje tu vai sair comigo” porque ele estava reclamando da vida, “então, eu vou te levar pra boate e tu vai olhar pros teus amigos e ver como estão e depois vai chegar em casa e olhar como tu estás”. Porque na época que eu namorava ele os amigos diziam “ah, porque é travesti, por que isso, porque aquilo, entendeste?”.

Outro exemplo para corroborar com a fala de Franciele é dado por Tábata, amiga de Magda:

Nesta hora, chega um menino, que parecia ter 15 anos, procurando Tábata. Perguntei quem era e Tábata me respondeu que era seu novo namorado e que ele tem 17 anos. Morador das proximidades ele está apaixonado por ela. Ao questioná-lo sobre a família dele e ela, para eu ficar ainda mais perplexo, me responde que a mãe aprova o relacionamento. Tanto aprova que no natal presenteou-a com um ventilador e agradeceu a ela ter “mudado” seu filho, pois agora ele é um rapaz muito melhor do que antes de conhecê-la. (Diário de Campo, 13/02/2010).

O salvacionismo, a partir dos exemplos citados, é recorrente tanto na fala das travestis como em alguns depoimentos dos seus maridos. Quando Pedro foi questionado sobre se sua família conhecia Magda e sabia que ela era travesti, ele me respondeu que sua mãe prefere que ele tenha este tipo de relação a estar no presídio, que é a situação de um de seus irmãos. Outro irmão de Pedro, inclusive, já passou férias na casa deles.

Entranhado nas relações sociais, familiares e de trabalho, não posso deixar de problematizar as relações de gênero entre esses casais. Numa conjugalidade, como a que está em questão, a relação entre masculino e feminino me parece muito mais complexa do que se estivesse pesquisando casais onde não há ambigüidade corporal como o das travestis. Para esclarecer minha posição cito Dagmar Estermann Meyer:

[...] por último, o conceito de gênero propõe, como já destaquei, um afastamento de análises que repousam sobre uma reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são constituídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação. (2007, p.18).

Se considerarmos a possibilidade de termos uma pluralidade de gêneros e abarcar nessa diversidade as travestis, poderíamos ser estimulados a ressignificar o conceito de gênero, tanto quanto estimula a autora. O resultado desse processo de ressignificação poderia, por exemplo, em uma situação concreta, reaproximar esses maridos geralmente desagregados de suas famílias. Não é incomum, nesse sentido, a sogra validar o relacionamento de seu filho (marido) com a travesti tendo em conta o sucesso em afastá-lo das drogas.

Um estereótipo que esses homens carregam é o de “viverem às expensas” de suas esposas. Em muitas conversas, independentemente da escolaridade das pessoas, o marido de uma travesti ainda é considerado gigolô ou um garoto de programa, ou seja, vive com ela para que o sustente. Pode haver casos em que esta prática ocorra, mas nada muito diferente daquilo que visualizamos em outras classes sociais. Nesse sentido parece pertinente a crítica que Dom Kilick faz a respeito dos estudos acadêmicos sobre a prostituição:

[...] Em geral, eles descrevem exclusivamente o aspecto profissional da vida das mulheres que tiram o sustento do sexo. Reconhece-se que toda pessoa tem uma vida fora e além do trabalho. Mas as prostitutas tendem a ser definidas apenas em termos do seu trabalho. Elas são vistas como se fossem prostitutas durante 24 horas por dia, mesmo quando não estão trabalhando. [...] Muitos desses estudos nos levam a crer, por exemplo, que os namorados das prostitutas são cafetões, e que elas se unem a eles por necessidade, desilusão ou medo – ou por todos esses motivos juntos. (2008, p. 113).

O autor, ao destacar a carência de estudos que enfatizem o privado, possibilita que entendamos um dos motivos que talvez esteja vinculado à imagem que a sociedade tem das pessoas que trabalham como profissionais do sexo.

Magda e Pedro são casados há nove anos. Ela já relatou e suas amigas confirmaram que eles já se separaram muitas vezes, mas ele sempre retorna para ela após a crise do relacionamento ser resolvida. Essa atitude parece demonstrar que há elementos característicos de afetividade que contribuem para mantê-los unidos. A citação abaixo, que é parte de uma conversa que tive com meu orientador (Diário de Campo, 16/11/2009), é seu comentário e pretende exemplificar essa possibilidade:

Orientador: [...] o que eu acho interessante é que realmente existe uma coisa mais consolidada na relação com travestis. É claro que tem essa mistura com a questão de certo ganho financeiro. A fala de Pedro lembrou um pouco o trabalho do Fulano: não é um ganho financeiro do tipo assim “eu to com ela porque ela me paga”.

Não, ela dá a diretriz da vida, ela é uma mulher mais velha, “ela me dá certa proteção e eu a protejo”. Da outra menina (travesti) que ele teve relação em Porto Alegre ele foi segurança durante seis meses. Até brinquei com ele que parece aquele filme Guarda Costas.

Então, ele disse assim: “eu conheci a Magda numa noite, na mesma noite já ficamos juntos”. Para mim existe uma atração física também. Pedro diz em mais de um momento: “pra mim é como mulher, tem corpo de mulher, se comporta como mulher”.

Em todas as entrevistas, fiz questão de perguntar para eles os motivos que os mantêm juntos, na expectativa de que eles assumissem seu amor por elas. Percebi certa resistência para reconhecer o motivo que os conservam juntos. Parece haver dificuldade em verbalizar os sentimentos, mas creio que não significa a ausência dos mesmos. Isso vai ao encontro das relações heterossexuais, nas quais também se registra por parte do companheiro a mesma dificuldade em verbalizar seu afeto.

Pautada pelo modelo de amor romântico, Magda agrega o ciúme àquele ideal, promovendo situações que constroem o companheiro em espaços públicos. Consequentemente é possível afirmar que a sociabilidade dos maridos, assim como a

conjugalidade dos pares, é intensamente permeada pelo ciúme. Procurou-se, nos capítulos anteriores, exemplificar situações nas quais o ciúme foi demonstrado pelas falas dos participantes da pesquisa.

O ciúme na relação do casal constitui-se em um grande obstáculo para a estabilidade da união. Ao mesmo tempo, ele parece ser um importante marcador como expressão do afeto entre ambos. Os pares atribuem a ele uma forma de demonstração do amor que um cônjuge sente em relação ao outro. Pedro e Magda, por exemplo, afirmaram que não saem de casa para se distraírem porque ela é “doente de ciúme”. Nas oportunidades em que saíram de casa no intuito de se divertirem, sempre havia a pré-condição de que fossem em locais onde não houvesse outras travestis. Tais demonstrações não são unilaterais, são perceptíveis num contínuo movimento de interação, como referido na fala a seguir:

Magnor: Eu estava vendo essa questão do ciúme... Parece que tu te sentes valorizada, amada, protegida quando ele manifesta que tem ciúme. Talvez isso aconteça com ele também. Por que tu ficas pensando: “nossa, mas eu já disse tanta coisa e a criatura continua comigo...”

Magda: Agora, de um tempo pra cá, no decorrer da nossa relação, no tempo que a gente tá junto, o Pedro começou a manifestar o ciúme dele, . Ele nunca manifestava, tá entendendo? Agora que eu comecei a sentir. Até na forma, na maneira como eu me visto... Ontem, por exemplo, eu ia sair à noite e ele disse: “ah, mas tu vai sair com esse vestido?”

Eu respondi: por que eu não vou sair com esse vestido? Ele não está curtinho. É um vestidinho que eu tenho, do tipo daquele eu estava no nosso almoço lá em casa. Até eu acho ele um pouquinho mais compridinho. Então, são coisas minúsculas assim, que eu sinto que ele tá se importando, que ele tá falando, que ele tá tocando no assunto. Ele não tocava nesse assunto, no meu modo de vestir, no horário de eu sair...

Magnor: Na verdade tu gostas?

Magda: É... hoje eu adoro. (Entrevista em 08/04/2011).

Na mesma direção, Dom Kilick (2008, p.221) refere, em relação à sua experiência com as travestis de Salvador que: “[...] há o ciúme – da parte de ambos. As travestis desencorajam os namorados a conversar com outras travestis, e tratam de deixar claro para as outras que não as querem falando com eles”. O autor continua: “elas temem que essas conversas possam dar ensejo a encontros sexuais.” Minhas observações participantes, assim como nas conversas com as travestis, ratificou-se essa situação.

Quando questionados sobre o que sentem quando suas esposas estão no trabalho, os maridos manifestam preocupação quanto às situações de violência que suas esposas estão expostas. Entretanto, quando interrogados acerca do ciúme em relação aos clientes que atendem, afirmaram não senti-lo. Michel Foucault (2009, p.186), ao abordar o casamento e a

monogamia, diferencia duas situações que podem estar associadas a esse contexto: “[...] O violador atenta somente contra o corpo da mulher; o sedutor, contra o poder do marido”.

Pode ser por este motivo que os maridos não sintam ciúme, tampouco se sintam ameaçados pelos clientes de suas esposas. Contudo, se um cliente ultrapassar o limite “profissional” e manifestar interesse na direção de continuidade dessa relação, para além da sedução, é previsível que o marido intervenha afastando a possibilidade de aproximação desse cliente.

No intuito de evitar a interferência dos maridos nas suas relações profissionais, as travestis lançam mão de algumas estratégias. Uma delas consiste em omitir do marido os acontecimentos da noite anterior. Outra é atender ao telefone celular fora de casa quando se tratar de um “cliente especial”, assegurando que seus maridos não ouvirão suas conversas.

Quando as travestis evitam dividir com seus maridos os detalhes de sua atividade profissional procuram blindar o relacionamento de possíveis ameaças que poderiam comprometer sua continuidade. A este respeito Magda, Franciele, Jonatan e Pedro no almoço na casa de Magda confirmam as estratégias já referidas:

Magnor em entrevista com Magda: Eu estava lembrando agora, uma coisa que me chamou muito a atenção naquele almoço lá na tua casa, foi quando a Franciele estava contando do doce<sup>18</sup> que ela mandou pra Fulana, daquela confusão toda, que eu fiquei apavorado. Falei: “Franciele, isso é uma coisa perigosa, a pessoa pode se vingar. Perguntei a Jonatan: “o que tu acha disso?”, ele disse “Ah, eu to sabendo agora.”.

Ao que retruquei: “Ah, então vocês não comentam?”. Magda respondeu: “Não, o que acontece na rua a gente não traz pra dentro de casa”. Eu queria que você falasse um pouquinho disso. Porque não dividir isso com o companheiro? Porque se não divide com o companheiro, divide com alguém? Quem é esse alguém?

Na entrevista do dia 08/04/2011 Magda volta a mencionar o cuidado que o casal dispensa ao não se referir às práticas profissionais, evitando aproximá-las da sua rotina.

Magda: Eu sou uma pessoa assim que posso até separar as coisas. Eu tenho a minha vida profissional, sou profissional do sexo, trabalho como profissional do sexo, tenho orgulho de trabalhar como profissional do sexo, entendeu.

Tenho a minha vida profissional, social, aonde eu sou uma pessoa que atua na ONG Igualdade. Tenho minha vida com meu companheiro. Eu sei separar as coisas, porque no momento que você mistura tudo, dá uma sopa. Como o Pedro fala.

---

<sup>18</sup> “Mandar um Doce”: expressão utilizada pelas travestis que significa um contrato realizado entre ela e outra pessoa, geralmente um homem, para que este “execute uma vingança”. O “doce” possui uma “tabela de preços” que está relacionada com o ato que será cometido. Eles variam desde “simples” agressões físicas até o assassinato da pessoa de destino.

Magnor: Essa pode ser uma sopa não tão boa de tomar, né?

Magda: Exatamente. Eu sempre fui pessoa assim ó, não que eu seja individualista entendeu, mas eu sempre fui uma pessoa que tem a sua individualidade... a pessoa tem amizades, entendeu... A minha vida dentro da minha casa, é minha vida dentro da minha casa, a minha vida lá como profissional do sexo na avenida, é minha vida lá, e a minha vida que eu tenho dentro da Igualdade é outra coisa também.

Então, eu sempre fui uma pessoa assim. E tem muitas coisas assim que acontecem comigo, particularmente, no meu trabalho, que eu não compartilho com meu companheiro, porque eu vejo que não tem porque, de repente eu vejo que pode trazer um aborrecimento. Alguma coisa pra ele, então eu guardo pra mim, e às vezes eu sofro com isso.

Magnor: Mas tu acha que tu não fala pra ele por que ele vai se aborrecer ou por que vai ficar com ciúme?

Magda: Não falo pra ele, pra não dar problemas... Então é uma coisa muito da gente entendeu. Você não é obrigado a dizer o que aconteceu com você durante o decorrer do seu dia, do seu trabalho, o que você fez ou deixou de fazer.

Quando você tem uma pessoa, que você mora com uma pessoa, respeita uma pessoa, convive com uma pessoa, você não é obrigado a chegar em casa, fazer seu trabalho, do dia, e chegar todo dia em casa, bota uma agenda e “fulana eu fiz isso, fiz aquilo, me sentei no restaurante, eu almocei com uma amiga minha, eu fui no banheiro, ta.

Magnor: E quando ao Pedro trabalhava fora ele tinha esse mesmo cuidado contigo de não te contar tudo, que ele soubesse que ia te aborrecer?

Magda: Obviamente, tem muita coisa que o Pedro não fala, isso é coisa de todo homem, é a natureza do homem, entendeu?

Magnor: Porque tu achas que ele não fala?

Magda: Ah, ele não fala. Por que de repente, com te falei, vai me aborrecer...

Magnor: O que seria que mais te aborreceria?

Magda: A traição, eu não admito a traição.

A monogamia, bastante almejada nas relações conjugais, talvez não encontre completa adequação na conjugalidade das travestis e seus maridos. Estes pares instauram fronteiras nessa circulação entre a prática profissional e a vida afetiva. Os maridos conhecem o trabalho das esposas e não se sentem ameaçados pelos clientes. Mas, alguém que apresentasse interesse afetivo por ela desestabilizaria a relação conjugal e consequentemente poderia representar uma ameaça. .Díaz-Bemítez apresenta outras situações em que se pode observar esse trânsito:

[...] Nas biografias apresentadas, evidenciam-se os modos como constroem os limites com base em outras moralidades e convenções. Denise gostava de sentir-se plenamente amada, motivo suficiente para abandonar o mercado do sexo; Andreia acabou o namoro com o rapaz que via basicamente como amante; Nuno preserva momentos de intimidade com Felipe, também garoto de programa, procurando manter rotinas típicas de um casal “casal”; Leo, por sua vez, acredita que os casais

formados por pessoas que trabalham com sexo só sobrevivem se ambos souberem “separar as coisas.” (2010, p. 210).

As cenas de ciúme comumente terminam em agressividade física sobre seus companheiros como já referido anteriormente. Esse fluxo entre as fronteiras do “estar entre isso” e também “estar aquilo” demonstra que elas desacomodam e embaralham nossa forma limitada de classificar os comportamentos presumidos para homens e mulheres.

A situação mencionada me instiga no sentido de que o homem casado com uma travesti talvez tenha que aprender a lidar com a ambiguidade, não apenas corporal, mas também da personalidade da sua companheira. Os excertos abaixo, dos diários de campo, demonstram que os maridos podem tomar uma atitude de passividade diante do ciúme ou podem demonstrá-lo quando julgar necessário:

Chego à casa de Magda e Pedro. Há outro rapaz, mais jovem que eu não conhecia. Era o irmão do Pedro que havia saído do presídio e estava sob condicional há oito meses. Neste período ele ficou na casa de parentes e agora estava lá hospedado. Muito mais bonito e interessante que o Pedro.

Quando o observei, pensei que talvez sua juventude e beleza pudessem causar certo interesse em Magda, mas não quis ficar pensando no assunto. Cheguei louco de sede e já providenciei a compra de algumas garrafas de cerveja.

Começamos a beber e conversar. Sentados na área em frente da casa estávamos Magda, Eduardo (irmão de Pedro) e Pedro que não saía de dentro de casa nem para nos fazer companhia e/ou espantar o calor. Uma fornalha que devia estar em 50°C de temperatura. (Diário de Campo, 13/02/2010).

Por mais que eu insistisse Pedro não saía de dentro de casa. O calor era demais e não consegui compreender o motivo que o fazia permanecer isolado. Fui ao banheiro e quando retornei convidei novamente Pedro para sentar conosco. Ele me disse, em tom de desabafo:

[...] tu não conhece a Magda. Ela fica dando ouvidos às amigas e ela é muito ciumenta. Deixei meu trabalho de guardador de carro, porque as amigas ficavam dizendo que eu saía com outras travestis. Ela não me deixa falar com ninguém.

Quer que eu fique trancado dentro de casa sem contato algum com as pessoas. Ela é doente de ciúme. (Diário de Campo, 13/02/2010).

Pensei que não era o momento para questionar e me aprofundar no assunto, pois ele já estava bastante incomodado e eu poderia ser inconveniente. Retornei à área e segui conversando com o grupo. Então Pedro resolve sair para onde estávamos, conforme descrito no Diário de Campo:

Magda, já alterada devido ao álcool, começa a falar sobre casamentos, mas principalmente no seu desejo de ficar solteira, sem marido. Senta-se de modo que Eduardo possa ver suas calcinhas, fala algumas coisas que me davam a entender que ela estava com vontade de transar com Eduardo.

Isso tudo acontecendo com Pedro socado dentro de casa. De repente, Pedro sai de dentro de casa com uma faca e começa a afiá-la. [...]

Tentei acalmá-lo, mas percebi que ele estava num momento de necessidade em exteriorizar suas angústias e me pareceu que sua atitude objetivava delimitar seu território e afirmar sua masculinidade para o irmão. (13/02/2010).

Talvez Pedro estivesse se sentindo ameaçado pela presença do irmão. Creio nessa possibilidade a partir da lembrança recorrente de situações nas quais os casais em situações de conflito estejam na presença de outra pessoa, e exteriorizam para ela o que desejam dizer para o/a companheiro/a o que os/as está a incomodar. Dom Kilick, sobre o ciúme, escreveu:

[...] Os namorados parecem ter a mesma preocupação. A maioria reage com energia ao perceber a namorada travesti interagindo com outros homens, principalmente quando suspeitam que esses homens têm pretensões de se tornarem namorados dela. Muitos namorados não gostam que as travestis passem muito tempo em companhia das outras, pois presumem (acertadamente) que elas transmitem recados de outros homens e servem de intermediárias em encontros amorosos. (2008, p. 221).

O ciúme é potencialmente funesto para a aliança dos participantes do estudo. Ele está tão presente e se manifesta com demasiada frequência que sempre que as visito sinto temores de dizer algo impensado e acioná-lo. Parece que até o som diferenciado da respiração pode ser o suficiente para a harmonia se desfazer como poeira.

As estratégias acionadas para administrar o ciúme não enfraquecem o conteúdo amoroso destes relacionamentos. No convívio com estes casais ficou evidenciado que ambos lançam mão de estratégias no intuito de proteger a união. Revelam através do ciúme o caráter explícito da afetividade que mantém esse vínculo.

## 6 “UNS DIZEM FIM”

Longe de determinar esta parte do texto como uma conclusão, interessa-me destacar que o título “uns dizem fim” assume o sentido de retomar algumas questões que considero relevantes dessa pesquisa.

A trajetória que marca esse exercício de construção do texto que é a dissertação, foi pautada por dois movimentos essenciais: a eliminação da visão abjeta que eu possuía em relação às travestis e a minha aproximação, na condição de pesquisador, de sua forma particular de conjugalidade. Tal processo, iniciado nos primeiros estudos da pós-graduação obriga-me, hoje, a perceber que muitas transformações me modificam tanto no campo humano quanto no intelectual. Ao longo dos últimos cinco anos, o envolvimento com o campo de estudos da educação, sexualidade e relações de gênero, bem como a proximidade com o ambiente das travestis e seus maridos, me proporcionou uma posição privilegiada para transitar nesse universo.

O convívio com meus informantes mostrou que esses casais constroem sua conjugalidade tendo o modelo hegemônico e heteronormativo como alicerce. Quando uma travesti decide estabelecer uma relação conjugal com um homem, se imagina que esse relacionamento romperia com o padrão hegemônico. Ledo engano. Ao contrário do que supõe o senso comum essa união não será pautada por “transgressões”. Ali identificaremos marcas heteronormativas bem conhecidas: o ciúme, o ideal do amor romântico, a expectativa de que o homem seja o provedor do lar, entre outras coisas.

Há, entretanto, suas particularidades – rupturas e continuidades - da mesma maneira que há em qualquer tipo de relação de conjugalidade. A agressão física partindo da travesti sem o revide do marido dá mostras dessa singularidade. Essa está evidenciada quando verbalizam que “lá em casa a gente conversa”. O que sucede a essa verbalização pode ser uma atitude incontrolável de ciúme acionada pelo simples cumprimento que o marido dirige a alguém. Essas relações demonstram-se permeadas por grande intensidade e pela vivência de situações extremas.

As travestis talvez sejam fundamentais para que a masculinidade de seus maridos seja compreendida por eles como marcadamente heterossexual na medida em que suas práticas sexuais e seus critérios de escolha reiterem o modelo hegemônico. Atrevo-me a dizer que

nessa relação esses homens também afirmam o seu gênero masculino sob a perspectiva social. Eles são os que penetram, os que são ativos. Reafirmam na intimidade de suas práticas sua heterossexualidade. Tal contradição parece estar contemplada no prefácio à obra de Perlongher (2008). Ainda que debruçados sobre outro contexto de pesquisa Richard Richard Miskolci e Larissa Pelúcio destacam: “é um grande paradoxo, pois o desejo é homo-orientado, mas o objeto do desejo tem de parecer hétero” (p.13).

Para os homens pesquisados, trabalho não representa apenas uma atividade física ou intelectual mas, por estar envolto por significados simbólicos, ele é fundamental para eliminar uma possível “imagem” de gigolô que comumente é associada àqueles que se relacionam ou dependem de uma profissional do sexo.

Por outro lado, para as esposas participantes o labor está em outro patamar de valor figurado. Elas preferem sustentar seus companheiros a pensar na possibilidade de que eles estejam à mercê de uma relação extraconjugal no ambiente onde exercem suas funções. Embora algumas etnografias indiquem que um “homem trabalhador” seja um critério para que elas se aliem com alguém, se elas nutrirem profundo sentimento por eles, elas se responsabilizarão por todas as despesas.

A convivência em bairros populares parece determinante para a sociabilidade destes casais. Parece legítimo poder afirmar que essa forma de conjugalidade encontra nessas localidades um espaço de maior tolerância. Valeria a pena investigar em que medida se daria a aceitação desse tipo de aliança em bairros de classes mais privilegiadas. Nos limites dessa pesquisa fica a sensação de que nas classes populares há menor “patrulhamento” dos códigos morais dos casais, diverso daquele suposto nas regiões de classes sociais abastadas.

O temor da traição é determinante para que as travestis acionem um intrincado sistema de vigilância sobre o comportamento do seu companheiro. A fim de ampliarem o controle sobre seus maridos elas envolvem outras pessoas que pertencem à sua rede social. O ciúme que essas esposas expressam, através de agressões verbais e físicas, pode ser neutralizado com algumas estratégias: evitar a circulação por locais onde transitem outras travestis, atender um telefonema longe do parceiro, desestimular o convívio com vizinhos são alguns exemplos.

Diferentemente do que se imagina a rotina desse marido é bastante limitada. Restrito a jogos de videogame, programas televisivos, idas a festas religiosas, o repertório restrito de seu lazer é consequência, em última análise, do ciúme e do medo de uma eventual traição. É peculiar a maneira que ocorre a gerência das rotinas caseiras e a divisão das tarefas domésticas. Durante o tempo que o marido está sem trabalhar fora de casa, a responsabilidade

pelo asseio da casa é totalmente dele. A travesti, nessa situação, se limita a lavar a roupa do casal e eventualmente cozinhar. As “regras” de convivência, a divisão das tarefas caseiras e as decisões que precisam ser feitas são realizadas pela travesti sem que o marido opine.

A diligência frente às situações cotidianas ocorre também sobre o comportamento do cônjuge. Presenciei inúmeras imposições exercidas sobre seus maridos. Elas delegam quando falar, o que falar, quando responder aos meus questionamentos e desmentem as falas dos maridos nos casos de discordarem deles.

Talvez o agenciamento que exercem esteja imbricado a outra situação recorrente em suas falas. Elas se percebem como salvacionistas da vida dos companheiros. Manifestam essa característica porque atribuem a si as mudanças de comportamento de seus maridos. Se eles deixaram de ser usuários de drogas, não consomem mais bebidas alcoólicas, abandonaram o trabalho de profissionais do sexo e desempenham outra função laboral, elas creditam a si mesmas o mérito destas transformações.

Na condição de quem conduz a relação as travestis assumem, também, os cuidados com a saúde do marido. Elas agendam as consultas, buscam medicamentos na farmácia comunitária e acompanham os maridos na ida ao médico.

Defrontar-se com esse contexto social alicerçado pelos Estudos Culturais e a produção intelectual dos teóricos *queer* foi fundamental para eliminação de preconceitos e estereótipos que me constituem. Por isso, incorporar essas ferramentas de análise, bem como as discussões e debates relacionados à educação, sexualidade e relações de gênero nos currículos das instituições escolares seria um avanço para a compreensão das relações não hegemônicas.

As pedagogias que atualmente sustentam a educação de maneira exclusiva dividiriam atenção com um conjunto de métodos que, ao meu entender, arejariam os conceitos que parecem estar fixos, engessados. Contribuiria para instrumentalizar os docentes diante situações que atualmente o currículo não “dá conta”. Tal mudança poderia deslocar a conjugalidade de uma travesti e do seu marido, assim como de outras formas de alianças, da esfera do “exótico”. Tal afastamento poderia contribuir para superação da homofobia, cooperando para assegurar a cidadania e o respeito aos direitos sexuais e humanos de quem vivencia conjugalidades que hoje ainda provocam estranhamento.

Independentemente dos “achados acadêmicos” esta pesquisa possibilitou meu encontro com pessoas antes percebidas como abjetas, mas que agora fazem parte do meu universo. Conseguir resgatar a humanidade dessas pessoas e perceber que brilho esses olhos têm talvez tenha sido a grande lição

Na privilegiada condição de escritor, Caio Fernando Abreu traduziu esse tipo de convergência afirmando que admirava o brilho nos olhos.

“Aquele brilho que têm os olhos das pessoas que viram coisas que as outras pessoas não ousaram ver” (...) Porque “nada do que possa se passar no coração humano é vergonhoso. Nada é impuro quando acontece aquele movimento mágico de transformar a vida em arte. Penso em ti quando a vida me pesa e as pessoas batizam com nomes sórdidos esses lados escondidos da emoção”. (1984).

Para que haja essa transformação basta nos apropriarmos de um único sentimento: perseverança.

## “NUNCA ESTÃO TODOS”

ABREU, Caio Fernando. **Meu Amado Pasolini**. Disponível em: <http://caiofcaio.blogspot.com/2011/05/meu-amado-pasolini.html>. Acesso em: 20 maio 2011.

ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de; JANNELLI, Maurizio. **A Princesa**: depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

ALVES, Fabio Lopes. **Noites de Cabaré**: prostituição feminina, gênero e sociabilidade na zona de meretrício. São Paulo: Arte e Ciência, 2010.

ARAÚJO, Rogério. **Prostituição**: artes e manhas do ofício. Goiânia: Cãnone Editorial, Ed. UCG, 2006.

BENEDETTI, Marcos. **Toda Feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **O que é Transexualidade**. São Paulo: Brasilçienese. 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. A Dominação Masculina. In: **Educação e Realidade**, Vol. 20, nº02, p. 133-184, jul./dez. 1995.

BRASIL. Lei Nº 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Estabelece a Convenção sobre Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir, e Erradicar a Violência contra a Mulher**. Brasília, DF, 7 de agosto de 2006; 185º da Independência e 118º da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm). Acesso em: 07 nov. 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Judith. **Como os Corpos se Tornam Matéria:** entrevista com Judith Butler. 1998. Entrevista concedida a Baukje Prins e Irene Costera Meijer. In: **Revista Estudos Feministas**, São Paulo, 1/2002, p. 155-167 Tradução de Susana Bornéo Funck. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11634.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2009.

COSTA, Sérgio. Amores Fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. In: **Novos Estudos**, Nº 73, Nov. 2005, p. 111-124. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n73/a08n73.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2011.

DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira. **Nas Redes do Sexo:** os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FELIPE, Jane. **Do Amor ou como Glamourizar a Vida.** Disponível em: <http://generoesexualidades.blogspot.com/2010/09/do-amor-ou-de-como-glamourizar-vida.html?zx=463696b7daa5707530>. Acesso em: 03 maio 2011.

FONSECA, Claudia. A Morte de um Gigolô: Fronteiras da Transgressão e Sexualidade nos Dias Atuais. In: **Sexualidade e Saberes:** Convenções e Fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

\_\_\_\_\_. **Família, Fofoca e Honra:** Etnografia de Relações de Gênero e Violência em Grupos Populares. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2:** o uso dos prazeres. 13ª ed. São Paulo: Edições Graal Ltda, 2009.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder.** 19ª ed. São Paulo: Edições Graal Ltda, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: LTC-Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.2008.

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é Par:** gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In: **Horizontes Antropológicos**: Corpo Doença e Saúde, Porto Alegre, ano 4, Nº. 9, p. 103-117, out. 1998.

\_\_\_\_\_. Homofobia, temor, vergüenza y silencio en la identidad masculina Masculinidad/es. In: **Poder y Crisis**. Valdés, Teresa; Olavarría, José (eds.). Cap. 3, ISIS-FLACSO: Ediciones de las Mujeres Nº 24, p 49-62, Nº 24, Chile, 1997. Traducción de Oriana Jiménez. Disponível em: <http://www.caladona.org/grups/uploads/2008/01/homofobia-temor-vergüenza-y-silencio-en-la-identidad-masculina-michael-s-kimmel.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2011.

KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. O “Estranhamento Queer”. In **A Construção dos Corpos**. Perspectivas Feministas. Florianópolis: Mulheres, 2008.

\_\_\_\_\_. FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). O “Normal”, o “Diferente e o “Excêntrico. In: **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.

\_\_\_\_\_. Corpos que Escapam. In: **Labrys, Estudos Feministas**, Nº 4, ago./set.2003. Disponível em: <http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm> . Acesso em: 01 maio 2011.

\_\_\_\_\_. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. In: **Educação e Realidade**, Porto Alegre. Vol. 20, Nº 2, p.101-132. Jul/dez. 1995.

MEYER. Dagmar Estermann. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes, FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2011.

MÜLLER, Magnor. **“É Isso aí! Uma mistura dos dois!”**: a percepção das travestis sobre o seu corpo. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. Monografia para obtenção do título de especialista em Educação, Sexualidade e Relações de Gênero. Faculdade de Educação: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. **“Os Médicos nunca me tocaram um dedo! E eu cansei daquele Posto”**: a percepção das travestis quanto ao atendimento público de saúde. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Monografia para obtenção do título de especialista em Saúde Pública. Faculdade de Medicina Social: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

NETO, David Lopes; PAGLIUCA, Lorita Marlena Freitag. In: **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. (2002). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v10n6/v10n6a12.pdf>. Acesso em: 15 set. 2010.

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus: O Jogo aberto dos Travestis no Espelho da Mulher**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A Construção Social da Masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: UNESP, 2006.

**ONG Igualdade**. Disponível em: [http://igualdaders.zip.net/arch2009-08-16\\_2009-08-22.html](http://igualdaders.zip.net/arch2009-08-16_2009-08-22.html). Acesso em: ago. 2010.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e Desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; FAPESP. 2009.

\_\_\_\_\_. "Mulheres com Algo Mais" - corpos, gêneros e prazeres no mercado sexual travesti. In: **Revista Versões**, v. 03, p. 77-93, 2007. Disponível em: <http://www.clam.org.br/publique/media/mulherescomalgomais.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. **Nos Nervos, na Carne, na Pele: uma etnografia sobre a prostituição travesti e o modelo preventivo de AIDS**. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007. 312 f. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007. Disponível em: [http://portal.saude.sp.gov.br/resources/crt\\_aids/arquivosbibliotecacrt/artigospdfcompletos/Larissa\\_Pelucio\\_travesti.pdf](http://portal.saude.sp.gov.br/resources/crt_aids/arquivosbibliotecacrt/artigospdfcompletos/Larissa_Pelucio_travesti.pdf). Acesso em: 22 set. 2010.

REVEL, Judith. **Foucault**: conceitos essenciais. São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Joflson. Terreiros de candomblé da BA pedem que filhos-de-santo se declarem ao Censo 2010. In: **Observatório Nacional**. Disponível em: <http://observatoriolaicidad.blogspot.com/2010/08/23082010-07h05-terreiros-de-candomble.html>. Acesso em: 10 fev. 2011.

SCOTT, John. (org.). **Sociologia**: conceitos – chave. Rio de Janeiro: Zahar. 2010.

SEFFNER, Fernando. Gênero, Sexualidade, Violência e Poder: Homens = sexo, violência e poder: dá para mudar esta equação? In: **Salto para o Futuro**: educação para a igualdade de gênero. Ano XVIII. Boletim 26. Novembro de 2008. Ministério da Educação.

SILVA, Hélio R.S. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como Fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 1ª ed; 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TAUBE, Maria José de Mattos. Alianças partidas ou a dor da separação conjugal nas camadas populares. In: Porchat, Ieda (org) **Amor, casamento, separação**: a falência de um mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica. 2005.

VÍCTORA, Ceres Gomes; KNAUTH, Daniela Riva; HASSEM, Maria de Nazareth. **Pesquisa Qualitativa em Saúde**: uma introdução ao tema. Porto Alegre: Tomo, 2000.

WEEKS, Jeffrey, O Corpo e a Sexualidade. In: **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu (org.); HALL, Stuart. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

**“UNS MEUS”**

## **APÊNDICE A - ROTEIRO PARA ENTREVISTA PILOTO:**

Inicialmente, lembrar aos informantes que, se eles não quiserem responder a alguma pergunta, não precisam, não são obrigados, basta dizer que não querem, sem problemas, não queremos causar constrangimentos.

Lembrar também que eles não serão identificados por nomes ou endereços, são entrevistas anônimas.

### **1º bloco das questões norteadoras:**

Nome, idade, escolaridade, trabalho, cidade onde nasceram, irmãos e irmãs, pais (vivos?), filhos? Situação profissional atual, pequeno histórico das profissões e empregos anteriores, principais datas da vida (viagens, mudanças, casamentos anteriores, etc.)

### **2º bloco das questões norteadoras:**

Como o casal se conheceu? Depois de se conhecerem, quanto tempo levou para irem morar juntos? Para qual casa foram: a dele ou dela, ou nenhuma das duas? Quem tomou a iniciativa para abordar o outro? Algum amigo(a) os apresentou? Caso tenham se conhecido em uma boate, por exemplo, se paqueravam anteriormente, já haviam “ficado” antes de decidirem casar. Há quanto tempo estão juntos? Sempre moraram neste endereço? Estão bem aqui? Pensam em mudar?

### **3º bloco das questões norteadoras:**

O marido já tivera experiências ou relacionamentos (aqui podemos pensar num tempo, 1 mês, 2, 3, 1 ano) anteriores com outra(s) travestis? Com homem(s) gays? Com mulher(es)? Como foi a vida afetiva e sexual anterior do marido? Já foi casado, teve filhos, outras mulheres, outras histórias com travestis, etc. ficou muitos anos solteiro? Começou a namorar tarde, ou cedo? Se houver clima de intimidade, podemos perguntar como foi a primeira transa dele?

#### **4º bloco das questões norteadoras:**

Estratégias utilizadas para esvaziar o constrangimento:

Há locais que vocês evitam ir juntos? (aqui podemos pensar, também, nos locais onde eles se sentem à vontade. Por exemplo, o Mercado Público. Lá, percebo que, caso haja homofobia nos bares, ela é muito bem disfarçada, pois das vezes que lá estiva com as travestis, nunca percebi, sequer, um olhar diferenciado.)

Como se dão as visitas aos familiares, amigos, a igreja, ao supermercado, para comprarem roupas, vocês vão juntos, vão separados? Talvez algum deles vá, escolha, por exemplo, a roupa e o outro, depois vá e compre.

A prioridade das amizades é as dele ou as dela?

Já houve algum momento de constrangimento? Em caso afirmativo, onde e qual foi(foram) a(s) reação(reações) de vocês?

São respeitados pelos vizinhos? Há parentes que evitam frequentar? Há parentes com quem se dão melhor? Como ficam as relações com colegas de trabalho? Já tiveram algum problema com igrejas ou pastores? Abriram conta conjunta em banco? Compraram algum bem em comum? Pensam em fazer isto? Pensam em regularizar a situação por via judicial ou cartorial?

#### **5º bloco das questões norteadoras:**

Quais são os motivos de estarem juntos?

As alegrias de se ter um relacionamento?

Se tivessem que comparar com os relacionamentos mais tradicionais, ou “normais”, de homens e mulheres, que diferenças e que semelhanças existem com a situação de vocês?

Acham que é possível ser feliz na sociedade atual, num relacionamento deste tipo?

Para finalizar a conversa

Há mais alguma coisa que gostariam de falar?

Gostaram de responder a entrevista?

Alguma pergunta lhes incomodou?

## **APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO**

Data:

Prezado Participante,

Gostaríamos de convidar você a participar de uma discussão que terá como tema central a maneira como se dá a construção da masculinidade dos maridos das travestis, a conjugalidade destes casais e os aspectos da sociabilidade vivida por estes homens

Os dados resultantes destas conversas serão utilizados para a obtenção do título de Mestre em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Gostaríamos de deixar claro que seu nome será mantido em sigilo e que você tem total liberdade para aceitar ou não participar desta discussão, sem que isso tenha qualquer implicação. Estamos à sua disposição para esclarecer todas as dúvidas relativas a esta pesquisa, tanto agora quanto em um momento posterior, bastando para isso contatar no seguinte telefone: xxxxxxxx (Magnor Muller).

Agradecemos desde já sua disponibilidade,

Atenciosamente,

Pesquisador: Magnor I. Muller; e-mail: [magnormuller@terra.com.br](mailto:magnormuller@terra.com.br)

Pesquisador responsável: Dr. Fernando Seffner. Telefone 3308 3993